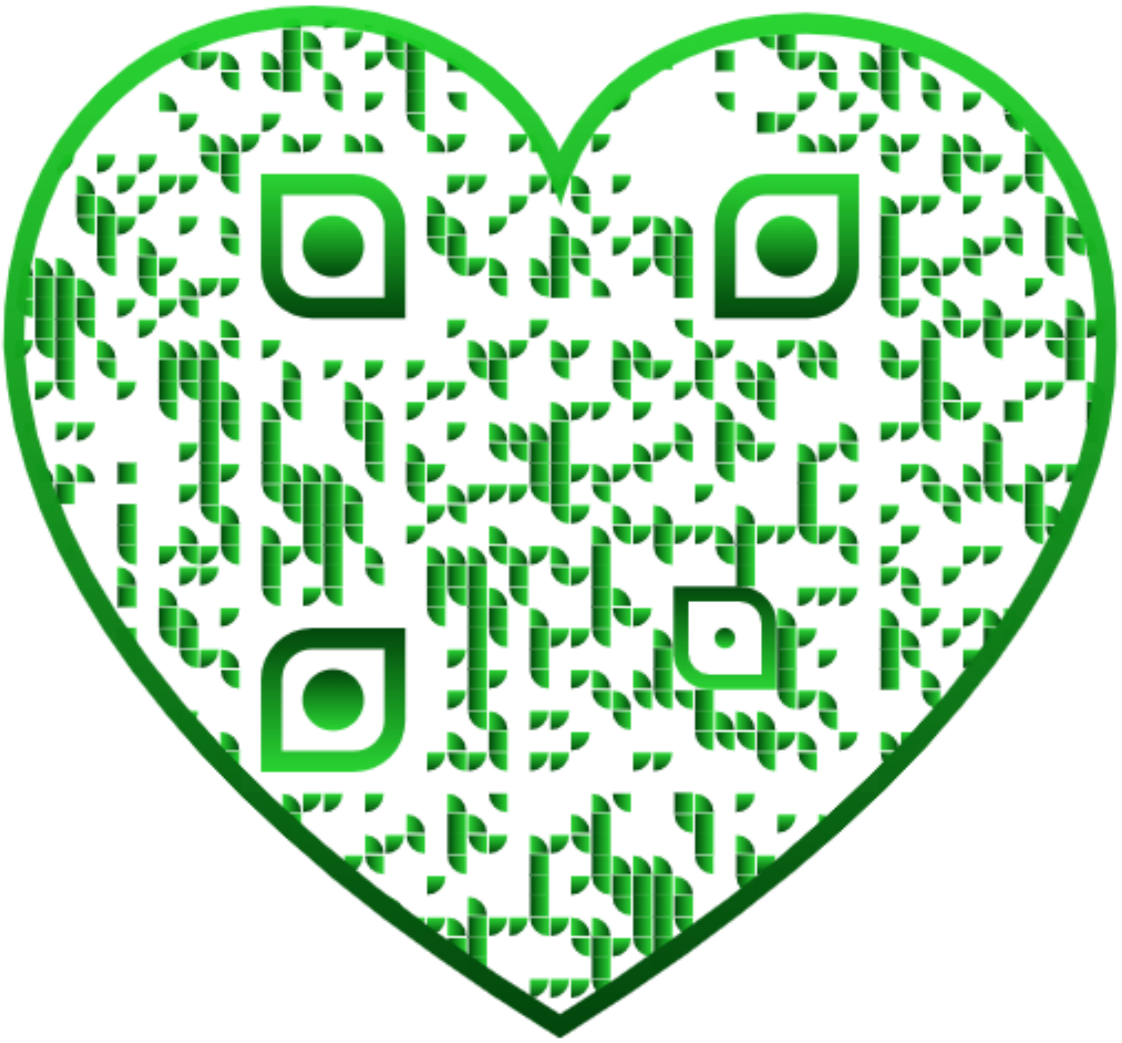
Paula Fernandes
com Sibelle Pedral
Pássaro de fogo
Minha história



Paula Fernandes

com Sibelle Pedral

Pássaro de fogo

Minha história

paralela

Dedico este livro à minha querida mãe, Dulce, que, afinal, me trouxe ao mundo e sempre me deu o seu melhor.
A ela, que se dedicou a cuidar de mim e de meu irmão, Nilmar; que sobreviveu à miséria em tempos ruins e à ausência de meu pai, dentro e fora de casa; que abdicou de tudo para nos criar.
Foi ela quem me ouviu pela primeira vez naquele dia abençoado e sempre esteve ao meu lado. Foi ela que teve olhos para a artista que eu já era e viu algo que ia além do meu cantar.
Eu devo a ela a minha garra e força de Fênix.
Minha mãe me fez Pássaro de Fogo no dia em que não me deixou pular.

Te amo, mamãezinha.

Sumário

Introdução

1. Jeito de mato: a vida no sítio
2. Desculpe, mas eu vou chorar: a descoberta da música
3. Fale comigo: o primeiro vinil
4. Voarei: vida de rodeio
5. Complicados demais: o fundo do poço mais fundo
6. Sensações: a alegria de voltar a cantar
7. Ave-Maria Natureza: "É a visceral que eu quero"
8. Pássaro de fogo: esse trem vai ser grande
9. Costumes: Roberto Carlos e a praia vista da janela
10. *Over the rainbow*: 2011, o ano em que tudo aconteceu
11. *You're still the one*: Taylor, Shania e eu
12. Se o coração viajar: a cantora global
13. Pronta pra você: meus amores

Epílogo
E uma reflexão antes de terminar

Caderno de imagens
Agradecimentos
Créditos das imagens

Introdução

Não era o andar mais alto, mas era alto o suficiente para eu saber que, se saltasse, o problema estaria resolvido. Nunca mais teria que esperar o telefone tocar na expectativa de um show, de uma promessa. Nunca mais frequentaria hotéis com baratas que rondavam minha cama. Nunca mais sentiria que a vida estava passando, mas eu não a vivia. Nunca mais haveria aquela dor inexplicável, paralisante, na alma. Bastava uma dose de coragem e pronto.

Minha mãe e eu tínhamos chegado a São Paulo havia pouco tempo e estávamos hospedadas em um hotel no centro da cidade. Eu acabara de gravar um CD pela Number One, gravadora do cantor Eduardo Araújo. Existia uma chance, talvez a maior até aquele momento, de que minha carreira finalmente engrenasse. Eduardo, artista veterano, estrela da Jovem Guarda, estava lançando, além de mim, a dupla Victor e Leo e a própria filha, Mônica Araújo. Ele estava otimista. O CD tinha ficado bom.

Mas eu estava cansada demais. A confusão na minha cabeça era tão grande que me impedia de ver luz no fim do túnel. Eu não estava mais dando conta. Comecei a emagrecer, fui sentindo uma tristeza por dentro. Perdi metade do meu cabelo. Eu não sabia, não entendia — pura ignorância —, mas estava doente, com uma depressão fortíssima. Eu tinha quase dezoito anos e não queria mais viver.

No quarto estávamos só minha mãe e eu. Me aproximei da janela, olhei para baixo, me virei para ela e avisei:

“Vou pular.”

E, mesmo diante do horror nos olhos dela, reforcei:

“Mãe, não chega perto. Eu vou pular. Não aguento mais.”

Minha vida não fazia nenhum sentido. Nunca tinha tido um namorado nem tomado um porre. Fui ao cinema pela primeira vez aos quinze anos. Amigos, zero. Não tinha vida social. Se alguém me oferecia um sorvete, eu perguntava à minha mãe: “Mãe, eu quero sorvete? Será que vou gostar?”. Nunca havia ido a bailinhos de adolescente — ou melhor, até fui, mas para cantar: eu é que era a atração musical. Nunca houve viagem de férias. Eu achava que a culpa era do meu trabalho. Levava uma vida nômade e passava longos períodos sem ir à escola, tendo aulas em casa com minha mãe, que era professora de formação. O que eu fazia me limitava. Naquele momento, porém, eu é que tinha chegado ao meu limite.

Sentada na cama, minha mãe me observava, imóvel. Hoje sei que ela teve poucos segundos para fazer a coisa certa. De alguma forma, intuitivamente, fez.

“Filha, calma. Prometo que as coisas vão mudar”, ela disse. E começou a rezar uma ave-maria, a voz meio tremendo, mas sem vacilar. “Filha, me acompanhe”, pediu. “Eu te amo mais do que a minha vida.”

Comecei a chorar, ainda encostada na janela. Minha mãe fez o mesmo. Não sei por quanto tempo ficamos assim, chorando, distantes uma da outra. Talvez eu tenha baixado a guarda sem perceber e só então ela se aproximou, cautelosa. Eu me deixei abraçar. Caímos de joelhos e rezamos juntas.

Tenho poucas lembranças do que aconteceu depois. Talvez eu tenha me acalmado, adormecido, exausta por dentro e por fora. No dia seguinte, de novo minha mãe e eu no mesmo quarto de hotel, fui até a janela e mais uma vez ameacei pular. Mas então minha mãe estava preparada e se aproximou, decidida — tão decidida que fiquei sem ação, esperando para ver o que aconteceria. Para meu espanto, ela me afastou e começou a projetar o próprio corpo para fora da janela.

“O.k., filha, você quer pular. Vamos fazer o seguinte. Eu vou primeiro, porque não suporto a ideia de viver sem você. Então, você me segue. Vamos morrer juntas.”

Alguma coisa na voz dela me dizia que não estava brincando. Talvez minha mãe também estivesse exausta. Então, eu é que a abracei e afastei-a da janela. Lembro de ter chorado muito nesse momento.

“Você me ama a ponto de morrer por mim, mãe?”

“Meu amor por você é maior do que tudo que você possa imaginar nessa vida.”

Nós duas nos abraçamos por um longo tempo. Ali, era a filha que se sentia amada, não a cantora.

Será que, do ponto de vista da psiquiatria, é possível determinar quando começa uma depressão?

Eu tinha uma pista sobre a primeira fagulha da minha.

Um dia, aos onze anos, cheguei da escola e encontrei as malas feitas na sala de casa. Àquela altura, já morávamos na cidade de Sete Lagoas, no interior de Minas Gerais — não mais no sítio onde eu passara meus primeiros anos. Havia uma certa cerimônia no ar. Meu pai e minha mãe estavam sentados no sofá; ela cruzava e descruzava as mãos, com algum nervosismo.

“Filha, senta”, ela pediu. Pus a mochila da escola no chão e sentei. Estava assustada. Muito assustada.

Quem me deu a notícia foi meu pai: “Filha, nós vamos nos mudar para São Paulo para cuidar da sua carreira”.

Eu nem respirava. Um filme passou pela minha cabeça. Eu tinha certeza de que, se ficasse em Sete Lagoas, seria apenas mais uma criança-cantora-talentosa que a vida engoliria. Que a idade adulta engoliria. Em São Paulo, as chances de sucesso eram maiores e reais. Por outro lado, a responsabilidade aumentava. Todo mundo abrindo mão de tudo por mim. Foi a primeira grande guinada da minha vida, e foi muito difícil aceitá-la.

Pesou demais. Ninguém precisou me dizer que era pesado. Eu sentia. Já fazia três anos, desde os oito, que eu estava concentrada na minha "carreira" — entre aspas, porque ainda não era uma carreira de verdade, como a dos cantores que eu admirava, como Leandro e Leonardo, Zezé di Camargo e Luciano, Angélica ou Chitãozinho e Xororó. Era responsabilidade demais, embora eu, naquela idade, não fosse capaz de elaborar esse raciocínio. Mas me pareceu apavorante que meus pais deixassem tudo o que tínhamos ali, mesmo que não fosse um grande patrimônio, para investir em mim. Esperavam que, com onze anos, eu já soubesse o que queria, e por acaso coincidia com o que me diziam: que eu queria ser cantora. Ninguém me perguntou se eu topava ser arrimo de família ou se eu queria ser criança. Vai desistir agora?, eu me questionei. Claro que não, eu mesma respondi. Sou cantora. Gosto de cantar. Se existe uma coisa que sei fazer direito, é tocar e cantar. Então vamos em frente, Paula, disse a mim mesma.

Esta é a história de uma cantora que abriu mão de muita coisa para cantar. De uma menina que não foi criança, mas conseguiu se tornar uma mulher equilibrada. De uma adolescente que sentia falta de um mundo de coisas que ela não sabia o que eram, mas que, quando enfim soube, conseguiu conquistar — não tudo, mas muito. De uma garota que achava que para ser cantora não podia ter vida, porque, se tivesse vida, não conseguiria cantar. De uma jovem cantora que dizia para si mesma: "Quando eu tiver minha casa, aí sim arrumo um namorado". De uma menina que obedecia ao pai e à mãe e que nunca teve coragem de dizer: "Isso eu não quero fazer". Que foi sacrificada e redimida por tudo o que lhe foi imposto, e encontrou seu caminho. E nesse caminho havia sofrimento, mas também fama e felicidade.

Coube tudo isso e muito mais dentro de mim.

1. Jeito de mato: a vida no sítio

A casa era pequena. Por fora, as paredes tinham um reboco branco meio descascado. No interior, a luz do sol entrava pelas janelas de madeira, iluminava a poeira em suspensão e suavizava a aridez dos poucos móveis baratos. O quarto que eu dividia com meu irmão era tão apertado que só cabiam nossas duas camas de solteiro, camas de campanha, com colchão fino. Na sala havia um sofá bege e um rádio de pilha — o aparelho de TV em preto e branco só veio mais tarde. Na cozinha de terra batida morava o artista principal da casa, um fogão a lenha, que mesmo apagado ainda era acolhedor. Com exceção dos invernos secos, não fazia frio no sítio de quinze alqueires situado às margens do rio Cipó, na borda de Sete Lagoas, cidade industrial localizada a pouco mais de setenta quilômetros de Belo Horizonte. Mesmo assim, meu irmão Nilmar e eu brigávamos todos os dias pelo lugar mais próximo do calor do fogo. Sentávamos sobre o fogão, na superfície plana e levemente aquecida onde os pratos, depois de prontos, ficavam esperando a hora de ir para a mesa.

No banheiro não havia vaso sanitário. O chuveiro demorou a chegar: por muito tempo, houve apenas uma grande bacia onde minha mãe nos banhava com água aquecida no fogão a lenha; uma água com cheiro de queimado. Água que se aquece em fogão a lenha tem um perfume próprio, e também tem sabor — ainda hoje, se eu fechar os olhos, consigo sentir o cheiro e o gosto. As janelas do banheiro eram basculantes sem vidro, vedadas com plástico nas noites mais frias. Um dia,

arrumou-se um chuveiro — na verdade, um objeto que lembrava um grande regador inclinado, feito de alumínio, onde alguém, talvez meu pai, despejava a água que vinha pelando do fogão a lenha e nós misturávamos com água fria. Durante muito tempo, tomamos banho assim.

Não éramos muito pobres. Éramos apenas pobres.

No entanto, eu não trocaria aquela minha infância por nenhuma outra. Foi ela que me fez forte e frágil. Valente e medrosa. Matreira e obediente. Lá no sítio, era a natureza que dava as regras. Foi com ela que aprendi a respeitar os limites do ambiente onde eu vivia. Era a menina que esperava a galinha-d'angola se afastar para, com uma colher de pau, roubar os pequenos ovos rosados, bege ou azuis que ela punha em um ninho no meio do mato — e que eu adorava comer. Era a menina que subia no cavalo em pelo, e a única da família que não precisava chantageá-lo com nenhum agrado para que se deixasse montar. Que ignorava as aranhas enormes e, com cinco anos, já sabia tirar leite da vaca. Era também a menina assustada que morria de medo de passar pela grota, uma fenda escavada pela água numa ribanceira do sítio. Aos meus olhos de criança, era mais funda do que qualquer poço; se eu bobeasse, ela poderia me engolir. Era a menina que tinha pavor de usar o buraco no chão que funcionava como privada, e fazia o necessário atrás dos pés de limão do sítio.

A menina diferente que eu fui fez de mim a mulher diferente que eu sou.

O sítio pertencia ao meu pai, Osvaldo. Na pequena casa, morávamos quase em comunidade. Além dos meus pais e do meu irmão, viviam lá meus avós paternos, Nelson e Sebastiana, tio José e tia Lieta, irmãos de meu pai; ela era minha madrinha de batismo. Sem falar nas galinhas, nos cachorros, nas vacas, nas cabras, na porca. Meu avô havia sido tropeiro: atravessava as Minas Gerais no lombo de uma mula vendendo sacas de café. Naquele momento, já velho, era uma figura pacata e dorminhoca, que vivia fazendo o quilo (no interior de Minas, era assim que chamávamos a sesta) em um banco de madeira

na cozinha. Ele tinha uma pinta na língua, adquirida de tanto comer pequi, fruta típica do cerrado com uma camada fina de espinhos sob a polpa. Eu sentia pavor de espiar aquela verruga esquisita que ele vivia exibindo, muitas vezes (mas nem sempre) sem querer. No entanto, tenho boas lembranças de andar a cavalo com esse avô. Foi o primeiro a ter coragem de me levar para cavalgar, quando eu ainda tinha meses de vida. Diz a lenda da família que eu gostei tanto que comecei a chorar quando me apearam; daí em diante, para me fazer dormir, bastava alguém subir comigo em um cavalo.

Era uma casa de mulheres fortes. E trabalhadoras. Minha avó era o general: cozinhava, lavava e passava, cuidava da horta, carpia, capinava — mesmo as tarefas consideradas masculinas eram dela. Minha tia, solteira, trabalhava de sol a sol ao lado da minha avó, até morrer de infarto com apenas 41 anos — ao sair para buscar o bezerro de uma vaca recém-parida, caiu morta na frente da casa. (Essa foi a primeira morte com que lidei, da qual apenas tive notícia, pois não me deixaram ver corpo nem caixão.) Minha mãe, que era professora, cismou de dar aulas na zona rural quando chegou à roça, então negociou com o prefeito o envio de carteiras, uma lousa e merenda, e montou uma sala de aula para crianças do primeiro ao quarto ano em um cômodo ao lado do paiol da nossa propriedade. O piso era de terra batida e o reboco, uma mistura de argila branca do quintal e esterco de vaca; quando minha mãe rebocava as paredes, o cheiro era ruim, mas com o tempo desaparecia. No começo, ela até tinha um plano de aulas, mas desistiu dele quando percebeu que, apesar de as crianças terem idades diferentes, ninguém sabia ler nem escrever. Tinha fama de professora brava, porém os meninos que passaram pelas suas aulas saíram de lá alfabetizados e realizando as quatro operações matemáticas.

O trabalho, pelo qual recebia um salário mínimo, pago pela prefeitura, não a livrava da lida com o sítio. E era uma rotina áspera. Não me lembro de ver minha mãe sentada pensando na morte da bezerra. Recordo, isso sim, de vê-la arrastando toras

para construir uma cerca ao redor da propriedade, escavando o chão para fincar a madeira e passando o arame farpado pelos ganchos que ela mesma pregava. Não havia trabalho que ela recusasse: trabalhava no canavial e se cortava toda; se precisasse, entrava na carvoaria e saía de lá preta de fuligem — ela, que era uma mulher linda e desejada, mesmo na sua simplicidade. Uma das suas tarefas era vigiar o ponto da cachaça que fazíamos. Dona Dulce, que nunca bebeu, era incumbida de tomar conta do caldeirão onde se fervia a garapa até obter o destilado. Muitas vezes, ela olhava o líquido às sete da noite e calculava: só vai dar ponto por volta da uma da madrugada. Perto desse horário, ela descia até o engenho levando a mim e Nilmar adormecidos. Abria um velho lençol azul calcinha sobre uma camada macia de bagaço de cana e nos punha ali, ao alcance do olhar. Não queria nos deixar sozinhos no quarto. Eu me lembro do barulho do bagaço amassando quando a gente deitava, e também do cheiro adocicado da cana fervendo.

Os cheiros.

Minha infância foi povoada por cheiros. Anos mais tarde, quando comecei a conviver com outras pessoas, percebi que tinha me tornado muito sensível a eles. Reparo, penso sobre eles. Da fumaça que saía do fogão a lenha. Da chuva que cobria a terra seca. O cheirinho de sujeira da minha tia Lieta, que quase nunca tomava banho e usava todo dia as mesmas saias compridas, com anáguas encardidas e blusinhas de botão — esse cheiro, para mim, era cheiro de carinho, porque a tia-madrinha me adorava e muitas noites eu dormia no canto dela na casa.

O cheiro do curral, que não ficava distante da sala de casa. E havia também o cheiro das fezes de vaca que ficavam espalhadas pelo sítio — que me faziam escorregar, mas eu nem me importava. Não tinha nojinhos de menina. Eu me via forte, e encho a boca para dizer isso; todos temos dentro de nós o masculino e o feminino, e meu masculino sempre foi poderoso. Nilmar veio bem depois e, querendo ou não, eu era

o menino da casa. Vivia de calça jeans e botina. Não me penteava nunca. No sítio, havia um pássaro cujo ninho parecia meu cabelo: chama-se joão-graveto. Eu tinha tantos nós nos cabelos, mas tantos nós, que nunca se sabia o que poderia sair de lá: galho de árvore, folhinha do pé de jabuticaba (porque eu vivia trepada nas jabuticabeiras), besouro, terra. De vez em quando, minha mãe me pegava para tirar bicho-de-pé: eu tinha verdadeiras colônias nos dedos das mãos e dos pés. Mas não deixava que ela mexesse, menos por medo da dor e mais porque morria de pena dos bichinhos. Minha mãe, então, esperava até que eu estivesse deitada, quase adormecida, e se aproximava com a lamparina — demorou até que a luz elétrica chegasse ao sítio. Por mais que eu puxasse o pé e a mão, ela cutucava com agulha, arrancava os bichos um a um e os queimava na chama da lamparina. Eu me lembro do cheiro da lamparina e do barulho de bicho torrando.

Os sons.

A lenha crepitando. As folhas no quintal estalando quando pisávamos nelas. O mugido das vacas no pasto. O canto dos pássaros, as galinhas piando, o vento nas folhas das árvores. No paiol, um dos meus brinquedos preferidos era a palha de milho. Eu gostava tanto de ficar ali que um dia fizeram para mim um colchão que consistia em um saco de linhagem recheado de palha que soltava estalidos quando eu me deitava nele. Depois, passava dias me coçando.

Nossa comida era boa e vinha da terra que cultivávamos. Só o arroz era "importado" da cidade; os legumes e as folhas — couve, quiabo, alface, jiló, cenoura, rabanete, chuchu — vinham da nossa horta. O feijão era cultivado casado com milho e abóbora — sabedoria dos antigos que ainda vigora em muitas propriedades pequenas —, pois essas culturas se protegem mutuamente e a combinação entre elas torna o solo mais fértil. Eu me metia no meio do milharal com minha peneira para colher feijão; gostava do barulhinho da casca do feijão se desprendendo (sons, muitos sons). Aprendi a fazer trança no "cabelo" do milho; o milharal inteiro tinha trança.

Na minha casa, todo dia tinha angu, graças ao moinho de fubá. Se minha mãe me mandava para a horta, sempre voltava com umas cabecinhas de alho, que eu gostava de morder e sugar. Os tomates e pimentões tinham gosto de sol e terra fresca. E havia, claro, as frutas. Na frente de casa, dois pés, um de laranja-da-terra e outro de cidra, que rendiam muitas panelas de doce. A goiabeira carregada exalava um cheiro mais intenso do que todos os outros. Carne, só quando alguém matava um porco ou uma galinha. Eu morria de pena, porque, de certa forma, conhecia todos os bichos do sítio. Havia até uma vaca que eu chamava de minha, barganhada com minha avó. O nome dela era Canara e só dava à luz fêmeas. Quando teve o primeiro filhote macho, foi uma festa. Chamou-se Canarinho e foi cuidado na mamadeira em casa, por mim e pela tia Lieta, porque era muito fraquinho.

Como o sítio era afastado da cidade, minha família e eu vivíamos em certo isolamento. Às vezes, passávamos seis meses sem encontrar nenhum vizinho e trinta dias sem ver ninguém além de nós mesmos. Não tinha estrada, não tinha nada perto, exceto a serra do Cipó. Na estação das chuvas, à noite ouvíamos o barulho da cachoeira mais próxima. Havia paz naquele silêncio.

Nesse cenário, as únicas crianças éramos Nilmar e eu, eu e Nilmar. De vez em quando aparecia um primo, mas era raro. Não importava: a gente sempre inventava alguma coisa. Não tínhamos muitos brinquedos de fábrica nem bichos de pelúcia. Meu primeiro bichinho ganhei quando tinha sete anos: um cachorro de brinquedo chamado Pit, que ainda guardo comigo. Então, o jeito era criar os próprios brinquedos e brincadeiras. Inventamos, por exemplo, nosso modo de jogar Banco Imobiliário — nem sabíamos que se chamava assim na cidade. As cédulas eram as folhas de um pé de manacá que ficava colado a uma mangueira muito vistosa, no quintal de casa. Arrancávamos as folhas, empilhávamos e estava ali nosso capital para comprar e vender casas, sacas de cana-de-açúcar, vacas e outras “riquezas” que conhecíamos da roça.

Fazíamos muito boizinho de manga, espetando gravetos, palitos de fósforo e espinhos do limoeiro em mangas verdes, como se fossem patas. Quando chovia ou não podíamos sair, brincávamos de teatro com uma velha colcha da minha mãe, estampada de onça — era nossa fantasia preferida, já que na roça o que não falta é história de onça. Também andávamos a cavalo quase todos os dias. E as brincadeiras eram essas.

Não ganhávamos muitos presentes. Os poucos que recebemos, portanto, foram memoráveis. Uma vez minha tia me deu dinheiro suficiente para comprar uma botinha vermelha com elástico do lado. Teve também o cachorro que minha mãe costurou com lençóis velhos para mim quando, já morando na cidade — Sete Lagoas —, pedi de presente o husky siberiano que aparecia no programa *TV Animal*. Meu avô, que era meu padrinho junto com minha tia, enrolava o quanto podia para me presentear. E olhe que eu era persistente.

"Vô, sabe quem é meu padrinho?", eu perguntava.

"Sei, Paua" (ele me chamava assim).

"E padrinho sabe que hoje é meu aniversário?"

Silêncio.

Eu pedia, mas não ficava cobrando ninguém. Sempre aconteciam muitas coisas no sítio, e eu logo me distraía do pedido. No Natal, deixávamos um pé de sapato debaixo da goiabeira ou no peitoril da janela. Sempre aparecia algum presente — mesmo que só um carrinho.

Lembro-me também de aprender a desenhar com meu pai, que era talentoso e esboçava animais quase perfeitos — um boi com o cupim (aquela corcova no dorso do animal) enorme, chifres e orelhas compridas, tão real que parecia querer se desprender do papel, e cavalos, muitos cavalos. Ainda hoje desenho bem, por aptidão e de tanto observar meu pai.

Quando meu irmão não podia brincar, eu me arranjava sozinha. No sítio, sempre que minha mãe ia buscar fubá no moinho, eu a acompanhava trotando em um cavalinho de madeira. Ela levava um saco para trazer o dela e eu outro, menor, para o fubá que eu mesma pegava. No caminho, eu

parava ao lado do córrego e tomava água em folhas de inhame, que são largas e têm formato de coração — enrolando, parecia mesmo um copo, quase perfeito. Eu gostava de ver a água dentro da folha, prateada à luz do sol.

Como todos os irmãos, Nilmar e eu brigávamos muito, e minha mãe desenvolveu um cardápio de punições engenhosas. A mais interessante delas era nos manter de castigo em um cômodo da casa abraçados um ao outro pelo tempo que ela determinasse. Imagine: na hora em que você está com mais raiva da pessoa, depois dos maiores quebra-paus, ter que ficar abraçadinho. Uma vez, depois de uma briga especialmente feroz, ficamos de castigo no quarto, grudados um no outro, os dois sentados na cama. Pela janela aberta, vimos chegar uma visita, um tio que havia muito não vinha nos ver. Não queríamos ser vistos naquele abraço e nos deitamos no chão, quietos, até a visita partir.

Todas essas imagens hoje são idílicas para mim. Mas, mesmo naquela época, eu já tinha alguma consciência de que aquele tempo e aquela vida eram bons. O isolamento em que vivíamos me mantinha afastada das pequenas e das grandes maldades humanas. No sítio, eu não tinha que me defender das pessoas — meus desafios eram outros: eu precisava me proteger de mordida de animal, de um espinho no pé, de um escorregão no córrego. A sensação que eu tinha era de que os dias eram longos, demoravam a passar. E isso era o melhor que podia acontecer.

O contato com a natureza também foi vital para minha formação como compositora. Nunca tive vontade de viver na cidade. Meu pai relata que, quando via aviões sobrevoando o sítio, eu dizia "Ô, avião, me leva". Não me recordo disso. Ainda hoje gosto dos hábitos que eu tinha no sítio. Mesmo quando a única alternativa que tive foi me mudar de lá, algum tempo depois, meu conceito de alegria continuou associado a voltar para a roça. Quando tive condições para isso, comprei um sítio, em uma tentativa (parcialmente bem-sucedida) de reproduzir as imagens e impressões da infância. É meu refúgio. É para

onde volto depois dos shows, das turnês, das felicidades e das decepções.

O sítio às margens do rio Cipó ainda está lá. Anos mais tarde, foi comprado por um tio e hoje tem outro dono. Não faz muito tempo, a convite de um programa de televisão, voltei para visitá-lo. A casa não existe mais. Morreu a mangueira enorme, tão generosa que até as vacas colhiam seus frutos, espichando o pescoço em movimentos meio desengonçados. O curral, o paiol e o velho moinho estão preservados.

Sinto falta daquele lugar. Em muitos dos meus sonhos, volto para lá. Sonho que caio na grota ou que subo no cupinzeiro para conseguir pôr o cabresto e montar no Queimado, o cavalo que só se deixava montar desinteressadamente por mim. Sonho que estou destruindo os cupinzeiros, como fiz tantas vezes com meu pai, morrendo de medo das picadas: nós os levávamos aos pedaços, com os cupins zunindo desesperados dentro de sacos plásticos, para dar às galinhas-d'angola, que comiam esses pequenos insetos. Acordo com o coração aquecido.

Para a criança que eu fui, era perfeito. Para a mulher que me tornei, é a base de tudo. Mas o fato é que não podia durar para sempre, e não durou.

Havia uma força motriz: minha mãe. Ela não via futuro ali no sítio para os filhos nem para ela própria. Onde estudaríamos mais tarde? Que vida teríamos se continuássemos ali? Estávamos no começo dos anos 1990 e as notícias que chegavam ao nosso cantinho afastado do mundo eram de um país que se abria e se modernizava. No sítio, era como se estivéssemos parados no tempo. Minha mãe não se conformava. Cochichava pelos cantos com meu pai que era hora de nos mudarmos para a cidade. Meus avós se opunham. Quando eu ouvia as conversas, desatava a chorar, esperneava, fazia escândalo porque queria ficar com o avô, a avó, a tia. Minha vontade infantil prevaleceu durante um bom tempo —

tanto que, quando nos mudamos para a cidade, ela precisou me engambelar. “Amanhã vamos fazer um piquenique”, me disse uma noite, ao me pôr na cama. Adormeci sorrindo de felicidade antecipada por causa do passeio raro, inesperado.

Naquela madrugada, enquanto todos dormiam o sono pesado depois da labuta diária, minha mãe, sozinha, empacotou nossos pertences e acomodou tudo na velha caminhonete que tínhamos: malas, vasilhas, um ou outro bibelô; não havia muito o que levar. Cobriu tudo com uma lona e, ao amanhecer, nos despertou para o “piquenique”. Ela enganou também meus avós porque sabia que, se dissesse a verdade, não nos deixariam partir. Meu pai nos acompanhou, pesaroso. Soubemos depois que minha mãe dera a ele um ultimato. “Eu vou, levando a Paula e o Nilmar, e não tente me impedir.” Ele não tentou: juntou-se a nós.

Para mim, ela era o homem da casa. E, no entanto, eu tinha adoração pelo meu pai — era Deus no céu, ele na terra. Vêm do meu pai meu talento para o desenho, como disse, e minha paixão pela natureza. Ele tocava viola sentado ao meu lado. Durante muito tempo, cultivei a imagem de um pai perfeito, que fazia desenhos lindos e me deixava copiar, e de uma mãe rigorosa, sempre ocupada, sempre sem tempo, que vivia com uma criança — Nilmar — agarrada a ela, exigindo atenção. Ela e meu irmão sempre foram muito próximos. Acho que tive ciúmes em alguns momentos, sobretudo quando ele nasceu; nessa fase, regredi a comportamentos de criança bem pequena, birras que eu já tinha abandonado. Mas não durou muito tempo. Eu era grudada com meu pai, Nilmar com minha mãe, cada um no seu mundo. Além disso, a vida na roça era interessante demais para eu chorar pelos cantos, com ciúme. Só muito mais tarde, quando adoeci, é que minha mãe e eu nos aproximamos mais profundamente. Nessa fase dura da minha vida, ela foi pai e mãe.

Nossa partida para Sete Lagoas foi um drama doméstico. Meus avós romperam com minha mãe, a quem acusavam de ter roubado o filho deles. Quando entendi o que estava

acontecendo, chorei sem parar. Logo de cara, já me puseram em um jardim de infância. O primeiro dia foi terrível. Nem o uniforme, que era bonito e tinha sido costurado pela minha mãe — um vestido azul de linhão —, servia de consolo. Mas, com sete anos, não há tristeza que dure para sempre. Aos poucos, fui me adaptando e correndo atrás de aprender o que não sabia, porque eu já estava um ano atrasada nos estudos. No ano seguinte, quando entrei na primeira série, tinha oito anos, um a mais do que o esperado. Nos fins de semana, meu pai me levava ao sítio para rever os avós e montar a cavalo. Aos poucos, a nova realidade se impôs.

No colégio, eu era boa aluna. Não fiz muitos amigos, e quase todos eram meninos. Eu, que tinha sido criada na roça e ao sol, subindo nas árvores e brincando de pega-pega com meu irmão, não achava muita graça nas bonecas das meninas — embora até tenha tido algumas quando nos mudamos para Sete Lagoas. Eu me achava meio rústica perto daquelas meninas que se enfeitavam e faziam intrigas umas com as outras; me sentia mais próxima dos garotos, que empinavam pipas, jogavam bola, falavam na cara da raiva que sentiam uns pelos outros depois de uma briga e dali a pouco estava tudo bem. Achava-os mais sinceros, inclusive comigo. Porém, quando eu fazia uma amiga, era tudo para ela. Sempre tive muita facilidade para imitar a letra dos outros, e, se fosse preciso, fazia a prova para a amiga em dificuldade. Ou do menino mais bonito da classe. Virei a melhor aluna. Queria ser chefe de classe, da mesma forma que tinha desejado ser anjo em procissão (nunca consegui) e daminha de casamento (também não consegui).

Com treze anos, eu me apaixonei pelo meu professor de matemática, um rapaz bonito que ia de bermuda às aulas para impressionar as alunas adolescentes. Paixão platônica, como a que senti pouco depois pelo menino mais bonito da sala. O professor nunca soube que eu gostava dele. Costumava desenhá-lo.

Eu não era uma menina vaidosa. Na verdade, tinha até certa vergonha de ser menina. Diz a lenda lá em casa que meu pai

sonhava com filho macho e nasceu uma fêmea. Não era o que ele deixava transparecer, mas havia coisas esquisitas. Se alguém esquecia uma calcinha no banheiro da casa, ele gritava: "Tem a cueca de alguém no banheiro!". Quando ganhei meu primeiro sutiã, eu quis enterrá-lo — era bege, sem graça — e jurei que nunca usaria. Quando menstruei, queria morrer. "Não é de Deus isso", eu pensava. Quis ser garoto, o que me parecia muito mais prático; podia brincar sem restrições, sem dramas. Jogava basquete com os meninos, vestindo shorts e camisetas largonas para disfarçar a silhueta desengonçada de adolescente (nenhuma semelhança com a cantora de corselete que surgiu muitos anos depois). Voltava para casa suada, quase o moleque que eu queria ser. Quando tomei anticoncepcional pela primeira vez, passei semanas me perguntando por que eu é que tinha que usar aquilo, e não o homem. Com o tempo, fui ganhando uma vaidade equilibrada. Faço eu mesma minhas unhas, gosto de maquiagem pesada e batons marcados, escolho roupas femininas, transparentes às vezes, mas também volto enlameada do cuidado com os cavalos e com as unhas sujas de terra depois de mexer na horta. Os dois mundos são bons. Não existe melhor nem pior.

Não era rebelde. O máximo de rebeldia da minha adolescência foi pintar cada unha de uma cor. E cabular aulas da professora Santina, que era muito brava, talvez porque tivesse nascido em 31 de outubro, dia das bruxas.

Minha letra mal aparecia nos meus cadernos escolares. A partir dos onze anos, embora eu estivesse matriculada regularmente na escola, já trabalhava como cantora e tinha uma agenda de gente grande, embora praticamente não ganhasse dinheiro. Viajava para cima e para baixo com meu pai, para apresentações em cidades vizinhas. Minha mãe convencera meus professores de que eu tinha um futuro brilhante como cantora, mas, para isso, precisava me ausentar muitos dias. Ela se propôs então a assistir às aulas em meu lugar e me passar depois a matéria. O mais doido é que eles concordaram. É a caligrafia dela que preenche meus cadernos

daquela época, mais do que a minha. Ainda assim, eram mais atualizados do que os das meninas que frequentavam as aulas. E, mesmo dessa maneira torta, eu sempre passava de ano porque era estudiosa e dedicada, do meu jeito e no meu tempo. Houve um ano em que passei com nota 98 de matemática tendo assistido a pouquíssimas aulas. Quando isso aconteceu, alguns pais fizeram um movimento para demitir o professor, argumentando que ele facilitava para mim. Na verdade, não era demérito dele, e sim mérito meu. Eu curtia o fato de ser boa aluna, de ser boa jogadora de basquete — era armadora, miúda e ágil —, gostava de tirar boas notas em inglês e espanhol, disciplinas que eu tinha na escola. Eu não era perfeita e nunca fui prepotente, mas gostava de saber que tinha muitas capacidades. Queria mostrar aos meus pais que eu era boa em outras coisas; podia ser mais do que artista.

E, no entanto, só havia um caminho.

Estava escrito, determinado. Não sei se era meu, se eu herdei talvez do meu pai, se veio de pequena como obrigação e nunca mais partiu de dentro de mim. Tinha que ser daquele jeito. Eu podia parar de cantar, como uma vez parei, mas não era possível fugir para sempre. Um dia, um produtor de estrada, diante dos meus conflitos, revoltas e questionamentos, quando eu pensava em desistir, me disse algo que nunca esqueci: "Você vai ter que dar conta, porque é seu".

A vida em Sete Lagoas não era uma maravilha. Logo que nos mudamos, tivemos muitas dificuldades financeiras. Minha mãe, além de assistir às aulas no meu lugar, logo encontrou trabalho como professora, mas não ganhava o suficiente. Meu pai abriu uma mercearia, que minha mãe tocava quando não estava dando aulas. Ainda assim, o dinheiro era insuficiente. Para aumentar a renda, ela improvisou uma barraca de feira em um bairro próximo, Nossa Senhora das Graças. Todos os domingos, das oito da manhã ao meio-dia, vendíamos ovos caipiras, galinhas, pimenta, fubá, cachaça, queijo e banana-

maçã. A mercadoria vinha do sítio, trazida pelo meu pai, que passava parte da semana lá. Eu trabalhava de verdade, atendendo os clientes e fazendo o caixa, porque sempre fui boa com números. Não errava um troco.

Um dia, por alguma encrenca doméstica, minha mãe me deixou sozinha na barraca da feira — na verdade, não era bem uma barraca, apenas alguns caixotes empilhados ao sol com um toldo por cima. Quando ela voltou, eu tinha uma notícia boa e outra melhor ainda. A boa é que eu tinha vendido toda a mercadoria. A melhor ainda é que o dinheiro já se convertera em presentes para todos: um prendedor de cabelo de pérolas, bombons de chocolate recheados com morango, várias fatias de rocambole de doce de leite e goiabada e três bonecos: um palhaço, uma negra e outra que vinha com um balanço. Eu tinha gastado o dinheiro todo. Minha mãe ficou desesperada e devolveu o que foi possível. Não os doces, que eu devorei antes que ela pudesse tomar de mim.

Quando a feira acabava, meu irmão e eu voltávamos para casa de carona no carrinho de feira que ela usava para transportar a mercadoria.

Não era uma casa festiva. Não me lembro de comemoração de Natal (só esperávamos o presente), festa de aniversário, chamar amigos para dormir, churrasco no fim de semana, nada. Era uma casa de pessoas com hábitos simples, que trabalhavam muito, derrotavam um leão por dia e riam pouco. Nunca vi meu pai beijar minha mãe. Hoje eu acho que rir e fazer festa é um exercício de bem viver que todo mundo deveria praticar com regularidade. Adoro me reunir com os amigos para falar bobeira. Em casa, isso não existia.

Mas de vez em quando havia música.

2. Desculpe, mas eu vou chorar: a descoberta da música

Eu nunca tive uma relação obsessiva com a música. É um relacionamento apaixonado, que tem uma dimensão própria.

E talvez essa seja a melhor explicação para o fato de eu ter conseguido administrar uma carreira que começou tão cedo e teve tantos momentos difíceis. Quando eu canto, é como se outra Paula tomasse o lugar da Paula do cotidiano, que ri com os amigos, passa mal do estômago, monta a cavalo, namora, faz piada. A Paula do dia a dia pode estar com febre, sentindo-se péssima, ter discutido com Deus e o mundo, mas se recolhe quando a outra, a Paula top, tem que subir ao palco e desempenhar seu papel. A Paula top faz shows com serenidade simplesmente porque sabe que sabe fazer. A Paula do dia a dia não teria mídias sociais, jamais se exporia tanto. É tímida, discreta, caseira. A Paula top tem milhões de seguidores no mundo digital. São dois planetas diferentes, duas personalidades opostas. Esse "choque de Paulas" aconteceu muito antes de eu me tornar conhecida. As duas Paulas dentro de mim tiveram que aprender a conviver uma com a outra muito cedo. A Paula top ocupou espaço demais na vida da Paula do cotidiano. Não foi fácil e trouxe consequências pesadas. Algumas são reversíveis, outras não, como as etapas que eu pulei, mas sobrevivi para contar e prosseguir.

Havia música na minha infância, música de raiz e modas de viola. Minha avó tinha um rádio de pilha que nunca estava desligado — ou pelo menos era a impressão que eu tinha; o

som abafado do aparelho foi uma constante na minha infância. Onde quer que estivessem — no sítio ou em Sete Lagoas —, meu pai e meu tio Joel, irmão dele, reuniam-se para tocar. Gostavam de Tião Carreiro, o cantor sertanejo que falava dos encantos da vida na roça e que, com seu parceiro, Pardinho, criou uma das duplas mais importantes do gênero; de Zé Rico e Milionário, a dupla paulista que fez muito sucesso a partir dos anos 1970; de Chico Rey e Paraná, Zilo e Zalo e tantos outros. Eu sentava perto deles e ouvia, às vezes cantando junto, absorvendo e "marinando" aquele caldeirão de influências. Minha mãe recorda que, com sete anos, eu já brincava de cantar para os colegas da rua. Subia na mesa de sinuca do bar-mercearia que meu pai tinha comprado no bairro de Nossa Senhora do Carmo, em Sete Lagoas, e fazia de conta que um talo de mamona era microfone enquanto mandava ver "Vou de táxi", um sucesso da Angélica. Não devia ser nada notável, mas em breve seria.

Em Sete Lagoas, havia um punhado de primos que logo se tornaram companheiros de brincadeiras. De todos, porém, eu me aproximei mais de Cintia — filha de uma irmã mais nova da minha mãe, tia Cazilda. Naquele momento, eu ainda não tinha ideia da importância que essa prima miúda, quatro anos mais jovem, de pele clara e cabelo loiro — exceção absoluta entre um punhado de primos morenos — teria na minha vida. Mas já havia sinais. Foi ela quem, certo dia, me emprestou o pequeno aparelho de som colorido, com toca-fitas e gravador, onde ouvi pela primeira vez a música "Desculpe, mas eu vou chorar", um sucesso dos compositores César Augusto e Gabriel que tinha virado hit na voz de Leandro e Leonardo. Amei. Decorei. E um dia disse à minha mãe que precisava cantar para ela. Ocupada como sempre, cuidando de mim e de Nilmar, da mercearia e da nossa casa, ela deu uma resposta descuidada qualquer, do tipo: "Eu já sei que você sabe cantar, filha, outra hora você me mostra". Devo ter tentado umas três ou quatro vezes até que um dia, ela na cozinha, de costas, me disse: "Vai,

canta, filha". Deve ter pensado: "Vamos ver se ela canta e muda de assunto".

Eu cantei.

As luzes da cidade acesa
Clareando a foto sobre a mesa
E eu comigo aqui, trancado nesse apartamento...

Minha mãe parou o que estava fazendo. Virou-se para mim e ficou apenas me ouvindo cantar. Os olhos dela se encheram de lágrimas. As lágrimas correram.

"Canta de novo, minha filha."

Eu cantei. E ela pediu de novo, e eu cantei outra vez.

Já contei essa história um milhão de vezes e ela sempre me emociona. É um daqueles instantes que, na nossa vida, podem definir o presente e o futuro. Anos mais tarde, minha mãe me disse que soube, naquele momento, que nada mais seria como antes. Ela parecia estranhamente confusa enquanto me olhava cantar, como se estivesse vendo uma pessoa desconhecida, como se nunca tivesse ouvido aquela voz. Talvez não tivesse ouvido, mesmo. Talvez naquele momento tenha acontecido alguma mágica. O fato é que ela se comoveu. Quis saber que música era aquela. Onde eu tinha aprendido. Chamou as irmãs para escutarem, e eu, por timidez, só cantava de dentro do quarto, elas na sala. A reação foi a mesma.

No dia seguinte, quando eu pedi um violão de presente, ninguém se surpreendeu. Era a evolução natural do que tinha acontecido na véspera. Porém, não havia dinheiro para aquele luxo. Minha mãe se lembrou, então, de que tia Neuza, uma das suas irmãs mais próximas, tinha um velho violão. Cantei para convencer tia Neuza, e convenci; o problema é que ela dera o violão para a namorada de um tio. Resumo: fomos encontrar o instrumento na casa da tal namorada, num quarto de despejo, aquele cômodo onde se acumulavam objetos sem uso ou velhos. O violão estava sujo e sem cordas, mas era um violão, e, para mim, por enquanto bastava. Compramos as cordas, mas

nem minha mãe nem eu sabíamos colocá-las. Para isso, foi preciso esperar meu pai, que estava no sítio e só voltaria no final da semana.

Violão encordoado canhoto desde o início (eu podia ter feito como o Zezé di Camargo, que também é canhoto e toca violão invertendo o lado, sem mexer na posição das cordas, mas na época não sabia disso), eu precisava aprender a tocar. Procuramos Jussara, uma vizinha da rua que dava aulas para todo mundo no bairro. A primeira foi marcada para dali a uma semana. Eu mal dormia de ansiedade. No dia combinado, pus minha melhor roupa de domingo. Minha mãe penteou e trançou meus cabelos: a ocasião merecia. Jussara me ensinou o básico, os acordes e algumas canções simples. Cheguei em casa tocando "Pequeno mundo", da Turma Dó-Ré-Mi ("Para ser feliz é preciso ter..."), inteira, passando agilmente de um acorde para outro, sem errar nem vacilar: eu tinha muita firmeza nos dedos, sabia qual era o próximo acorde e tinha ritmo. Minha mãe chamou tio Joel para ver.

"Demorei anos para fazer o que ela aprendeu em um dia", ele disse.

Depois de quatro aulas, Jussara bateu na nossa porta:

"Não tenho mais nada para ensinar a essa menina, dona Dulce. A senhora deveria matricular a Paula no conservatório."

Sempre que sobrava algum dinheiro, minha mãe me dava para comprar aquelas revistinhas com cifras para violão que faziam muito sucesso na época. Autodidata, rapidamente aprendi a tocar e cantar todos os grandes sucessos da rádio. Percebi que as pessoas ficavam mais impressionadas quando eu não olhava para o violão enquanto me apresentava. Então, desenvolvi um jeito de tocar mirando um ponto qualquer à distância — decorar a letra e as posições era a parte fácil. Assim eu me mantinha concentrada e não errava. (Até hoje uso essa técnica nos meus shows. Mesmo me sentindo mais leve e à vontade no palco, olhar nos olhos de um fã na multidão pode

ser uma experiência desconcertante, mesmo quando o que encontro é um olhar carinhoso. Já me aconteceu de errar a letra, até de me esquecer de onde estou.)

Estava pronta para minha primeira apresentação em público, uma oportunidade que minha mãe garimpou na festa junina de uma escola de Sete Lagoas, a Doutor Afonso Viana.

Tenho poucas lembranças desse "show". Nas fotos, vejo uma menina com uma jaquetinha e um short com franjas brancas, botas longas feitas por um sapateiro amigo da família (eu era magrinha, cabiam três pernas em cada bota), meias brancas e um chapéu de caubói emprestado pelo meu avô paterno. Fui a última a me apresentar para uma plateia de cerca de duzentas pessoas onde estavam vários colegas de classe. Minha mãe me conta que fui muito aplaudida. Ela, orgulhosa, logo buscou outra ocasião para eu tocar.

Descobriu um concurso de jovens talentos que se chamava Corpo e Alma e percorria os bairros da cidade. Como só podiam participar os moradores do bairro da vez, e o concurso já passara pelo nosso, pedimos a um amigo de outra vizinhança que nos cedesse sua conta de luz para que eu pudesse concorrer pelo bairro dele. No ensaio, as outras crianças, amigas entre si, me olhavam desconfiadas. Eu não falava nada. Só esperava minha vez de cantar.

Os moradores do bairro tinham um favorito, um garoto apelidado de Milho Cozido porque seu irmão vendia milho pelas ruas próximas. Eu me apresentei com uma banda base e meu violão cantando "Sonho por sonho", uma canção do José Augusto que na época fazia muito sucesso com a dupla Leandro e Leonardo. Usava a mesma roupa da apresentação da escola. No meio da música, a banda parou de tocar; naquele momento, acreditei que tinha perdido a competição. Fiz um esforço enorme para não parar também. Enquanto tocava e cantava, meu cérebro tentava processar o que estava acontecendo, onde eu havia errado. Mas fui até o fim, com o público cantando junto. Quando saí do palco, desabei.

Chorando, implorei à minha mãe que fôssemos embora, mas ela insistiu em esperar o anúncio dos vencedores.

Em terceiro lugar, ficaram empatados um menino e uma menina.

O segundo lugar foi para o Milho Cozido.

Eu tinha vencido.

Minha mãe foi perguntar à banda por que haviam parado enquanto eu cantava. “Ela estava tocando tão bonitinho que a gente deixou que ela levasse até o final”, explicou um dos músicos. Concluí que meu mérito tinha sido tocar violão além de cantar. Eu tinha nove anos e acabara de ganhar meu primeiro concurso, com direito a troféu e prêmio de cem reais. Ainda tenho esse troféu.

Com o tempo, outras oportunidades foram aparecendo, quase sempre provocadas pela minha mãe. Foi dela a ideia de me fazer tocar pela primeira vez com uma banda de baile, a San Remo, que se apresentaria em Sete Lagoas e estava ensaiando em um galpão improvisado perto da nossa casa.

“Mas ela canta mesmo?”, duvidou, meio brincando, o líder da banda, que se chamava Eustáquio.

“Sim”, minha mãe falou.

“Mas já cantou com alguma banda de baile?”

“Não”, respondi.

Minha mãe deu a eles o nome de duas músicas que eu sabia de cor, “Brincar de ser feliz”, sucesso consagrado por Chitãozinho e Xororó, e “Tocando em frente”, de Almir Sater e Renato Teixeira. Combinamos que eu voltaria no dia seguinte. Voltei, entrei no tempo certo das músicas e cantei no tom dos componentes da banda, afinada.

“Jura que é a primeira vez que você toca com banda de baile?”, um dos músicos perguntou.

Era.

Aquela sessão meio improvisada acabou virando uma fita cassete que minha mãe, entusiasmada, enviou para o programa

de calouros mirins do Silvio Santos. Não deu em nada, mas dona Dulce era — é — perseverante. Aparecia em showmícios, abordava as bandas que se apresentariam e perguntava se não topariam dar uma chance no palco para sua filha. Muitos aceitavam, entre divertidos e curiosos com a menina quase do tamanho do próprio violão, cabelão cacheado até a cintura e figurino sertanejo feito em casa. Eu me saía bem. Elke Maravilha, que certa vez fez um show em uma praça de Sete Lagoas, foi uma das que cederam à abordagem da minha mãe e me deixaram cantar em um show na cidade. Depois, me deu um beijo que deixou uma marca vermelha no rosto. Demorei dias a lavar a bochecha. Em outra ocasião, minha mãe arranjou de eu tocar em um barzinho na esquina da nossa casa, na rua Pirapama. Levou Nilmar, que devia ter uns sete anos. Quando dedilhei os primeiros acordes, meu irmão se escondeu embaixo da mesa e tapou os ouvidos com as mãos. Só saiu dali quando começaram os aplausos. Minha mãe ralhou com ele, acreditando que tinha feito aquilo porque não queria me ouvir. Na verdade, Nilmar temia que eu errasse a letra ou que algo de ruim acontecesse. Quando percebeu que tudo tinha dado certo, sorriu, aliviado.

Aos poucos, muitas pessoas do bairro me ouviram, em ocasiões diferentes, e começaram os comentários. Na escola, os colegas vinham pedir autógrafos e fotos.

Antes de começar a compor minhas canções, o repertório sertanejo era a referência maior que eu tinha. Meu tio Joel, irmão do meu pai, foi muito importante na ampliação do meu universo musical. Em casa, ele guardava um tesouro: uma discoteca. Foi meu tio quem me apresentou a Simon e Garfunkel — de quem, anos mais tarde, gravei “The boxer” — e, ao mesmo tempo, me mostrou o primeiro disco do Almir Sater. Música variada, de qualidade e que me agradava. No começo, é verdade, tio Joel, assim como meu pai, resistiu à ideia de que eu pudesse me tornar uma cantora mirim. Batia boca com minha mãe, acusando-a de patrocinar trabalho infantil. “Você está obrigando a menina a cantar”, ele dizia,

vermelho de indignação. (Curiosamente, quando eu trabalhava na feira ajudando minha mãe, vendendo mercadorias e calculando o troco, ninguém a recriminou por estar explorando trabalho infantil.) Mas um dia até tio Joel cedeu, acreditando no meu talento.

Eu era, de certa forma, uma menina-prodígio. Cantava bem e tocava canções inteiras no violão, sem olhar, sem errar, com uma segurança inversamente proporcional ao meu tamanho. Passava o dia inteiro com o violão na mão. Não sonhava em ser famosa, mas buscava reconhecimento. Ao contrário de tantas crianças que participam de concursos hoje, queria apenas fazer tudo direitinho. Queria acertar. Quando acabava uma apresentação, eu sentia um certo alívio. Era inapelavelmente tímida. Desenvolvi minhas aptidões musicais, mas não as sociais. Hoje dou risada das coisas em que eu pensava na época: que eu era um bichinho que soltavam para cantar e depois voltava ao meu isolamento. Eu me sentia quase um cuco de relógio. Às vezes recebíamos gente em casa, mas, nessas ocasiões, meu pai quase sempre me fechava no quarto. Por trás da porta, ouvia que ele se apresentava às visitas como o "empresário da Paula Fernandes". Quando os convidados estavam quase partindo, ele me chamava, como que casualmente, e de vez em quando me pedia para cantar. Às vezes nem sequer me deixava aparecer. A ideia era me "valorizar"; eu não podia de jeito nenhum me tornar arroz de festa. O grande problema do meu núcleo familiar ao treinar o cuco foi justamente não pôr o bicho em contato com as pessoas. Quando comecei a me apresentar para públicos maiores, pisava no palco sem saber o que dizer além de "bom dia" ou "boa noite". Eu só sabia tocar e cantar. Não sabia me relacionar com a plateia.

Em uma tentativa de melhorar meu desempenho no palco, minha mãe teve a ideia de criar um personagem para interagir comigo. Da imaginação fértil dela nasceu o Zé do Furunco (assim mesmo, um arremedo da palavra "furúnculo", feia e comprida demais), um personagem que encenava uma espécie

de teatro no palco e me cutucava para que eu fizesse piadas e me mostrasse mais "simpática". Zé do Furunco nada mais era do que minha mãe vestindo uma fantasia: calça pega-frango com botinas e um paletó colorido, ao estilo do cantor e humorista Falcão, arrematada por um bigodão preto. O que mais chamava a atenção, porém, era uma cebola de verdade que minha mãe costurava na calça, na altura da coxa, sabe-se lá como, para simular o tal "furunco" do nome. Eu queria cantar e ir embora, mas tinha ali um repertório de umas dez piadinhas bobas, da roça, para entreter meu público. Lembro-me de apresentações minhas com Zé do Furunco principalmente em circos, para plateias de no máximo quinze pessoas.

Era ruim. Mas eu era determinada. Tinha que fazer e fazia.

No começo da minha carreira, ainda que o empenho maior tivesse ficado nas costas da minha mãe, meu pai era bastante presente. Durante muito tempo, ele escrevia tudo o que eu devia falar. Atenta e esperta, eu decorava e recitava na hora: entrevistas em rádios, programas de TV regionais; aonde quer que eu fosse, o texto estava na ponta da língua. Meu pai/empresário era muito sagaz e me preparava para conquistar as pessoas. Durante muitos anos, não pude criar nada fora do script. Combinamos juntos um gestual que daria pistas sobre se eu estava indo bem ou não em aparições públicas. Já não me lembro mais como eram os códigos que criamos, mas, para dar uma ideia, se eu olhasse para meu pai e ele estivesse mexendo no lóbulo da orelha, era sinal de que estava tudo certo. Mexendo no nariz? Eu estava falando demais; deveria me conter. E assim por diante. (Demorei anos para me libertar desse condicionamento; vivia tentando interpretar tiques dos músicos da minha banda ou das pessoas que estavam por perto — até entender que eram apenas... tiques. Não significavam uma mensagem para mim.) Mesmo quando surgiam situações imprevistas, eu estava, de alguma forma, preparada: comportava-me como um verdadeiro sabão no azulejo. Pouco

conversava fora das situações “profissionais”; era uma espécie de robô. O resto — tocar, cantar — era fácil. Eu sabia fazer.

Eu me recordo de uma entrevista a um programa de TV regional em que, aos nove anos, cantei “Eu preciso de você aqui”, com versos cujo significado só entendi muito tempo depois:

Deito em minha cama
sinto o seu cheiro
Meu corpo sente vontade de te abraçar
Acordo e não te vejo
Abraço o meu travesseiro
Saudade está dormindo no seu lugar.

O apresentador me ouviu e depois quis saber:
“Você sente tudo isso que você canta?”
“Sinto tudo”, respondi, sem piscar. Nove anos.
A necessidade estava construindo uma cantora.

Quando comecei a cantar em toda parte, levada pela minha mãe, a rádio era a base do trabalho de qualquer cantor — hoje, as rádios compartilham o posto com a internet. Em Sete Lagoas, nossa primeira tentativa de me emplacar foi na Eldorado, que produzia um programa chamado *Criança Esperança*, sem relação com o da Rede Globo, voltado para os pequenos. Era previsível, portanto, que entrasse no radar da família. Por sorte, uma das irmãs da minha mãe, tia Neuza, tinha dois amigos que trabalhavam lá, os locutores Brandão e Sidney. Eles tanto fizeram que acabou surgindo um convite para o tal *Criança Esperança*. Como o programa era ao vivo aos domingos, dia que minha mãe trabalhava na feira, quem me acompanhou foi minha tia. Dei uma entrevista curta, cantei, toquei. Gostaram bastante, a ponto de me convidar para voltar a cada quinze dias.

Acabei me tornando a locutora do programa. Nunca cantei para crianças, mas ali, no estúdio, falava com elas, anunciava as músicas, recitava mensagens óbvias, mas pertinentes, como "não tenha pressa de crescer" ou "brinque mais de boneca". Como era transmitido para as cidades vizinhas, aos poucos eu me tornava mais e mais conhecida. Fui chamada para me apresentar na festa de posse de José da Silveira Brandão, prefeito reeleito de Prudente de Morais, um município próximo de Sete Lagoas, em um salão nobre da cidade. Novamente, minha mãe fez a produção: calça jeans verde-clara, enfeitada com uma estrela de tecido, camisa estampada com colete e a mesma bota de cano alto da competição Corpo e Alma, que eu tinha vencido. Na boca, um batom muito vermelho. Foi meu primeiro show completo, com umas dez músicas, apenas voz e violão. Quando a apresentação acabou, minha mãe foi abordada por um senhor que se disse médico. Explicou a ela que sua filha também cantava e pediu o nome do professor de canto com quem eu aprendera.

"A Paula nunca fez aula de canto", minha mãe respondeu.

Acho que ele não acreditou. Como alguém podia cantar assim aos nove anos, sem jamais ter aprendido?

Eu tinha talento e isso ficava claro para a maioria dos que me ouviam. Mas não significava, ainda, nem um centavo a mais no orçamento da família. Nossa situação era complicada. Mas minha mãe ia ficando cada vez mais animada. Resolveu vender meus shows. E foi assim, batendo de porta em porta, que emplacou minha primeira apresentação remunerada, em outra cidadezinha próxima, Funilândia.

Eu queria tudo aquilo? Àquela altura, talvez eu ainda não soubesse se queria ou não. Minha família vibrava com cada gol que eu marcava. Mas, enquanto eles comemoravam, eu já estava na defesa de novo, pensando: "Meu Deus, amanhã vou ter que fazer dois gols". Por fora, eu estava tranquila. Eu sabia que meu canto era bom e isso me garantia calma. É como se eu tivesse estudado muito para cantar e tocar como cantava e tocava, só que eu não estudara nada. Eu já sabia fazer. Dentro

de mim, em algum lugar remoto, quase inacessível, eu tinha consciência de que até podia demorar um pouco, mas ia dar certo. E eu tinha medo de que desse certo. Pensava em como ia ser. Tremia. Havia dias em que eu não comia e rezava, pedindo: "Meu Deus, me ajude, porque eu vou dar certo". Podia parecer muito contraditório aos olhos dos outros, mas eu sempre me entendi.

Na mesma semana do show de Funilândia, aconteceu algo extraordinário: o Baú da Felicidade, show de prêmios do grupo Silvio Santos, estaria em Sete Lagoas. Minha mãe, novamente, bateu na porta em busca de uma oportunidade para eu me apresentar, e conseguiu. Quem me chamou ao palco foi Odair José, que havia composto a célebre "Uma vida só" (do refrão "Pare de tomar a pílula"). Odair gostou de mim. Seu produtor, conhecido como Bolinha, também. A conversa de Bolinha com meus pais, à qual eu assisti quieta, de olhos estalados, foi assim: "Por que essa menina não grava um disco para divulgar nacionalmente o trabalho dela?".

Custaria 7 mil dólares.

Eu não compreendia muito bem o que eram 7 mil dólares, mas estava claro que era muito, muito dinheiro. Uma fortuna para nossa família que vendia queijos, aves e cachaça na mercearia e na feira em Sete Lagoas.

Apesar disso, os olhos da minha mãe brilharam.

Começamos uma maratona de shows por cidades próximas em uma tentativa enlouquecida de juntar dinheiro. Paraopebas, Papagaios, Pompeu... Praticamente não houve cidadezinha nas redondezas sem show de Paula Fernandes. Em Pompeu, contratada pelo dono de um bar, eu me apresentei em cima de um caminhão; o cachê seria uma porcentagem da venda de cerveja. No final da festa, o contratante me pediu para voltar no dia seguinte, quando alegou que não me pagaria porque só tivera prejuízo. Mentira: minha mãe acabou descobrindo que ele vendera todo o seu estoque de bebida.

Vivemos situações que eu nunca vou esquecer. Eu ainda tinha dentes de leite, mas havia dormido em um terminal rodoviário com meu pai, ao relento, entre uma apresentação à noite e um programa de rádio pela manhã. Outra vez, minha mãe e eu viajamos de ônibus a noite toda para chegar a uma cidadezinha onde eu tinha um show agendado. Quando chegamos, exaustas e quase sem dinheiro, estava escuro. Tentamos achar uma pousada que nos tinham indicado na rodoviária. Um senhor surgiu do nada, parecendo uma alma penada, e avisou: "Aqui não é seguro para a senhora e a sua filha". Nos acompanhou até uma pensão familiar onde, mesmo exaustas, não conseguimos dormir: a única cama do quarto, de solteiro, onde nos apertamos as duas, era praticamente uma ilha em meio a um mar de baratas no chão. Ali, na hora do almoço, dividimos um prato feito. Era o que podíamos comprar.

As baratas me apavoravam, porém não mais do que o medo de me perder da minha mãe ou do meu pai. O que não apenas era possível, como de fato aconteceu certa vez. Em uma viagem de Belo Horizonte para Monte Azul, no norte de Minas Gerais, minha mãe e eu nos acomodamos no ônibus errado depois de descer em uma parada. Ela desceu de novo para comprar balas e me disse, de brincadeira:

"Se o ônibus partir, pode ir sozinha. Eu vou no próximo."

Na volta, ela entrou no ônibus certo e se deu conta de que me instalara no errado. Lembrou da piadinha que havia feito e entrou em desespero, achando que eu tivesse acreditado. Enlouquecida, entrava nos ônibus estacionados, tentando me localizar. Pediu ajuda à funcionária do sistema de som do terminal, enquanto chorava e gritava: "Paulinha! Paulinha!".

Ouvi os gritos e fui até a porta do ônibus, onde ela finalmente me encontrou. Ao lado dela, a moça do som, que a princípio tinha se solidarizado com a angústia da minha mãe, ironizou:

"Paulinha? Que Paulinha? É Paulona, isso sim. Achei que fosse uma criancinha."

Felizmente não perdemos o ônibus. Se isso tivesse acontecido, não teríamos dinheiro para comprar outra passagem.

Muita coisa podia ter dado errado. E, no entanto, tudo foi dando certo.

Inclusive eu. Eu, que tinha tanto medo de dar certo.

3. Fale comigo: o primeiro vinil

Acontece que 7 mil dólares era muito dinheiro.

Logo ficou claro, para meus pais e para o Bolinha, o produtor de Odair José, que não chegaríamos muito longe apenas vendendo meus shows pelas cidades vizinhas. Foi então que minha mãe teve a ideia de procurar José Brandão, o prefeito de Prudente de Morais, em cuja posse eu havia cantado, e Zé da Gurita, prefeito de Funilândia, que tínhamos conhecido naquela mesma festa política. O entusiasmo e a esperança dela conseguiram convencê-los a investir algum dinheiro na minha "carreira", mas não ainda o suficiente. Apesar das dificuldades, minha família estava muito motivada. Meu pai decidiu, então, vender a caminhonete da família para encorpar o bolo. Investiu parte na gravação do meu primeiro disco, um vinil, e com o restante comprou uma Brasília amarela, para que não ficássemos a pé.

Eu tinha acabado de fazer dez anos quando viajei com meu pai para São Paulo, onde ficava o estúdio do Bolinha. Minha mãe ficou em Sete Lagoas com Nilmar. O repertório foi acertado entre meu pai e o produtor musical. Odair José me deu de presente cinco músicas inéditas, das quais gravei quatro: "Estou aprendendo a te esquecer", "Eu preciso de você aqui", "O amor faz a vida mais gostosa" e "De corpo e alma". Os carros-chefes do disco, porém, eram duas canções de outros compositores, "Fale comigo", de José Barretos e Vagner Rosado, e "Vale do rio Vermelho", de domínio público. Naturalmente,

eram todas canções de adulto. Mais uma vez, eu cantava sobre desilusões e sentimentos desconhecidos.

Nessa primeira grande viagem de trabalho, o trajeto me pareceu interminável, em parte porque a Fernão Dias, a rodovia sinuosa que liga Belo Horizonte a São Paulo, estava em plena duplicação, com trechos congestionados e interdições. Meu pai não era um companheiro de viagem divertido nem muito falante. Estava tenso e inquieto. Sete Lagoas não é uma cidade pequena, nem era na época, mas nem se comparava a São Paulo, imensa, ruidosa, colorida. Meus olhos de criança acostumada ao verde do sítio não paravam em nenhum lugar. O barulho me assustava e me fascinava.

O estúdio era pequeno, apertado. Lembro vagamente de uma cabine à prova de som e do olhar perplexo do tal Bolinha, do outro lado do vidro. "O conhecimento que essa menina mostra com dez anos eu demorei vinte para adquirir", ele cochichou para o meu pai, a certa altura. Eu me aprumei para estar à altura da responsabilidade. Em uma época na qual não havia os equipamentos para afinar a voz que são tão usados hoje, eu cantava sem errar a letra, sem perder o tom. Foram só dez canções, gravadas em apenas um dia, com poucas versões — algumas de primeira. Mesmo assim, eu perderia dias de escola. Foi nessa época que minha mãe se voluntariou para assistir às aulas em meu nome, depois de convencer o diretor e a professora de que não atrapalharia em nada se ela "visse as aulas no lugar da Paula".

Quando as gravações estavam perto do final, posei para a foto da capa no próprio estúdio, o cabelo comprido levemente escovado para não parecer tão criança. O disco se chamou apenas *Paula Fernandes*. A tiragem era de mil LPs.

Não vendeu quase nada.

Conseguir o dinheiro e gravar, como acabamos por descobrir, tinha sido a parte fácil. Na sequência é que viriam os perrengues.

De volta a Sete Lagoas, orgulhosa do vinil gravado, mas sem saber o que me esperava, comecei a viajar outra vez pelas

cidades vizinhas para divulgar o disco. Nessas viagens, patrocinadas por Brandão, o prefeito de Prudente de Morais, quem me acompanhava era minha mãe, que deixava Nilmar aos cuidados das irmãs e percorria o circuito das rádios do interior para divulgar meu trabalho. Tomamos um baita choque de realidade. Para começar, não tínhamos a mais remota ideia do que era preciso fazer para ganhar espaço em uma rádio com um disco. Chegávamos à sede das emissoras, dizíamos o que pretendíamos, em geral para uma recepcionista, mostrávamos o vinil e pedíamos para falar com o locutor de plantão. Às vezes esse profissional vinha; outras, nem se dignava a dar as caras. Quando alguém aparecia, minha mãe começava a contar minha história e fazia escada para eu prosseguir. Eu, o cuco treinado, sabia o script de cor, e de vez em quando conseguia impressionar o locutor, que me deixava entrar no estúdio e cantar. A maioria olhava com surpresa para nós duas. Muitos nos pediam para voltar no dia seguinte. Acontece que não tínhamos dinheiro para dormir na cidade e esperar até o dia seguinte; em geral, precisávamos voltar para Sete Lagoas, nosso pouso entre uma viagem e outra. Era naquele dia ou nada.

Só houve uma rádio em que insistimos mais do que nas outras: a Rádio Inconfidência, de Belo Horizonte. Fundada na metade dos anos 1930, era uma das mais famosas e respeitadas de Minas e todo artista com alguma pretensão de sucesso precisava cortejar seus locutores, verdadeiras celebridades em tempos pré-internet. Minha mãe e eu passávamos o dia inteiro na recepção, ela sentada, pacientemente, eu correndo e brincando; emplacar uma entrevista ali, quem sabe cantar uma música ou duas, era nossa grande esperança de sucesso. Àquela altura, o dinheiro da venda da caminhonete já tinha evaporado e, mesmo com o patrocínio do prefeito Brandão, praticamente só restava o trocado da condução; havíamos conseguido hospedagem na casa de um irmão da minha mãe, tio Welton, em Contagem, na Grande BH, o que nos poupava da viagem de cerca de setenta quilômetros até Sete Lagoas. Só arredávamos

pé da rádio na hora do almoço e do jantar, para comer em um restaurante localizado em frente, bem simples, onde logo nos tornamos conhecidas. Porém, para bancar a refeição, tínhamos que vender um dos discos que levávamos conosco. Oferecíamos na porta da rádio, mas quem comprava, quase sempre, eram os próprios garçons do restaurante, talvez com pena da menina e da sua mãe, tão persistentes, tão esperançosas. Um vinil dava para dois pratos do dia. Quando não vendíamos nada, pedíamos só água. E assim foi durante alguns dias, chegando cedo à rádio, esperando pacientemente até as dez horas da noite e então, desconsoladas, voltando para a casa do tio Welton, onde tocávamos a campainha de madrugada, às vezes às três da manhã — o transporte público escasseava depois das dez. Viajávamos com medo madrugada adentro, minha mãe rezando baixinho ao meu lado, mas nunca passamos por nenhum perigo.

Até que vencemos pelo cansaço. Fui enfim admitida aos estúdios da Rádio Inconfidência e dei uma longa entrevista — minha primeira decepção como artista, já que nunca foi ao ar. Por sorte, houve outra entrevista com um locutor da mesma rádio que se encantou comigo desde a primeira conversa. O nome dele era José Penido e, depois de me ouvir cantar ao vivo os dois carros-chefes do disco — as onipresentes "Fale comigo" e "Vale do rio Vermelho" —, fez uma profecia, também ao vivo, para todos os ouvintes da emissora. Era mais ou menos assim:

"Neste mesmo estúdio, eu ouvi a Clara Nunes cantando pela primeira vez. Ela usava chinelos de dedo e um vestido muito simples. No dia, ninguém deu muita atenção. Eu disse a ela o mesmo que vou dizer a você, Paula Fernandes, agora: 'Você será uma das maiores cantoras do Brasil'. Além de fazer muito sucesso no nosso país, será conhecida internacionalmente. A sua voz, Paula, é do tamanho da dela."

Eu tinha dez anos. Mal sabia quem era Clara Nunes, a grande cantora nascida em Paraopebas, também em Minas, e morta precocemente em 1983, aos quarenta anos. Para mim, portanto,

foi apenas mais um elogio. Tempos depois, minha mãe me contou que aquelas palavras renovaram nela a força para continuar batalhando pelo meu sucesso.

Afinal, a participação no programa da Rádio Inconfidência não rendeu tanto quanto esperávamos. Retomamos as viagens. Tudo era muito precário, do dinheiro contado (na verdade, "contado" é um eufemismo; faltava grana mesmo) às pousadas sujas e improvisadas onde nos hospedávamos quando não era possível voltar para casa depois do dia de "trabalho", perambulando por rádios de alcance local com alguns discos que minha mãe levava em uma mala pequena, surrada. Tudo era difícil, mas não triste. Eu gostava de contar minha história e de cantar; quando apreciavam meu canto, vinha aquela sensação boa de ter feito tudo certo. Minha mãe e eu ríamos até das situações mais prosaicas. Uma vez, famintas, entramos em uma lanchonete e pedimos um pastel — era só o que podíamos pagar. Mamãe dividiu ao meio e lambuzou sua metade com um líquido ralo que ela achou ser ketchup; era pimenta, mas ela comeu até o último farelinho, com os olhos marejados por causa da ardência. Eu perdia aulas, mas, a cada retorno a Sete Lagoas, minha mãe pegava a matéria e me ensinava.

Houve uma cidade, Itapecerica, em Minas, na qual fui bem acolhida pelos locutores da rádio local e pude cantar. Na saída, fomos abordados por um casal gentil; tinham me ouvido e quiseram fotos e autógrafos. Em seguida, nos perguntaram para onde iríamos. Minha mãe aproveitou a oportunidade para pedir indicação de pensão, mas o casal, que nunca nos tinha visto antes, ofereceu-nos hospedagem na casa deles. Aceitamos, as duas exaustas. Situações inesperadas e encantadoras, que reforçavam nossa fé, especialmente a da minha mãe, de que estávamos no caminho certo.

Em outra cidade, Formiga, o dono de uma rádio nos convidou a permanecer até o dia seguinte, para participar de

uma festa municipal e aparecer na TV regional. “Ficaríamos com prazer”, disse minha mãe, “mas não temos dinheiro para pagar um hotel.” O empresário nos ofereceu uma diária de hospedagem e alimentação, e assim pudemos usar o pouco dinheiro que tínhamos para adaptar minhas roupas simples ao *dress code* do programa televisivo. Minha mãe foi a uma papelaria e comprou cola, purpurina e papéis coloridos. Besuntou minha calça e camisa com cola, espalhou o brilho e recortou estrelas brilhantes para pregar sobre o jeans. Nós nos divertíamos, ela e eu, à nossa maneira. O mesmo empresário contratou um carro que rodou a cidade, o dia inteiro, tocando as músicas do meu disco. Era excitante, e parecia que as oportunidades estavam começando a surgir.

Nas nossas viagens, estávamos sempre atentas ao som de algum rádio de pilha, esperando ansiosas pelo momento em que uma música minha finalmente tocaria porque alguém tinha ouvido o vinil que minha mãe deixara e gostado — e não porque estávamos lá na porta da rádio, teimosas e valentes, pedindo uma chance de cantar. Mas os dias passavam e nada. Eu era criança demais para entender que aquele silêncio podia ser interpretado como o fracasso dos nossos esforços, mas minha mãe percebia a situação dessa maneira, e sofria com isso. Porém, não era um sofrimento paralisante, e dona Dulce já começara a investigar um novo alvo para divulgar o trabalho da filha: as emissoras de televisão.

Fico imaginando o esforço dela para conseguir o endereço dos principais canais de televisão do eixo Rio de Janeiro-São Paulo-Minas em uma época pré-Google. A cada um deles enviou um exemplar do meu disco, pelo correio. E esperou. Meses. Como nada aconteceu, com a determinação que é típica dela, foi bater na porta de quem pudesse nos ajudar. Um conhecido nosso de Belo Horizonte nos acenou com uma possibilidade: ele tinha o contato de alguém que poderia promover um show meu. Minha mãe não teve dúvidas. Pegou um ônibus até Belo Horizonte e, chegando lá, um táxi até o aeroporto da Pampulha, onde a tal pessoa influente a estaria

esperando para uma conversa costurada por esse amigo. No bar do aeroporto, ela se viu diante de um homem conhecido e, de fato, bastante importante na capital. Ele ouvira a meu respeito — por meio do nosso amigo — e até mesmo escutara meu disco. O encontro durou uma hora. Minha mãe, tranquila, falava sobre meu talento, o vinil que eu tinha gravado, as profecias do radialista que havia me comparado a Clara Nunes. O homem falava sobre a beleza dela e sobre o que ele poderia fazer por mim, sem explicitar a conexão entre um assunto e outro — mas, para bom entendedor, meia palavra bastava. Minha mãe, inteligente que era, percebeu tudo, mas continuou falando sobre como eu era prodígio. Deve ter sido uma conversa de surdos ou de loucos, pelo que ela me contou muitos anos mais tarde, quando eu, já adulta, compreendia a dimensão do assédio sexual na vida de tantas mulheres. "Eu tinha muita clareza sobre o que tinha ido fazer ali", ela me disse.

Foi o sujeito quem encerrou a "reunião".

"Dulce, eu gosto muito de mulheres bonitas, mas prefiro as burras", afirmou, misturando sarcasmo, irritação e uma certa surpresa pela resistência da minha mãe. "Eu estou há uma hora tentando levar você para a cama, e há uma hora você está desconversando, sem perder a gentileza. Eu ouvi sua filha cantar e acho que ela vai fazer sucesso, mas pelo visto terá que ser pelo caminho mais árduo."

Minha mãe se levantou, agradeceu a atenção que ele lhe dera e desejou uma boa tarde. Curiosamente, o homem ofereceu uma carona até a rodoviária. Minha mãe — quase sem dinheiro no bolso — aceitou. Dirigiram em silêncio até lá, onde ele a deixou com um antiquado "Passar bem". Ela nunca contou essa história a ninguém, nem mesmo a meu pai.

Não foi a única vez. Houve outra, poucos meses depois, e um pouco mais agressiva. Aconteceu durante uma viagem a São Paulo, em que minha mãe, hospedada na casa de um primo, foi aconselhada a procurar outra figura supostamente influente no meio artístico e capaz de divulgar meu disco. Marcaram um

encontro e ela levou meu vinil. Esse homem foi inconveniente desde as primeiras palavras.

"Você veio sozinha? Por acaso está com problemas no casamento?", quis saber.

"Não tenho problemas e não vim falar sobre meu casamento", cortou minha mãe, emendando o discurso de costume sobre meu talento. A certa altura, ele a interrompeu.

"Olhe, eu posso ajudar sua filha. Com meu apoio ela pode fazer shows e participar de programas de TV. Mas isso só vai acontecer se você se deitar comigo."

"Eu quero que minha filha faça sucesso, mas tem que ser de maneira digna", rebateu minha mãe.

"Se não vai acontecer nada entre nós, não vou ajudar."

Assunto encerrado, ela voltou a Sete Lagoas, triste, mas determinada a continuar, convencida de que estava no caminho certo.

Na época, a TV Bandeirantes de Minas Gerais exibia aos domingos um programa bastante popular na região que se chamava *Paradão Sertanejo*. Ali conseguimos espaço sem os famosos testes do sofá, apoiadas por pessoas que enxergaram talento em mim. Eu me apresentei várias vezes no *Paradão*, algumas delas com o apoio do Zé do Furunco, o personagem que minha mãe continuava incorporando para me dar apoio no palco, já que a estrutura da TV — holofotes, câmeras deslizando pelo chão brilhante, microfones dependurados e bastante estresse — me deixara ainda mais tímida.

Com minha imagem exibida no estado inteiro, comecei a me tornar conhecida. Mas ainda não famosa e, sobretudo, continuava sem dinheiro no bolso. E estávamos precisando.

A mercearia dos meus pais em Sete Lagoas, que, além de vender secos e molhados, ofertava a produção do sítio — farinha, queijos, banana, mamão, rapadura e cachaça, entre outros itens —, não era um negócio espetacular, mas vinha provendo o sustento da família. Assim foi até que meu avô paterno adoeceu — teve um aneurisma rompido — e precisamos nos desfazer a toque de caixa de toda a mercadoria

para bancar seu tratamento. Depois disso, meus pais nunca mais conseguiram levantar o pequeno comércio, que acabou fechando. Mais tarde, até abriram uma portinha do lado do lugar onde funcionara a mercearia, mas nada que se comparasse ao negócio anterior. Sem dinheiro, fomos morar de favor na casa do tio Joel — o mesmo que tocava com meu pai —, em uma chácara próxima à cidade.

A família via toda essa movimentação com uma mistura de desconfiança e ceticismo. Parecia insano vender a caminhonete para investir na carreira de cantora de uma criança de dez anos e depois ficar sem teto — literalmente. Havia tempos os tios e tias já vinham cutucando meus pais. "Por que a Paula não aparece na televisão?"; "Esse disco vende ou não vende?". Era uma pressão ora explícita, ora velada, mas nem por isso menos perturbadora. Se estava difícil até para minha mãe entender, para eles, então, era tudo muito misterioso.

Minhas participações no *Paradão* vieram na hora certa, mas o cenário geral era o mesmo. Em casa, faltava tudo. De vez em quando, meu pai ou minha mãe vendiam um show em alguma cidade próxima. Ambiciosos, meus pais quiseram contratar músicos — um guitarrista e um tecladista —, em uma tentativa de montar um esquema mais "profissional". Logo desistimos, porque nem sempre o contratante pagava e não tínhamos como bancar os músicos. As viagens eram sempre precárias e eu me lembro de sentir fome e até mesmo sede — porque não tínhamos dinheiro para nada.

Parecia que a salvação viria de um primo do meu pai, homem vivido e esperto, que morava em São Paulo e trabalhava em uma casa noturna. Pois esse primo apareceu com promessas de participação em programas de televisão, desde que pagássemos a ele duzentos dólares por aparição — um dinheiro sem tamanho para nossa família empobrecida. Mesmo assim, meus pais concordaram. Fomos a São Paulo e gravei uma participação no programa *Clube do Bolinha*, exibido aos sábados, nacionalmente, pela TV Bandeirantes. O apresentador, Édson Cury, era um homem bonachão e

divertido, que vestia camisas coloridas e transformou seu palco em um celeiro de novos talentos e lugar de consagração para artistas há mais tempo na estrada. Mas essa participação, exibida duas vezes, em domingos consecutivos, não deu frutos, tanto que nunca mais vimos esse primo. Ele desapareceu levando quinhentos reais da minha mãe com a promessa, jamais cumprida, de me "colocar" nas grandes emissoras.

Mas minha carreira infantil não decolava.

Um dia, por um desses acasos mágicos, caiu nas mãos da minha mãe uma revista que trazia uma longa reportagem com uma dupla de cantores mirins. Não guardamos o nome dos meninos. No pé do artigo havia o telefone do empresário, que se especializara em crianças. Mamãe ligou para ele e contou minha história. Ela sugeriu que fôssemos a São Paulo conhecê-lo, e o empresário aprovou na hora a ideia. Dessa vez, iríamos nós duas, declarou minha mãe. Meu pai ficaria em Sete Lagoas com Nilmar.

Os preparativos levaram uma semana. Minha mãe nunca tinha saído de Minas, e viajava tensa como uma corda de violão pela mesma Fernão Dias que eu percorrera pouco tempo antes, com meu pai, para gravar o programa do Bolinha. A estrada, ainda em obras, estava toda congestionada, mesmo à noite, de modo que a viagem durou doze horas. Quando desembarcamos no Terminal Rodoviário Tietê, na capital paulista, em uma manhã de segunda-feira, minha mãe, eu e meu violão, um rapaz nos abordou, possivelmente reconhecendo-nos pela descrição que ela dera ao empresário. Seu nome era Gilson e fora enviado para nos levar até o escritório da empresa de talentos, na Vila Mariana. Fomos de metrô. Nas ruas do bairro, pela primeira vez vi pessoas de ascendência oriental. Brinquei: "Mãe, será que estamos no Japão?". Ela riu.

Esperamos longamente na antessala do escritório. Quando o empresário enfim nos recebeu, passava das duas da tarde. Eu tinha me alimentado pela última vez quase vinte horas antes, em Belo Horizonte, de onde partira nosso ônibus. Estava

cansada e faminta. O homem pareceu não perceber. Logo de cara, perguntou se eu gostaria de cantar para ele.

Sim, eu gostaria. Mesmo que estivesse cansada e faminta.

Toquei e cantei as músicas de costume, "Coração na contramão" e "Desculpe, mas eu vou chorar". Ele pediu outra e mais outra. Para mim, era só mais um ouvinte. Para minha mãe, era uma nova esperança. Ela não tirava os olhos dele, observando cada pequena reação. A tarde já ia avançada quando o empresário enfim nos convidou para almoçar. Criança que eu era, tenho poucas lembranças desse almoço, que me foi relatado muitas vezes, anos mais tarde, por minha mãe.

"A Paula é mesmo muito talentosa, dona Dulce. A senhora tem como investir na carreira dela?"

A mãe engoliu em seco, mas não perdeu a compostura.

"De quanto estamos falando?", ela perguntou, com segurança. Como se tivesse um mundo de dinheiro no banco.

O empresário explicou que, para minha carreira decolar, precisaríamos de um projeto (outra palavra nova para nossa família). Um plano de carreira que indicasse onde eu começaria me apresentando, que tipo de música cantaria, quem seria meu público, quanto cobraria por apresentação. Minha mãe ouvia com atenção, sem deixar transparecer seu desconhecimento daquele universo. Fez poucas perguntas, pertinentes. Ele pagou a conta e ficou de nos mandar o projeto pelo correio. Tudo ajustado, nos despedimos e voltamos para o Tietê, onde, à noite, tomamos novamente o ônibus para Sete Lagoas. Aquelas duas palavrinhas martelavam na cabeça da minha mãe: investimento e projeto. Eu só pensava em deitar um pouquinho a poltrona do ônibus e adormecer. Estava exausta. Eu só tinha onze anos.

O tal projeto aterrissou na nossa casa, em Sete Lagoas, uns quinze dias depois. Trazia cifras impensáveis para nós, que até então achávamos que ter talento era suficiente.

A família esperava nossa volta de São Paulo com grande ansiedade. Como minha mãe mostrava certa reticência em contar o que tinha acontecido, começamos a ser questionados de novo por alguns tios e primos. Diziam que nos faltava humildade. Que deveríamos fazer plantão na porta das rádios e da televisão, pedir qualquer oportunidade. Não sabiam que já tínhamos feito isso, e não uma, mas muitas vezes.

A verdade é que minha mãe não sabia o que fazer. Não sabia qual poderia ser o próximo passo, considerando que não tínhamos o capital necessário para investir na minha carreira. E, como não sabia o que fazer, ela decidiu alardear que estava tudo bem.

"Um grande empresário de São Paulo conheceu o trabalho da Paula e disse que fará dela uma grande estrela", escutei-a dizer a uma tia especialmente encrenqueira. A quem perguntasse, minha mãe explicava que uma reviravolta na minha carreira estava prestes a acontecer. Que estavam preparando uma grande proposta para mim. E assim, alimentando o sonho de todos os envolvidos, ela nutria o próprio sonho, tão castigado pelo último ano de peregrinação e decepções. E tanto fez, e tanto falou, que a notícia se espalhou por Sete Lagoas, onde eu já era razoavelmente conhecida. Os locutores das rádios onde eu continuava me apresentando comentavam. Os colegas da escola cochichavam (quando eu finalmente aparecia, depois de cada ausência "para me apresentar em outra cidade"). Os parentes torciam as mãos de ansiedade. No *Paradão Sertanejo*, onde eu batia ponto, o apresentador quis saber se era verdade que eu estava prestes a assinar um grande contrato.

"Não posso revelar nada ainda, mas logo terei novidades", respondia, devidamente instruída pelo meu pai.

Um dia, um comerciante amigo da minha mãe bateu à nossa porta. Estava disposto a investir, a dar um empurrão para que a carreira deslanchasse. Tinha uma loja de material de construção — daí o nome como era conhecido em Sete Lagoas, Edson do Fio Elétrico —, um coração enorme e uma apreciação verdadeira pelo meu canto. Mamãe tomou coragem

e acabou revelando a ele o “projeto” que não tinha como pôr em pé. Edson guardou segredo e passou a conduzir as negociações com o empresário de São Paulo. Ele entraria com 11 mil reais. Parecia um sonho. Minha mãe recebeu o dinheiro, assinou um punhado de promissórias, comprometendo-se a devolver a quantia com juros, e mandou quase tudo para o empresário da Vila Mariana, avisando a ele:

“Estamos nos mudando para São Paulo.”

Foi quando meus pais me chamaram:

“Filha, nós vamos nos mudar para São Paulo para cuidar da sua carreira.”

E as engrenagens começaram a girar com mais velocidade do que eu estava preparada para suportar.

4. Voarei: vida de rodeio

Eu nunca tinha morado com grandes confortos, mas nada até então se equiparava ao que encontramos em São Paulo.

Na verdade, não era exatamente São Paulo, uma cidade muito cara para se viver — ainda mais para nós. O melhor que encontramos, e que cabia no bolso dos meus pais, era uma chácara em Cotia, uma cidade encostada na capital. Cotia tem fama de abrigar condomínios de luxo — o mais conhecido deles é a Granja Viana —, mas nossa chácara era modestíssima. "Detonada", disse minha mãe, percorrendo, desolada, os cômodos da casa onde moraríamos nos próximos dois anos. As janelas estavam todas arrebentadas e, sem dinheiro para instalar vidros novos, improvisamos uma cobertura de plástico, que se agitava loucamente nas noites de ventania. As paredes tinham buracos onde se alojavam baratas. Para evitar que entrassem, cobríamos os buracos com mais plástico. Cotia é uma cidade fria, muito fria. Minha memória de criança recorda de tempestades fortíssimas, com raios cortando o céu, e uma sensação permanente de estar gelada. Em volta da casa, o mato crescia, abrigando uma profusão de insetos diversos que nos assustavam o tempo todo, como em um filme de terror. Apesar da precariedade, o aluguel era alto para a gente. Só podíamos pagar porque meus pais tinham alugado nossa casa em Sete Lagoas, bem como o cômodo ao lado, onde havia funcionado a mercearia. Não sobrava muito mais para viver.

A única concessão à minha infância tinha sido a permissão para levar na mudança o cachorro que era meu grande

companheiro de brincadeiras, Tiozinho, um vira-latas marrom que lembrava uma raposinha. Foi o animal mais inteligente que conheci. No bairro do Carmo, em Sete Lagoas, quando brincávamos de polícia e ladrão, Tiozinho cheirava a criançada toda e encontrava um por um, mesmo no esconderijo mais improvável. Quando gravei meu primeiro vinil, minha mãe tinha comprado um toca-discos barato e punha a tocar o disco; Tiozinho sentava-se diante do aparelho, quietinho, para escutar. Quando morreu, de uma virose, fiquei desolada.

Se Cotia era ruim para mim, deveria ser mil vezes pior para Nilmar. Em Sete Lagoas, meu irmão tinha sido um menino rueiro, desses que têm muitos amigos e brincam o tempo todo, vivem ralados e irritam as mães. "Pra dentro, Nilmar! Vem tomar banho que está tarde" era o que eu mais ouvia minha mãe gritar. Foi para São Paulo deixando para trás os amigos e as brincadeiras que adorava. Acho que nunca se adaptou àquela vida que, afinal, girava em torno de um sonho que era mais dos meus pais e meu do que dele.

Morar ali era ruim, mas havia uma compensação: já perto dos doze anos, consegui cursar uma escola regular pelo período que viria a ser o mais longo da minha vida. Eu, que gostava das aulas, me esbaldei. Na escola em Morro Grande — assim se chamava o bairro — fiz amigos, em especial Debora Midori Ueda, uma japonesa magrinha, de pele morena e cabelo comprido, inteligente e reservada; viramos unha e carne. Eu morria de ciúmes dela e, quando arrumou outra amiga além de mim, o pau quebrou. Midori foi a única amiga que me convidou para dormir na sua casa. Minha mãe deixou — mas foi junto e dormiu no quarto ao lado; não me deixava fazer nada sozinha. Dormiu, não: na casa havia vários rádios ligados, em volume alto, cada um em uma estação diferente, de modo que não pregamos o olho.

Foi por essa época que me apaixonei pelo professor de matemática — aquela paixão platônica, deliciosa, que transforma cada aula em um transbordamento de expectativas. Por ele, me tornei monitora de matemática, ajudando-o a

ensinar a matéria aos alunos que tinham mais dificuldade. Depois foi a vez de quase morrer de amores pelo menino mais bonito da sala. Passava as aulas desenhando o rosto dele e suspirando, como toda adolescente. Namorar, porém, jamais. Eu era bonita, mas era igualmente bobona; quando alguém me dizia que eu deveria ficar com alguém, como as outras meninas, tinha uma resposta na ponta da língua (e o pior é que pensava mesmo desse jeito): "Eu quero trabalhar, ter meu apartamento, meu carro, meu dinheiro. Aí vou namorar". Minha cabeça de adolescente era assim. Também sofria um pouco de bullying por causa do meu jeito de garota de roça e do sotaque mineiro, mas não liguei quando me apelidaram de "Queijim". Estava muito feliz de ter uma turma, amigos, deveres de uma adolescente comum. O que eu, definitivamente, não era, com minhas viagens, meu violão, a esperança de sucesso que pulsava ao meu redor. Nilmar também era infernizado na escola por causa do sotaque. No entanto, ao contrário de mim, ele sofria quando os outros meninos o xingavam de "mineiro bobo". Acho que meu irmão não teve um minuto de felicidade em São Paulo, em todos os lugares por onde passamos. Contava os dias para voltar, de férias, a Sete Lagoas.

Também foi na escola que descobri o basquete, outra das minhas paixões. Até hoje acho que, se fosse mais alta, não teria sido cantora. Eu jogava na posição de armadora e, como era pequena e ágil, me sobressaía; além disso, por ser canhota, tinha muita habilidade com as duas mãos. Eu gostava tanto do esporte que de vez em quando cabulava aula para jogar. O basquete foi motivo de conflito para mim. Sempre que passava pela minha cabeça a possibilidade de me tornar titular do time da escola, eu me lembrava do motivo de estarmos em Cotia — investir na minha carreira de cantora — e tentava afastar esses "maus pensamentos".

E a melhor parte da nossa mudança para Cotia: passei a viajar apenas nos fins de semana, o que me permitia não faltar às aulas. O.k., às vezes o fim de semana começava com shows

marcados na quinta-feira, mas, ainda assim, era um cenário melhor do que o dos anos anteriores, quando rodávamos a semana inteira pelo interior de Minas, fazendo apresentações pelas quais eu nem sempre recebia.

Essa vida quase normal só era possível porque, ciente da nossa terrível situação financeira e enquanto minha suposta carreira não decolava, o empresário do "projeto" ofereceu-nos um emprego em outro dos seus negócios: uma companhia de rodeios para a qual trabalhei dos doze aos dezesseis anos, aproximadamente.

Eu já frequentava rodeios, na minha infância no sítio ou mesmo a trabalho, para cantar, desde os nove anos. Adorava cavalos, as estrelas do rodeio. Nesses eventos, cheguei a cantar para 15 mil, até 20 mil pessoas. No começo, quando eu ainda precisava de algum estímulo para me apresentar diante de tanta gente, meu pai dizia:

"Canta que no fim do show eu te levo para montar."

Só que isso nunca acontecia, e eu me derretia em lágrimas. Lembro-me de apenas uma festa em que pude montar, e era um cavalo de corrida; quando o animal acelerou, perto da linha de chegada, agarrei a cabeceira da sela e me segurei, enquanto o público olhava a cena, assustado. Passei o aperto, quase caí, mas me equilibrei. Talvez por isso não tenham me deixado mais montar.

Cada um de nós tinha um papel no esquema do empresário. Minha mãe tomava conta da bilheteria, vendendo ingressos para apresentações de artistas como Zezé di Camargo e Luciano, Sérgio Reis, Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo, Amado Batista, Mara Maravilha, Elba Ramalho e Daniela Mercury. Também fazia faxina na casa do empresário e lavava a roupa dele e da família. Às vezes, quando o artista que cantaria no rodeio precisava de uma camareira, minha mãe organizava o camarim e ficava à disposição — lembro do entusiasmo dela quando cuidou de Roberta Miranda, de quem nós duas éramos fãs. Meu pai se revezava com ela na bilheteria e na conferência dos ingressos, liberando as pessoas para

dentro do espaço do evento. Eu me apresentava antes dos rodeios, no meio de um gramado, dentro de um coração ou de um círculo de fogo, cantando a "Ave-Maria" de Gounod, com letra em português. Fiz a abertura para o show de muitos dos grandes nomes da música sertaneja. Meu pai pedia a todos que tirassem foto comigo e dessem autógrafos — de modo que tenho fotos com praticamente todos os artistas da época —, mas nunca tive coragem de falar: "Posso cantar com você?". Poderia. Oportunidades não faltaram, mas achava que eles deveriam me notar pelo que eu fazia, pela minha música. Não distribuía discos nem portfólio porque não tínhamos dinheiro para financiar uma coisa nem outra. Então, eu me vestia toda de branco — calça, camisa, sapato e uma capa — e cantava o mais lindamente possível. Se me notaram, eu nunca soube.

Ganhava cinquenta reais por apresentação, que iam direto para o bolso dos meus pais. Além disso, cada um deles recebia vinte reais. E assim íamos comprando o arroz e feijão de cada dia.

Quando não havia rodeio, estávamos liberados para trabalhar em uma companhia local que promovia exibições de cavalos lusitanos. O destaque do desfile, naturalmente, eram os cavalos — eu era apenas a menina sobre eles que, eventualmente, cantava a "Ave-Maria" ou, vestida de índia, permanecia no lombo dos animais enquanto eles sentavam, deitavam e dançavam. Por esse trabalho eu não era remunerada, pois o dono da companhia dizia que eu deveria agradecer pelo privilégio de montar nos lindos cavalos dele. Mas eu não me importava de não ganhar nada: adorava estar com os bichos, e eram animais lindos, dóceis, mas orgulhosos. Meus pais recebiam uns trocados.

Na hora em que a exposição se encerrava, minha mãe e eu íamos para a loja de artigos de couro que o empresário que nos contratara — o do "projeto", dono também da companhia de rodeios — mantinha em um caminhão-baú estacionado estrategicamente na saída do local. Às vezes, enquanto minha mãe atendia os clientes da loja, eu tocava violão e cantava.

Quando tudo terminava, ganhávamos uma porção de macarrão frio, que estava invariavelmente ruim. Se o show era em uma das cidades vizinhas, voltávamos para nossa casa em Cotia de carona, dentro do baú do caminhão, junto com as peças de couro que haviam sobrado. Eu pegava no sono, exausta, embalada pelo ruído do motor e pelo cheiro forte de couro curtido. Às vezes a apresentação era em alguma cidade distante. Certa vez, o empresário nos convocou para uma festa em Barra do Piraí, no Rio de Janeiro. Ele nos apanhou em casa, em Cotia, e viajamos até Piraí na boleia do caminhão que transportava os cavalos. Como de costume, durante os cinco dias da festa, fiz exibição em cima dos animais, toquei e cantei nos estandes, enquanto minha mãe vendia camisas, botas, chapéus e outros acessórios do universo sertanejo. À noite, dormíamos em um quartinho imundo; todas as nossas refeições eram aquele macarrão frio. No final da festa, viajamos de volta para Cotia e, na porta de casa, ele disse à minha mãe:

"Amanhã eu volto para te pagar."

E foi embora sem maiores explicações.

Era muito trabalho, pouco dinheiro e, principalmente, pouco resultado. Meus pais tinham depositado muitas esperanças — além de confiança e do dinheiro que tinham — nas mãos do empresário do "projeto". Àquela altura, já estavam fartos e desconfiados, e o relacionamento vinha azedando aos poucos. Para minha família, ele não estava fazendo o suficiente para divulgar minha carreira; o empresário, por sua vez, dizia que era assim mesmo, que não era fácil entrar em um mundo fechado como o dos artistas, que precisava de mais dinheiro para investir. Houve uma ruptura, com meus pais pedindo de volta os 11 mil reais iniciais — aqueles que o Edson do Fio Elétrico tinha emprestado. O dinheiro foi devolvido, e, embora eu não participasse dessas negociações, lembro do alívio da minha mãe quando viajamos em um fim de semana para Sete Lagoas, ela com o cheque de 11 mil reais para devolver ao

Edson e resgatar suas promissórias — contando que ele perdoaria os juros, como de fato perdoou.

Apresentar-se em rodeios pode ser um desafio para qualquer artista, seja pelo volume de gente, seja pelo show ao ar livre, sob condições imprevisíveis, mas eu, que já cantava havia tanto tempo, logo me acostumei. O que ficou daquela época, de verdade, mais do que os aplausos do público para a menina que cantava afinadinha, foi a decepção pela promessa de que me deixariam montar — e que raramente se cumpria. Eu me entretinha observando os animais, e eles eram maravilhosos. Na baia, antes de entrar na arena, o cavalo treme, parece tenso, agitado, às vezes desanimado; é fácil olhar aquele bicho grande, garboso, mas sob forte pressão, e achar que tudo dará errado. No entanto, abre-se a portinhola e o que se vê é um animal senhor de si, seguro da própria beleza. Qualquer analogia com o momento sagrado do artista nos segundos que antecedem a entrada no palco não é mera coincidência.

Quando eu fazia rodeios, ainda ecoava pelas arenas o sucesso de uma novela encerrada poucos anos antes, *A História de Ana Raio e Zé Trovão*. Exibida pela TV Manchete a partir do final de 1990 e ao longo de 1991, contava a trajetória fictícia de uma peoa, dona de uma companhia de rodeios, que percorre o Brasil em busca da filha que lhe fora roubada ao nascer. Ana Raio, nome da personagem, era interpretada pela atriz Ingra Liberato, e todo mundo que me via cantar dizia que eu era parecida com ela. Meu pai gostou da ideia e registrou para mim o nome artístico de Ana Rayo, com "y" para me diferenciar. Eu não gostava do nome — achava Paula tão lindo —, mas o fato é que minha família estava sempre em busca de qualquer detalhe que pudesse fazer a diferença entre sucesso e obscuridade. Como Ana Rayo, eu me aventurei no meu segundo disco, *Voarei*, gravado quando eu tinha cerca de catorze anos. Trabalhei algum tempo com esse nome artístico,

mas foi um alívio quando, mais tarde, voltei a ser simplesmente Paula Fernandes.

Voarei foi meu primeiro CD, um projeto em que investimos bastante tempo e energia. A canção título era de Elias Muniz, um compositor que escrevia músicas para Zezé di Camargo e Luciano e Rick e Renner, dentre outros artistas famosos. Havíamos conseguido a cessão da música graças à influência do empresário, que tinha contatos entre artistas famosos; ele conseguiu também um produtor que bancasse o registro, sem que precisássemos pôr a mão no bolso (mesmo porque não tínhamos dinheiro). Pela primeira vez, eu me atrevia a gravar uma música em inglês ("The Boxer", de Paul Simon). Porém, como não éramos do meio artístico, novamente precisávamos de alguém que nos assessorasse na divulgação. E só conhecíamos um empresário: o do "projeto". Engolindo seu orgulho no bolso, meus pais voltaram a procurá-lo e pediram-lhe que cuidasse desse novo álbum.

Ele aceitou, mas nada fez. O fato de morarmos em São Paulo, perto das maiores emissoras do país, não facilitou em nada nossa entrada em mercados maiores. Novamente, minha mãe e eu partimos em peregrinação pelas rádios e TVs, porém só conseguimos espaço nas rádios mineiras, ou melhor, nas de Sete Lagoas, como a Musirama; lá, o dono da emissora, Geraldo Padrão, acreditou em mim e encheu de esperança o coração da minha mãe. "Essa menina é um talento, não desista, Dulce", dizia.

Mais uma vez, porém, parecia que estava dando errado. Já não tínhamos mais bala na agulha.

Então, um dia, minha mãe assistiu na TV a uma entrevista com o cantor Eduardo Araújo. A reportagem era sobre o novo projeto dele: abrir uma produtora, que se chamaria Number One. Além de gerenciar a carreira dos artistas contratados, a empresa teria também um braço como gravadora, para não precisar depender das grandes do setor na hora de lançar os discos. Para pôr seu projeto em pé, Eduardo estava à procura de talentos, artistas nos quais investiria sem medo de errar.

Mineiro de Joaíma, Eduardo Araújo se lançara na carreira musical no final dos anos 1960, no Rio de Janeiro. Tornou-se amigo de Erasmo Carlos e juntou-se à Jovem Guarda. Estourou com a canção "O bom", e fez tanto sucesso que a TV Excelsior, de São Paulo, convidou-o para gravar um programa homônimo da música com a também cantora Sylvinha — com quem ele acabou se casando. Desde então, Eduardo já tinha viajado por muitos estilos musicais e declarava-se pronto e experiente para divulgar novos talentos — o primeiro deles seria sua filha, Mônica. "Modéstia à parte, eu aprendi com o Carlos Imperial a identificar um artista que tem potencial para chegar lá no alto. A gente, como produtora, só constrói a ponte para ele ir mais rápido", dizia ele. Imperial tinha sido um dos maiores produtores do show business brasileiro, com uma habilidade extraordinária para farejar novos talentos. Ao se comparar a ele, Eduardo Araújo criava grande expectativa em torno do seu novo empreendimento.

O discurso pareceu perfeito para minha mãe, que conseguiu o telefone dele e ligou. Homem simples e cortês, Eduardo atendeu-a com gentileza, ouviu-a pacientemente contar nossa história, deu o endereço da recém-inaugurada gravadora e disse:

"Mande o CD que a Paula acabou de gravar para eu escutar."

Minha mãe mandou.

Vários dias se passaram e, como Eduardo não ligou, minha mãe voltou a procurá-lo. As notícias não eram exatamente animadoras.

"Dulce, a Paula tem uma voz linda, mas eu não a lançaria como Ana Rayo. Prefiro que ela faça um CD novo com a gravadora, mas não agora. Estou pondo o negócio em pé. Por favor, me dê um tempo e eu volto a fazer contato. Pode ser?"

Foi um balde de água fria. A verdade é que meus pais queriam transformar Eduardo Araújo no plano A da minha carreira, para então encerrar de vez o relacionamento com o empresário que vinha nos enrolando fazia quase cinco anos. Com a negativa dele, voltávamos à estaca zero. O empresário

ainda marcava shows espaçados, mas não conseguíamos viver disso, mesmo quando entravam os trocados minguados da companhia de cavalos lusitanos. Para economizar, saímos da casa esburacada nos arredores de Cotia e nos mudamos para uma casinha de fundos no centro da cidade. Pagávamos duzentos reais de aluguel por um lugar com dois cômodos, telhado de amianto e esgoto a céu aberto, compartilhado com um vizinho; lá, além de baratas, havia lesmas por toda parte. Eu morria de nojo. Toda noite, antes de dormirmos, minha mãe espalhava veneno pelos cômodos; pela manhã, tirava pelo menos uma pá de baratas e lesmas mortas. Meus pais dormiam na cozinha, em uma bicama que abriam à noite; Nilmar e eu dividíamos o outro ambiente, que era ao mesmo tempo sala e quarto, e havia também um banheiro separado da área social por uma parede fina. Ficamos nesse lugar por mais ou menos um ano e meio, até que, certa madrugada, minha mãe despertou sentindo certo comichão no pé; era uma barata. Tínhamos chegado ao limite do que podíamos suportar. Então nos mudamos para um apartamento de três cômodos no centro de Cotia. Mas era caro, nossa situação só piorava e não poderíamos permanecer ali por muito tempo.

Para onde ir, então? Voltar para Sete Lagoas seria admitir o fracasso das nossas tentativas. Ao mesmo tempo, as dificuldades só aumentavam. Eu fazia um show aqui, outro ali, mas vivíamos quase na penúria. Um dia, soubemos que meu empresário estava de mudança para Casa Branca, cidadezinha no interior de São Paulo. Como ele ainda nos devia dinheiro, minha mãe tomou uma decisão surpreendente: comunicou-lhe que também nos mudaríamos para Casa Branca e que lá ele seria o responsável por pagar nosso aluguel, a título dos juros do que nos devia pelos "serviços não entregues". O mais incrível é que ele concordou. Outra vez, fizemos nossas malas, arrumamos um carreto para levar nossos poucos móveis e bagagens e encaramos uma viagem longa e desconfortável para viver em Casa Branca.

Entre a infância e o início da vida adulta, quando a música "Ave-Maria Natureza", cantada por mim, foi tema da novela *América*, minha família e eu mudamos 26 vezes de casa.

Sofri muito com a mudança para Casa Branca. Eu levava uma vida mais ou menos regrada em Cotia; tinha amigos e uma escola da qual gostava, mas precisei abrir mão de tudo. Em Casa Branca, fomos morar na rua do Desterro — nome que evocava a oração "Salve-Rainha" ("Depois deste desterro/Mostrai-nos a Jesus, o filho do vosso ventre"), mas também deu origem a uma sombria piada familiar ("Depois desse desterro, o que virá?" era o bordão que dizíamos uns aos outros, referência a certo sentimento de desolação que associávamos àquele lugar). Nossa casa era maior e mais confortável do que as anteriores, com um pé de jabuticaba nos fundos, no quintal onde Nilmar criava codornas. Lá pude ter um cachorro, Iron, um salsichinha preto que às vezes comia as codornas de Nilmar e que certo dia apareceu morto, envenenado por algum vizinho cruel. Embora fosse grande, a casa não tinha laje — era só telhado, o que significava que os ambientes, superaquecidos durante o dia, eram saunas nos dias de verão, e às vezes chovia sobre nossas camas. Não havia baratas — ao menos, não tanto quanto nas outras casas —, mas a rua do Desterro era de terra batida, e a terra, no caso, era vermelha; juntava tanta poeira que no final do dia podíamos escrever nossos nomes em qualquer móvel.

O maior quarto era meu, decorado com simplicidade: um guarda-roupa branco, uma cama de alumínio, uma prateleira daquelas de mercearia que minha mãe tinha pintado de branco e enfeitado com cortininhas de renda, em uma tentativa (não muito bem-sucedida) de evitar que o pó se depositasse sobre meus bichos que pareciam de pelúcia, mas eram de um material inferior, mais barato. Para evitar o pó, eu mantinha os bichos no plástico e só os tirava de vez em quando. Meu quarto era o mais aconchegante possível, quase um luxo perto dos

anteriores, e eu passava a maior parte do tempo fechada nele. Foi lá que compus "Meu eu em você", que mais tarde gravaria em *Canções do vento sul*. A música veio inteirinha de uma só vez, verso por verso, da primeira à última linha, enquanto eu chorava de soluçar, emocionada com a constatação de que podia compor assim. Depois que escrevi, não mudei uma vírgula nessa canção.

Um único ônibus velho percorria a poeirenta rua do Desterro; era o que eu tomava para ir ao centro da cidade e encontrar os poucos amigos que fiz em frente ao Banco do Brasil, o point da cidade. Eu não tinha roupa de sair, então usava a mesma dos shows: calça jeans, bota, camisa branca abotoada até o pescoço. Como teria que voltar a pé, minha mãe me acompanhava nessas saídas, mas se mantinha longe; costumava levar um terço e ficava rezando sentada num banco da praça mais próxima.

A vida continuava meio de cara amarrada conosco. Um dia, nossa geladeira pifou. Como não tínhamos dinheiro para uma nova, meu pai contratou um técnico que apenas fez uma recarga de gás. O conserto, claro, durou um dia. Apesar das reclamações dos meus pais, tivemos que comprar uma nova, paga em várias prestações com o dinheiro de um pequeno contrato que consegui para cantar dez ave-marias em rodeios pela região.

O primeiro a desistir da nossa vida nômade, com apoio do meu pai e da minha mãe, foi meu irmão. Nilmar fez as malas e voltou para Minas; foi morar com minha avó materna, Francisca, em Sete Lagoas. Lá, matriculou-se em uma escola mantida pelo Senai e com catorze anos começou a trabalhar, com carteira assinada, na Resil, uma fábrica de estruturas metálicas para bancos de carro em São Joaquim de Bicas, na Grande BH. Como menor aprendiz na fábrica, trabalhando na área de ferramentaria, ganhava meio salário mínimo e uma cesta básica.

Sem ele, a casa parecia ainda maior e mais vazia. Era como se o tempo tivesse estacionado nas ruas quentes e ensolaradas de

Casa Branca. E minha carreira também.

Mas não tinha.

Em São Paulo, o projeto de Eduardo Araújo ganhara um investidor e envergadura. Eu estava nos planos dele, a ponto de mandar um produtor musical em nosso encalço. Esse produtor nos localizou em Casa Branca e, algum tempo depois da resposta negativa da Number One, bateu à nossa porta. Apresentou-se como emissário de Eduardo Araújo, sentou-se na ponta do sofá da nossa sala eternamente empoeirada e disse a que viera: em busca de artistas para lançar, o ex-astro da Jovem Guarda tinha desencavado meu CD *Voarei*, gravado como Ana Rayo. Lembrou-se de ter conhecido a mim e a minha mãe e de ter se encantado com minha voz. Agora que a gravadora Number One começava a decolar, gostaria de retomar o contato; Eduardo dissera que acreditava no sucesso de uma parceria comigo para impulsionar a gravadora. Queria que fôssemos para São Paulo. E logo.

Ouvi tudo muito quieta. Já levara muitos nãos para acreditar que aquele seria um sim. O tempo havia passado; eu tinha dezessete anos e já não era a criança ingênua que acreditava em tudo o que diziam. Esperei a reação da minha mãe. E ela, como sempre, se encheu de alegria e esperança. "Quer dizer que o Eduardo se lembra da Paula?", quis saber, encantada. Sim, Eduardo se lembrava e tinha muitos planos, confirmou o produtor musical. Marcamos uma reunião no escritório de Eduardo para dali a poucos dias.

Tudo aconteceu muito rápido. Falamos de contrato e da produção do álbum que eu faria. Tivemos um momento tenso quando Eduardo explicou que eu precisaria cortar o cabelo, adotar um visual mais moderno — um golpe duro para mim, que adorava o cabelão comprido. E que não deveríamos usar o nome artístico de que meu pai tanto gostava, Ana Rayo, e pelo qual eu vinha sendo chamada até então.

"Precisamos trocar o nome dela", explicou. "Não podemos usar o nome de outra pessoa, e que, ainda por cima, remete a

uma novela que já acabou. Ninguém fala mais de Ana Rayo." E emendou: "Como é o nome verdadeiro dela?".

"Paula Fernandes", disse meu pai.

"Maravilhoso! Esse nome é sensacional!" Eduardo Araújo estava enfim satisfeito. Já meu pai não ficou muito feliz, mas se resignou; afinal, queríamos tanto uma gravadora! Definimos o repertório. Meus pais e eu continuamos morando em Casa Branca ainda por um tempo, na casa cujo aluguel era pago pelo empresário, e eu recebia pelo correio as letras e a versão em fita cassete das músicas que deveria cantar. Ensaiava em casa, esperando a convocação para gravar em São Paulo. Quando finalmente Eduardo nos chamou para a gravação, viajamos os dois — meu pai e eu — para São Paulo.

Como não tínhamos onde ficar, Eduardo e Sylvinha nos acolheram na sua casa. Foram gentis e afetuosos, especialmente Sylvinha. Com o tempo, viriam a alugar um apartamento para nós em Alphaville, na Grande São Paulo, onde cuidariam para que nada nos faltasse. Os dois criavam cavalos e, sempre que havia uma oportunidade, sabendo que eu adorava montar, me levavam para a fazenda deles. Em uma dessas viagens, tivemos uma conversa que me marcou profundamente. Vendo-me quieta, afundada no banco de trás da caminhonete, Eduardo perguntou:

"Por que você está triste?"

Não respondi. Eduardo era gentil, porém era um recém-chegado à minha vida. Como explicar tudo o que eu tinha vivido até então?

"Você sente falta de amigos? De namorado, talvez?"

Está chegando perto, pensei. Mas continuei calada.

"Olhe, Paula, se for isso, você tem que pensar no que quer da vida. A música é um caminho muito absorvente. Se você quer ser uma artista famosa, não vai sobrar tempo para muita coisa além disso."

Foi ruim escutar aquilo. Será que, para ser artista, eu realmente precisaria fazer uma escolha? Naquele momento, porém, a escolha parecia feita e irreversível.

Lembro ainda de uma festa a que ele me levou, comemoração do aniversário do sócio que vinha investindo na Number One. Quando cantei, esse sócio, que até então só me conhecia de nome, cochichou para Eduardo:

"Parece que ela tem uma caixa amplificadora no peito! Canta sem nenhum esforço!"

Quando entrei em estúdio para gravar, em dois dias registramos dez faixas, produzidas por Dudu, filho do casal e arranjador talentoso. O CD tinha uma pegada country e ficou muito bom. A maioria das faixas era inédita, e uma das melhores, "Quem é o cara", era uma composição do próprio Eduardo. Duas eram de um jovem compositor também mineiro, Victor Chaves. Não chegamos a decidir o nome do álbum.

Comecei a viajar pelo país com a trupe da gravadora Number One. No esforço para divulgar seu empreendimento e os artistas do seu casting, Eduardo Araújo organizava shows, instalava seus contratados em uma van e lá íamos nós para onde quisessem nos ouvir. Certa vez, em uma viagem para Barretos, no interior de São Paulo, entrei no carro e já estava lá uma dupla contratada pela gravadora: Victor e Leo. Os dois irmãos nascidos em Abre Campo, mineiros como eu, tinham impressionado Eduardo Araújo e Sylvinha apresentando-se na noite e também fariam show na terra dos rodeios. Victor era o compositor das duas canções que estavam no CD inédito da Number One: "Não precisa" e "Feito dois anjos". Quando entrei na van e olhei para ele, tive aquela sensação divertida de desenho animado, de coraçõezinhos saindo de mim. Eu não tinha ideia do que aquilo significava, mas havia ficado obviamente apaixonada por ele, à primeira vista.

Victor foi o primeiro homem com quem conversei com leveza. Logo soube que tinha uma namorada, mas isso não abalou meu encantamento. Ele me contava suas histórias, eu as minhas. Gostava do seu jeito desencanado e tranquilo, sempre

de calça jeans e camiseta branca. Gostava do repertório de piadas que ele sempre tinha de prontidão. Ele me ensinou a jogar xadrez e era meu desafiante nas nossas viagens.

Essa aproximação só foi possível porque, justamente naquela viagem, quem me acompanhava não era meu pai. Era minha mãe.

Até os dezessete anos, meu pai foi meu companheiro frequente de viagem para os shows que eu fazia. Não era exatamente bom. Menos por causa dele — embora fosse, de fato, um homem taciturno e fechado — e mais por mim, que, sob o peso da sua presença e da admiração que durante muitos anos nutri por ele, me comportava feito uma máquina, um robozinho que nunca dava defeito. Se eu tinha algum problema, guardava para mim. Isso, claro, fazia de mim uma pessoa fechada, silenciosa, que só se soltava diante do microfone. Quando ele não podia, minha mãe me acompanhava, e o clima era outro. Conseguia conversar com outras pessoas, dava risada. Achava massa. Foi justamente o que aconteceu naquela viagem a Barretos.

Eduardo Araújo reparou nisso e abordou minha mãe:

"Dulce, não pode ser você a pessoa que viaja com a Paula?" E depois, diante do olhar desconcertado dela, completou: "Não tenho nada contra o seu Osvaldo, mas a Paula fica muito mais alegre e extrovertida quando você a acompanha. É outra pessoa".

Minha mãe hesitou.

"Se o problema for trabalho para o Osvaldo, posso arrumar um emprego para ele amanhã mesmo!", completou Eduardo — que, de fato, cumpriu a promessa e conseguiu com um conhecido uma vaga para meu pai no setor de almoxarifado de uma empresa. Era um trabalho leve e relativamente bem remunerado.

Parecia tudo acertado. Faltava contar a meu pai. E, claro, minha mãe pressentia problemas.

De volta a Casa Branca depois daquela turnê em Barretos, minha mãe falou a meu pai sobre o pedido de Eduardo para

que ela passasse a me acompanhar. Ele ficou furioso; não aceitou a decisão de jeito nenhum. Os dois tiveram uma discussão terrível. Minha mãe argumentava que, se eu ficava melhor com ela nas viagens, assim deveria ser. Meu pai rebatia dizendo que queriam afastá-lo do gerenciamento da minha carreira. Não houve acordo. Ele não quis nem ouvir falar no emprego que Eduardo tinha arranjado. No dia seguinte, fez as malas e partiu para Sete Lagoas.

Foi assim que, de um dia para o outro, minha mãe e eu nos vimos sozinhas em Casa Branca, entregues à nossa sorte. É verdade que eu preferia que ela viajasse comigo, mas sentia muita falta do meu pai. A partida dele mexeu profundamente comigo, e naquele momento a ruptura parecia definitiva. Minha mãe comunicou às irmãs em Sete Lagoas que os dois estavam separados, o que deu um tom ainda mais oficial à nova situação. Eu já apresentava indícios da depressão que daí a pouco viria se instalar com força total, mas, naquele momento, não tinha ideia do que era aquela sensação ruim, aquele aperto no peito sem explicação.

Meu aniversário de dezoito anos estava chegando. Mais ou menos na mesma época, completou-se um mês que meu pai se fora. Eu não entendia aquele abandono. Não deveríamos estar os três unidos pela minha carreira, pelo meu sucesso? Não era por isso que vínhamos batalhando tanto, fazia tantos anos?

Minha tia Neuza se enterneceu pela nossa situação. Um dia, avisou mamãe: havia mandado dinheiro para que ela e eu fôssemos comemorar a data em Sete Lagoas.

"Venham, a gente faz um bolinho e festejamos aqui", disse ela. "Dezoito anos é uma data que não pode passar em branco."

Minha mãe aceitou a oferta e viajamos. Tia Neuza fez um bolinho, apaguei velas, cantaram parabéns para mim. Nilmar, morando em Sete Lagoas, apareceu para comemorar. E o melhor — ao menos do meu ponto de vista: meu pai apareceu também. Procurou minha mãe dizendo-se arrependido e pedindo que o perdoasse. Prometeu a ela que estava mudado. Que tudo seria diferente dali em diante. Nilmar e eu fizemos

coro para os dois voltarem e tanto pressionamos que ela acabou cedendo.

Voltamos os três para Casa Branca, meus pais e eu. Minha mãe cumpriu a promessa a mim e a Nilmar e de fato aceitou meu pai de volta, mas em outras bases: passaram a dormir em quartos separados e, em casa, pouco se comunicavam. Entendi que, para ela, tinha sido um esforço enorme recebê-lo de volta. No fundo, ela não o perdoava por ter desaparecido das nossas vidas naqueles trinta dias. Houve outras histórias, pequenos e grandes desentendimentos de vinte anos de casados, mas, assim me parecia, a gota d'água tinha sido aquele sumiço de um mês. Eu, que nunca tivera um namorado, questionei minha mãe sobre a mudança no relacionamento dos dois, que não estava fazendo ninguém feliz.

"Paula, não está sendo fácil", ela me respondeu, com tristeza. "Talvez um dia você consiga entender minha atitude em relação ao seu pai."

Eu não disse nada. Esperei que ela continuasse.

"Eu amei muito seu pai. Lutei por esse casamento com unhas e dentes. Só Deus e eu sabemos o que eu passei. Acho que nunca deu certo. Lutei para seu pai mudar, mas, enquanto lutava, eu mesma mudei. Não consigo aceitar que ele tenha simplesmente sumido por um mês e voltado como se nada tivesse acontecido. Nenhuma mulher no mundo que tenha amor-próprio aceitaria isso."

Se havia algo que eu sabia sobre minha mãe, era que sim era sim, não era não. Sem talvez. Sem meios-tons. Hoje, olhando para trás, acho que, com sua atitude que eu tive dificuldade para entender naquela época, ela apenas honrava seu papel de mulher e mãe.

Tenho orgulho de ser filha dela.

Aquele arranjo doméstico podia ser temporário, mas ainda vigorou por cerca de três meses porque os acontecimentos se aceleraram. A volta a Casa Branca foi muito breve: logo

soubemos que Eduardo Araújo nos chamava a São Paulo para começar os trabalhos de divulgação do novo CD. Por um momento, diante da excitação do que se aproximava, aquela garra de aço que de vez em quando me apertava o coração ficou imobilizada. Eu tinha esperança e fazia shows, já testando o novo repertório.

O frágil reatamento dos meus pais não significou um recuo da decisão de quem me acompanharia nas viagens: minha mãe passou a pegar estrada direto comigo e com a trupe de Eduardo. Como eu me sentia mais à vontade na companhia dela, pude me aproximar mais de Victor Chaves. Nossas afinidades musicais foram ficando mais evidentes e compusemos juntos várias canções; eu ia à casa deles — com dona Dulce, claro. Os irmãos gostaram de "Meu eu em você", uma das primeiras músicas que gravaram quando estouraram; eu ainda não me apresentava como compositora, mas Victor ouviu minha música e chorou. Para mim, naquele momento, a apreciação dele foi uma experiência transformadora e me encheu de autoconfiança.

Com o tempo, nosso vínculo se fortaleceu. Mas só muitos anos mais tarde Victor soube que, na verdade, se tornara a minha maior inspiração para compor. Fiz muitas canções para ele, embalada por esse amor platônico, nunca consumado: "Apaixonados pela lua", "Aos olhos do tempo", "Espaço sideral", "Além da vida", "Piração", "Me queimo sem você". A mais famosa delas talvez seja "Pássaro de fogo". Quando compus a música, feliz com cada verso que escrevi, liguei para Victor e cantei-a para ele, por telefone, sem dizer que ele tinha sido a inspiração.

"Pulinha", era assim que ele me chamava, "muito boa a música. Mas será que não está faltando um refrão?"

A versão que cantei para ele terminava com os versos "Um novo amor/ Uma nova paixão/ Diz pra mim". Desliguei o telefone e me senti desafiada. Como eu, Victor era compositor, e muito bom. Faltava refrão, é? Peguei o violão e os versos vieram de imediato:

Tão longe do chão
Serei os teus pés
Nas asas do sonho
Rumo ao teu coração
Permita sentir
Se entrega pra mim
Cavalga em meu corpo
Oh, minha eterna paixão.

Sorte minha ele ter me criticado.

Também escrevi para ele "Apenas flor", "Quero sim", "Chuva chover", "Um ser amor", "Sede de amor", "Sem você", "Amanhecer" e "Pedaço de chão".

Hoje, em retrospecto, acho curiosa a coincidência de termos pertencido à mesma gravadora, enfrentado dramas parecidos, como a busca sofrida pelo sucesso, e termos dado certo, mesmo que em tempos diferentes — eles antes de mim. Victor, de quem continuei muito próxima, me deu altos toques. Tendo estourado primeiro, foi a primeira pessoa que me disse, com todas as letras: "Pulinha, se prepara, porque não é fácil, não". Até hoje, mesmo que não tenhamos tanto contato, nossa relação preserva as afinidades que nos uniram desde o passado. Sempre que nos encontramos, temos boas histórias para contar e boa música para compor.

Um dia, ouvindo uma das minhas canções interpretadas por mim, meu pai me perguntou:

"Como você pode saber tanto de amor?"

A música vem do jeito que vem. Sempre foi assim. Mas havia chegado um momento em que ela não poderia me salvar. Ao menos, não imediatamente.

Eu não estava bem, mas ainda não tinha noção do que vinha acontecendo comigo. Só sabia que estava exausta. Que desde os oito anos eu perseguia o sucesso e que enfrentara as situações mais terríveis na tentativa de conquistá-lo. Que eu não tinha namorado nem vida pessoal, nunca fizera uma festa do pijama.

Minha vida, até aquele momento, tinha sido uma longa expectativa por algo que não veio. Uma eterna espera de que o telefone tocasse com uma grande notícia do outro lado. Em meio aos preparativos para o lançamento do meu CD pela Number One, parecia, finalmente, que tínhamos encontrado um caminho, meus pais e eu. O disco estava pronto. Tínhamos uma profissional a postos, aguardando apenas um sinal para começar seu trabalho de divulgação. A equipe de Eduardo havia reservado um hotel em São Paulo onde eu deveria passar dez dias, que seriam dedicados à estratégia de lançamento que vinham planejando.

Deveriam ser dez dias gloriosos.

Foram os piores dez dias da minha vida.

A depressão enfim me apertou no seu abraço de dor.

5. Complicados demais: o fundo do poço mais fundo

Tive minha primeira arritmia um pouco antes de completar quinze anos.

Eu não sabia o que era nem como se chamava. No meu juízo de menina criada na roça, eu comparava aquela sensação com um cavalo galopando dentro do peito, que estacava de repente e logo disparava de novo. Naquela época, morávamos em Cotia. Era de manhã, e minha mãe não estava em casa — só meu pai. Sentei no sofá e fiquei imóvel, escutando o galope. Era assustador.

"Pai, tem um cavalo galopando no meu peito. O que é isso?", perguntei.

Meu pai estava ocupado com alguma coisa. Levantou os olhos e disse, distraidamente:

"Não deve ser nada, Paula. Ninguém morre disso."

Não sei quanto tempo demorou a passar. Para mim, foi uma eternidade. Eu não sabia, mas já era a depressão mandando seus primeiros recados. Meu coração era saudável. Aqueles sintomas eram ansiedade.

Depois daquela primeira vez houve outras, muitas outras, até a depressão se instalar de vez, soberana, destruindo minha vontade de viver quando eu tinha dezessete anos. Foi nessa época que ameacei pular da janela do quarto de hotel em São Paulo. Que guardei meu violão e calei meu canto. Que vivia perguntando à minha mãe por que eu não tinha dado certo.

Ela respondia:

“Deu certo, minha filha. Tudo saiu de acordo com a vontade de Deus.”

Que Deus era aquele?, eu pensava, no auge do meu desespero.

“Mãe, você está louca”, eu retrucava.

E minha mãe, com toda a paciência:

“Paula, a experiência que você teve até agora equivale a uma faculdade. Isso ninguém pode tirar de você.” E acrescentava: “Tenho certeza de que um dia você ainda será uma das maiores cantoras do Brasil”.

Preocupada comigo, minha mãe foi conversar com Eduardo. Falou que estava difícil permanecer no hotel, que o lugar era pequeno, impessoal. Na verdade, ela não queria mais ficar ali depois das minhas ameaças de suicídio. Tudo naquele quarto lembrava os momentos terríveis que tínhamos vivido ali. Eduardo e Sylvinha não souberam de nada disso, mas foram compreensivos. Confiante no meu trabalho, Sylvinha fechou nossa conta no hotel e alugou um apartamento para nossa família em Alphaville, um bairro nobre nos arredores de São Paulo, comprometendo-se como nossa avalista. Foi solícita e delicada; chegou mesmo a fazer uma compra de supermercado e abasteceu a geladeira. Também mandou buscar nossos móveis em Casa Branca e instalou um telefone. Perto de tudo o que tínhamos vivido até ali, a situação era boa, de relativo conforto.

Mas eu tinha desistido. Não aguentava mais.

Para reforçar o sentimento de fracasso, o CD que eu havia feito com a gravadora de Eduardo Araújo, a Number One, teria que esperar. Certa tarde, Eduardo nos chamou, a mim e a minha mãe, para dizer que decidira segurar o lançamento porque tinha outras prioridades. Foi um golpe pesado. O CD estava pronto. Embora ainda não tivesse nome, já havíamos começado a trabalhar na divulgação e até feito alguns shows com o repertório. Nunca soubemos exatamente o que estava por trás desse adiamento. Apesar da tempestade de desespero dentro de mim, por fora eu me esforçava, acho que com sucesso, para que ninguém percebesse a depressão, e acredito

que Eduardo — ao menos naquele momento — não tenha sabido. Com o adiamento, minhas últimas esperanças murcharam. Eu não saía mais do apartamento em São Paulo. Os dias que deveriam ser devotados à divulgação do CD viraram um inferno. Pouco comia; emagreci muito e cheguei a pesar 42 quilos. Pedia todos os dias para voltar a Sete Lagoas.

Por fim, desencantados, sem entender o que se passava comigo, meus pais acabaram concordando em voltar.

Foi um retorno meio foragido. Ainda estávamos sob contrato com a Number One, mas meu estado de saúde, agravado pela decisão de Eduardo Araújo de adiar o lançamento, começou a inviabilizar shows e outras apresentações. Tínhamos também uma dívida de gratidão com Sylvinha Araújo, por quem eu sentia um afeto verdadeiro. Deixamos para trás o CD pronto, cujos direitos, anos mais tarde, Eduardo viria a vender para a grande gravadora que me contrataria. Até o momento em que escrevo estas memórias, ele permanece inédito. Não nos despedimos de ninguém. Não tivemos com Eduardo uma conversa que escancarasse nossa ruptura.

Lembro-me da viagem de ônibus, eu encolhida na poltrona, meus pais nos assentos da frente, discutindo em voz baixa o fim do casamento deles. Na noite anterior, enquanto empacotava nossos pertences, minha mãe comunicara a meu pai que a situação havia ficado insustentável para ela e que se separariam quando chegassem a Sete Lagoas. Meu pai ouviu sem dar muito crédito; apesar daquele mês de sumiço quando vivíamos em Casa Branca, estavam juntos fazia vinte anos, e em vinte anos ouve-se e fala-se muita coisa que não vinga. No entanto, daquela vez era para valer. O ônibus fazia o trajeto São Paulo-Sete Lagoas, mas eu desci em Contagem, para uma festa de família. Meu tio Welton, irmão da minha mãe, me pegou em um ponto no meio do trajeto e meus pais seguiram viagem. Em Sete Lagoas, ela fez o que tinha anunciado. Havia pedido a uma irmã, minha tia Neusa, que a apanhasse de carro no terminal rodoviário; ali, diante do meu pai perplexo, pegou

nossas malas, guardou no bagageiro e, quando ele tentou entrar também, impediu-o.

"Você fica", ela decidiu. "Você segue sua vida e eu vou seguir a minha." O carro largou deixando meu pai para trás. A partir dali, nossos destinos se afastaram.

Era o dia 8 de dezembro de 2001. Dessa vez, pelo menos nisso de comum acordo, meus pais haviam decidido que tinha chegado a hora de dar um tempo nas tentativas de me transformar em uma cantora de sucesso ou, quem sabe, esquecer o assunto de uma vez por todas.

E eu?

Eu não conseguia sentir nada, nem pesar, nem medo do futuro, nada. Só conseguia pensar na minha vida sem sentido.

Minha mãe decidiu que passaríamos uma temporada na casa da minha avó materna, Francisca, em Sete Lagoas. Não há como guardar boas lembranças dessa fase — a única, talvez, foi nos juntarmos a meu irmão, que ajudou muito com seu pequeno salário e seu jeito amoroso. Domingo sim, outro também, algum dos nove irmãos da minha mãe aparecia na casa da vovó com a desculpa de visitá-la e a nós, mas, no fundo, querendo descobrir por que tínhamos falhado. Por que eu não estava na TV. Por que estávamos na miséria, sem ter onde cair mortos. Vivendo de favores, engolimos muitos sapos.

Sem dinheiro para nada, minha mãe se desfazia de tudo o que era possível. Um dia, nos fundos da casa da minha avó, quase um barraco, na verdade, ela descobriu um velho fogão abandonado e uma vassoura comprida de palha que ninguém usava. Perguntou se podia vender os dois e minha avó concordou. Minha mãe, então, lavou o fogão, arrumou parafusos para pregar o que estava solto e, terminado o trabalho de restauração, pôs o eletrodoméstico e a vassoura em frente à casa, com uma placa de "vende-se". Mas, assim que entrou em casa, passou alguém e levou os queimadores do

fogão e a vassoura. Ela acabou vendendo a peça, mas por um valor menor.

Essa estadia forçada durou três meses. Passado esse tempo, minha mãe conseguiu convencer um dos seus irmãos, meu tio Adilson, a alugar para nós, por 260 reais, um pequeno apartamento que ele tinha em Contagem, na Grande BH, e que estava desocupado. Levamos para lá nossos móveis, que, depois da nossa partida de São Paulo, tinham ficado na casa do tio Welton. Foi uma decisão corajosa da minha mãe, assumindo todos os compromissos de uma casa sem marido, sem trabalho e contando apenas com o meio salário mínimo de Nilmar. Temerosa de se afastar de mim, ela começou a vender queijos, licores e biscoitos que comprava de produtores locais e revendia. Com lábia e simpatia, logo conquistou uma clientela grande no conjunto habitacional populoso onde morávamos. Também aprendeu a costurar lingeries e montou uma confecção doméstica com três máquinas emprestadas. Assim, ia nos mantendo do jeito que dava, o jeito possível.

Para piorar tudo, eu estava no fundo do poço mais fundo.

A depressão é uma serpente. Ela se enrosca na alma e vai aumentando o aperto até a hora em que a pessoa acha que não conseguirá mais respirar. As arritmias, quando o coração parecia ter "pulado" uma batida, deram lugar a taquicardias prolongadas. Eu achava que ia morrer. Minha doença era ardilosa — e absolutamente desconhecida para nós, gente de família simples do interior de Minas Gerais. Já tínhamos ouvido falar, claro, mas parecia vagamente um mal que afligia ricos (uma espécie de luxo sofrido e secreto) ou loucos. Eu não era louca nem rica. Não podia ter aquilo. Se fosse mais bem informada, talvez pudesse ligar os fatos — afinal, ficava trancada no quarto o dia inteiro, escrevendo versos de música e esperando alguém me chamar para um show, uma entrevista em alguma rádio obscura. Nunca dissera "não", nunca me opusera a uma viagem de trabalho, um show, uma noite tocando em barzinhos esfumaçados. Sempre achava que meu pai e minha mãe sabiam muito mais do que eu (na verdade,

eles só sabiam um pouco mais). Mas eu não podia imaginar que aquele conjunto de situações me conduzira, de um jeito lento, mas incontrolável, a uma doença terrível.

Eu não conseguia enxergar que minha vida estava apenas incompleta; faltava uma parte, mas não tudo. Deprimida, procurava desesperadamente um culpado para aquele estado de coisas, e era mais fácil apontar o dedo para a profissão, que preenchia toda a minha vida, todo o meu tempo. Meu trabalho me escravizava. Na minha cabeça, a equação era clara: carreira = falta de liberdade. Cantar representava renunciar a uma vida vivida de verdade.

Eu tinha quinze anos quando fui pela primeira vez ao cinema, com tia Neuza, uma das irmãs da minha mãe, assistir a um episódio de *Guerra nas estrelas*. Só com dezesseis conheci o mar, em São Vicente, no litoral paulista, onde a companhia de rodeios para a qual meus pais e eu trabalhávamos tinha armado uma arena. Ficamos lá durante quinze dias — minha mãe na bilheteria, meu pai tomando conta do parque de diversões montado ao lado e até Nilmar entrou na dança, levando bebidas para os camarotes, ganhando quinze reais por dia de trabalho. Mas eu poucas vezes pude entrar na água, porque tinha que cantar nos rodeios e meu pai, que me acompanhava, não quis correr o risco de que eu pegasse friagem e adoecesse. Eu não andava descalça. Não saía sem gorro nos dias frios, mesmo que achasse ridículo. Eu andava empacotada no inverno para não me resfriar. Tomava uma colher de mel todos os dias porque era bom para a voz.

Eu só existia para ser artista.

Ao mesmo tempo, ressentia-me de jamais ter dinheiro para chamar de meu. Durante anos, nunca soube o que era receber pelo que fiz — tudo o que eu ganhava ia para as despesas da casa. Nunca tinha pegado meu pagamento por um show e comprado qualquer coisa para mim, mesmo nas lojas populares perto das muitas casas onde moramos. Eu perdera completamente a motivação para trabalhar. Porque trabalhar era cantar. E cantar era minha prisão.

Eu estava perdida, e o negócio era feio.

E como alguém que desconhece a depressão descobre que tem a doença?

Não descobre. Descobrem por você, no meu caso.

Comigo, foi depois de uma taquicardia. Não uma qualquer: um galope demorado, muitos cavalos no peito, uma crise daquelas. Meu coração querendo saltar pela boca. Aquilo não passava e meu desespero ia aumentando, a sensação de sufocamento quase me impedia de respirar. Minha mãe me levou a um hospital público em Belo Horizonte; àquela altura, até ela estava começando a achar que devia haver algo errado com meu coração. Quanto a mim, já tinha certeza sobre isso; só muito tempo depois eu soube que muitos deprimidos acham que o coração está falhando.

A sala da médica do pronto-socorro tinha poucos móveis e uma iluminação forte, agressiva. Era uma mulher de meia-idade, com aparência descuidada e cansada. Pediu que eu me sentasse numa maca e ouviu meu coração galopante. Meu coração, uma Ferrari, pensei, uma daquelas ideias absurdas, bizarras, que brotam em mentes confusas. "Respire fundo", ela pediu. "Agora solte o ar, lentamente." Obedeci, várias vezes.

Aquela mulher não era de Deus.

"Minha filha, alguém já te disse que você tem sopro no coração? Você vai tomar remédio e ficará bem, mas não vai poder engravidar."

Eu, no último grau de depressão, hipocondríaca até o infinito e além, e a médica solta essa bomba de uma maneira quase irresponsável. Eu já vinha duvidando do meu corpo e da minha saúde, como se tudo em que acreditara até então estivesse rateando. Por sorte, encaminharam meu caso para um cardiologista de plantão, que fez mais exames e teve comigo uma conversa seca, mas essencial.

"Paula, você não tem nada, seu coração é normal. Mas você precisa de ajuda, outra ajuda."

E me encaminhou para um psiquiatra.

Fiquei apavorada.

Eu tinha dezoito anos e o mesmo preconceito que, ainda hoje, tanta gente tem: psiquiatra, eu achava, é médico de louco. Demorei um pouco a entender que psiquiatra, na verdade, é uma espécie de médico de X-Men, de gente que tem superpoderes. A mente de quem precisa desse profissional é tão poderosa que a própria pessoa não consegue controlá-la. Toma conta de nós e nos boicota.

Eu precisava dessa ajuda.

Fui praticamente arrastada pela minha mãe à primeira consulta com o psiquiatra. E foi uma experiência terrível, apesar de o dr. Fábio ser um médico adorável. Devia ter superpoderes ele próprio, porque, de alguma maneira, conseguiu me convencer de que eu tinha uma doença. Não que tenha sido fácil.

"Paula, você tem que tomar remédio para isso", ele explicou, calmamente.

"Mas eu não estou doida!", protestei, chorando.

Ele, sem perder a calma: "Paula, o remédio protege a pessoa dela mesma. Foi feito para ser tomado. Você precisa dar uma chance a ele. É muito importante para sua cura".

E eu pensava: "Tenho dezoito anos, estou na flor da idade, e tomando remédio que nem uma velha?".

Não tínhamos dinheiro para o remédio. Mas, a essa altura, a gravidade da doença já era visível para minha avó e minha tia Neuza, a irmã mais próxima da minha mãe. As duas se ofereceram para comprar o medicamento, cada uma contribuindo com quarenta reais. Ao mesmo tempo, comecei a fazer terapia, por indicação do dr. Fábio. Até hoje tenho a mesma terapeuta, Célia, que é meu espelho, só que o reflexo volta diferente. Olho para ela e vejo a mim mesma com uma clareza que pode assustar e que, ao mesmo tempo, é mobilizadora.

Parei de resistir e comecei o tratamento.

No começo, eu não acreditava que pudesse melhorar. De certa forma, tinha incorporado a ideia de que devia estar louca, só podia estar louca; era a única explicação. Meus pensamentos e minhas reações eram imprevisíveis. Eu tinha o telefone do psiquiatra e ligava para ele vinte vezes por dia, a cada vez que o coração acelerava e eu, mais uma vez, acreditava que morreria. Mesmo que ele não atendesse, o simples fato de saber que tínhamos esse meio de contato bastou, muitas vezes, para me acalmar.

Minha depressão teve várias fases, como acontece em muitos casos. Primeiro, achei que nunca iria passar; comecei a duvidar da minha sanidade e a acreditar que essa condição de "loucura" não teria volta. Um dia, enfim, os remédios começaram a fazer efeito — um processo lento e delicado, de ajustes de dosagens e princípios ativos — e finalmente percebi sinais de melhora; porém, com esses sinais, veio também o medo de uma recaída. Até o dia em que finalmente consegui acreditar que a doença, embora não tenha cura, poderia entrar em remissão. É um caminho longo, que traz dor e angústia, mas muito autoconhecimento. Se hoje tenho a mais perfeita consciência do melhor e do pior de mim, devo muito à depressão e ao tratamento.

Para mim, o primeiro sinal de melhora veio quando aceitei o fato de que estava doente e, portanto, precisava me tratar. Parei de brigar com a doença e aceitei a boia de salvação que jogaram para mim. Fiz mestrado, doutorado e pós-doutorado em tratamento psiquiátrico e assim comecei a escalar a parede do poço, degrau por degrau, rumo à superfície. Do poço e da vida. Durante alguns meses ainda tive crises de taquicardia, mas, com o tempo e os medicamentos, elas foram ficando mais curtas e espaçadas. Ao todo, foram dois anos e meio de antidepressivos e ansiolíticos. Conheci todas as famílias de medicamentos. Passado esse período, o psiquiatra começou a lenta caminhada da redução das dosagens.

"É importante você não abandonar o tratamento, porque vai se dar mal", o dr. Fábio me alertava.

Não abandonei. Mesmo quando tive alta e parei completamente de tomar os comprimidos, eu tinha o hábito de carregar uma caixa na bolsa, como um amuleto. O próprio médico os prescrevera, com a condição de que eu o avisasse se sentisse a necessidade de tomá-los. Quando termina o tratamento, por melhor que a pessoa se sinta, a primeira coisa em que pensa é: "E se voltar?". Eu perguntava isso 24 horas por dia para minha mãe. Aí, beleza: remédio na bolsa. Era minha estratégia de combate ao medo de adoecer de novo. Nunca precisei tomar as pílulas: bastava saber que elas estavam ali, me "guardando". Curiosamente, quando eu esquecia de pôr o remédio na bolsa, tinha sintomas que, com o tempo, aprendi a administrar. Há muito tempo não carrego mais antidepressivos comigo. Lido bem com os superpoderes da minha mente.

Nesse túnel escuro por onde caminhei, já existia outra dimensão e eu conseguia pisar nela: a dimensão de onde vêm minhas músicas. Mesmo quando eu, desiludida, encostei o violão; mesmo quando culpei a profissão — e, por tabela, a música — pelo que me acontecia; mesmo quando, em Contagem, deixei minha arte para fazer um curso de computação, pago com sacrifício pela minha mãe, e um cursinho pré-vestibular; mesmo quando eu tentava enterrar a música dentro de mim, ela ainda preservava um certo poder de me resgatar de mim mesma.

Porém, pela primeira vez desde os oito anos, o canto tinha deixado de ser o centro da minha vida.

Eu tinha quase vinte anos quando namorei pela primeira vez. Fábio era colega de trabalho do meu irmão na Resil. Eu me apaixonei por ele, mas não sabia muito bem o que poderia resultar daquele sentimento. Minha mãe percebeu minha confusão e teve uma conversa comigo.

"Filha, a vida agora é sua, você precisa decidir se quer namorar o Fábio ou não", disse ela.

Minha cabeça deu tilt. Como assim, a vida era minha? Não era nossa? Não tinha sido nossa até então? Eu sempre fui a filha mais obediente do mundo. Queriam que eu desse cambalhota? Eu dava. Por um lado, foi bom, porque não cometi tantos erros nem vivi grandes frustrações. Mas, ao me guiar pela orientação dos meus pais, pode ser que eu tenha deixado de cometer erros que teriam me fortalecido.

Até hoje estou descobrindo como é ter uma vida apenas minha.

Naquela fase complicada, em que eu tomava remédios pesados e ainda tinha crises de ansiedade — não andava de ônibus, não fazia praticamente nada sozinha —, o namoro com Fábio foi a melhor coisa que podia ter me acontecido. Foram quatro anos e três meses de relacionamento nos quais ele teve uma paciência infinita ao lidar não somente com minha depressão — eu também ligava o tempo inteiro para ele, pedindo que me explicasse o que estava acontecendo comigo —, mas também com a menina crua que eu era. Até conhecer Fábio, minha sexualidade estava trancafiada. Embora eu estivesse fazia mais de dez anos na vida de artista, cantando em rádios, barzinhos, rodeios e onde quer que quisessem me ouvir, costumava fugir envergonhada das aulas de biologia e não tinha a menor ideia do que fazer diante de uma reação "diferenciada" por parte de um rapaz. Levei comigo durante muito tempo essa inocência, que se estendia a outros setores da vida.

Afastada da música e sentindo a vontade de viver voltar aos poucos, eu me esforçava para ter uma vida de garota normal: tomava meus remédios direito, ajudava em casa, levava com seriedade meu curso de computação. Perto de terminá-lo, comecei a enviar currículos. Um dia, fui chamada para uma entrevista de emprego em uma loja de móveis. Fui, tentada pela ideia de que finalmente teria um salário só meu. A gerente parecia estar me oferecendo uma chance única na vida.

“O fixo é de seiscentos reais, mas com as comissões você consegue melhorar esse valor”, explicou ela. “O horário é das oito da manhã às seis da tarde, com uma hora de almoço.”

Olhei à minha volta. Um mar de sofás, a perder de vista. Outros vendedores com expressões entediadas. Dois gatos-pingados percorrendo os corredores entre as peças. Era isso, então, o que me esperava se eu desistisse da música? Comecei a fazer contas mentalmente. Se eu voltasse a cantar, talvez pudesse ganhar cem reais me apresentando durante duas horas e meia. Trabalhando seis noites, eu ganharia o mesmo que vendendo sofás em um mês inteiro, quase todo dia, nove horas por dia. Porém, havia, e eu tinha consciência disso, dois problemas. O primeiro é que eu teria de fazer as pazes com meu canto e com meu trabalho de cantora. O segundo é que eu teria que encontrar lugares onde pudesse me apresentar. Olhei de novo para os sofás, virei para a gerente e pensei: “Não é esse trem que eu quero, não”. Agradeci e recusei o emprego.

Aquele foi mais um dia decisivo na minha vida. Voltei para casa, reuni mamãe e Nilmar e avisei:

“Quero voltar a cantar.”

Havia tantas sombras nos olhos da minha mãe que eu quase recuei.

Desde a volta para Minas, nossa relação tinha ganhado contornos diferentes. Evitávamos falar da música e dos nossos longos dez anos de tentativas. Ao ver meu sofrimento, ela muitas vezes me pedira perdão. Dizia que tinha errado, mas não intencionalmente: havia lutado para fazer o que considerava melhor para mim. Sentia-se culpada por ter incentivado minha carreira de cantora e fazia um grande esforço para resgatar a pequena família que éramos naquele momento, com meu pai afastado de nós: ela, Nilmar e eu. Trabalhava até de madrugada para nos manter e pagava sem atraso o aluguel do nosso apartamento ao meu tio. À noite, quando estava quase adormecida, eu percebia que ela chegava pé ante pé, sentava-se na cama e, acariciando meu rosto, pedia desculpas baixinho. Achava que eu estivesse dormindo, mas

não. Esses esforços para construir uma rotina “normal” me comoviam.

“Paula, está na hora de você tomar as decisões da sua vida”, ela disse, quase com as mesmas palavras que usou quando me intimou a decidir se queria ou não namorar Fábio. Fazia um esforço enorme para não chorar. “Mas você precisa lembrar que toda decisão tem consequências, e você terá que arcar com elas.”

“Mas se eu realmente quiser, você me ajuda?”

Ela não disse nada. Apenas me abraçou forte.

6. Sensações: a alegria de voltar a cantar

Foram quase três anos tomando remédios fortíssimos para combater a depressão. Só quem já passou por isso sabe o sofrimento que é. Talvez por essa razão, ao contrário de tantos artistas e tantas pessoas comuns, nunca me recusei a falar sobre o assunto. De alguma maneira, sempre acreditei que o fato de ter me tornado uma figura pública que assumiu ter tido a doença e conseguiu superá-la com o tratamento adequado poderia contribuir — um grãozinho de areia, mas o *meu* grãozinho — para acabar com o preconceito. Hoje a palavra depressão é até mais comum, mas quando eu fui diagnosticada, aos dezoito anos, falava-se pouco sobre o assunto. E quando se falava, era "coisa de gente louca", "manha", "frescura".

No entanto, a depressão foi um grande aprendizado para mim e um divisor de águas na minha vida e na minha carreira. Eu, que de certo modo vivia em uma redoma, esbarrei na minha fragilidade, expressa em medos pueris, como atravessar a rua ou dormir sozinha. Um tremor permanente nas mãos. O coração descontrolado. Hoje, olhando para trás, vejo como o fato de ter buscado tratamento e assumido a briga contra a doença fez de mim uma mulher mais forte. Quando tenho a oportunidade de conversar com alguém que está doente, ensino o atalho que eu peguei para ficar boa: tratamento com psiquiatra e psicólogo e remédios — que realmente existem para nos ajudar. Foi graças à depressão que eu tive certeza do que eu queria para minha vida. E o que eu queria — e

finalmente parecia não haver mais dúvida na minha cabeça e no meu coração — era a música.

Naquele momento, na vida de grandes apertos e poucas emoções em Contagem, o que estava ao meu alcance era começar (quase) do zero, fazendo música ao vivo onde houvesse oportunidade, tentando vender CDs e conquistar plateias dispersas, que passam pelo artista quase sem olhar, pois não estão ali — na churrascaria, no barzinho, na praça de alimentação do shopping e em tantos outros lugares onde cantei — para vê-lo. Daria as costas à minha vida de rodeios, às peregrinações por emissoras de rádio e às vontades e decisões de empresários.

Mais uma vez, eu contava com o furacão que era minha mãe. Ela foi bater à porta do responsável pela música ao vivo do Big Shopping, na época um dos maiores de Contagem, levando o CD *Voarei*, que eu gravara ainda com o pseudônimo de Ana Rayo. No dia seguinte à conversa, o rapaz ligou: tinha gostado do CD e poderia me contratar para tocar às terças-feiras, o dia da semana que estava vago na programação do shopping, fazendo voz e violão. Eu ganharia quarenta reais por noite para tocar por cerca de duas horas.

Fábio, meu namorado, vinha havia tempos cochichando no meu ouvido que eu deveria voltar a cantar. Logo depois da entrevista de emprego na loja de sofás, contei a ele da minha decisão. Embora fosse um cara ciumento, gostava de me ouvir; me abraçou e disse que eu poderia contar com ele. Mais do que isso: usou um dinheiro que estava guardando para me comprar duas caixas de som, um pedestal e um microfone, tudo usado, mas em bom estado. Fábio levava uma vida dura. Como meu irmão, acordava às cinco e meia da manhã e entrava antes das sete horas na Resil. Trabalhava o dia todo, voltava para casa, tomava banho e, sempre que eu tinha show, arrumava no porta-malas do carro dele, um velho Chevette branco, toda a minha parafernália de crooner. Então me apanhava em casa e íamos juntos ao local onde eu me apresentaria, o primeiro deles o Big Shopping.

Misto de *roadie* e guarda-costas, Fábio montava tudo e desmontava depois. Enquanto eu cantava, tentava vender o CD às pessoas que paravam para me assistir. Eu fazia questão de lhe dar uma participação financeira no negócio: ele ficava com um terço de tudo o que eu ganhava, o que me parecia justo. Além disso, ajudou a divulgar meu trabalho e conseguiu mais shows para mim. Eu era grata e estava apaixonada.

Voltei a cantar aos pouquinhos, sem pressa. Não aceitava nenhum trabalho aos sábados e domingos, dois dias tão celebrados pelas pessoas que eu conhecia, mas que nunca tinham existido para mim. Desde os oito anos eu trabalhava aos fins de semana. Era chegado o tempo de levar uma vida normal; se aquele era meu trabalho, que fosse de segunda a sexta, como o de todo mundo. Meu fim de semana passou a ser sagrado. Fui me reconciliando com a cantora que havia em mim e, com a ajuda da terapia — eu continuava firme nas sessões com Célia —, compreendi que o problema não era cantar, e sim não ter vida além do trabalho de cantar. Meus pais haviam feito o melhor que podiam por mim. Deram tudo o que tinham para que eu alcançasse o sucesso e acreditavam estar no caminho certo. Só muitos anos depois é que ouvi da minha mãe esta descrição honesta e precisa do que tinha acontecido entre nós:

"Filha, quando você tinha oito anos, a Paula Fernandes apareceu. Eu deixei você num cantinho, peguei a Paula pela mão e segui viagem."

Às vezes eu ainda me vejo sentada naquele cantinho.

Não demorou muito e eu estava fazendo música ao vivo de segunda a sexta, com os dedos calejados e às vezes sangrando, recebendo os mesmos quarenta reais por noite. Então, descobri que aos sábados muitos barzinhos pagavam até cem reais por um show ao vivo. Bem remunerada assim, eu podia renunciar às minhas convicções sobre o fim de semana sagrado.

E a verdade é que, mais uma vez, estávamos precisando de dinheiro.

Nilmar tinha o único salário fixo da casa (agora um pouco melhor, porque ganhara experiência), mas ainda era insuficiente para bancar nossas contas. Recebia também a cesta básica com que contávamos todos os meses. Porém, eu sabia que o trabalho com o maquinário pesado na Resil estava cada dia mais penoso para ele. Mais ou menos nessa época, o celular do meu irmão deixou de funcionar e minha mãe o levou para consertar. O técnico abriu o aparelho e mostrou a causa do problema: uma enorme quantidade de pó de ferro, resíduos das máquinas que Nilmar operava na seção de ferramentaria da empresa. "Imagine como está o pulmão desse cara", comentou o técnico, sem saber que o "cara" era o filho da mulher que trouxera o celular. No entanto, Nilmar era responsável demais para deixar o emprego. Eu me lembro de uma sexta-feira que seria o último dia de trabalho do meu irmão antes de um período de férias. Precisávamos muito do dinheiro que ele receberia. Justo naquele dia, porém, Nilmar sofreu um acidente de trabalho: uma chapa feriu-lhe o braço, deixando um "beiço" de pele pendurada. Se seguisse para a enfermaria, seria afastado — aí, adeus dinheiro de férias. Ele, então, tomou a decisão de enrolar fita-crepe no braço para cobrir a ferida. Trabalhou até o final do expediente, escondendo a dor para que ninguém percebesse. Ficou uma cicatriz. Era um trabalho que exigia força e precisão, em um ambiente de brutalidade onde vigorava a "ditadura do encarregado" — como meu irmão dizia. Anos mais tarde, quando passamos a trabalhar juntos, Nilmar me garantia que nada, nenhum aborrecimento, nenhuma traição do meio artístico chegava aos pés dos tempos duros da ferramentaria.

Eu seguia firme no meu tratamento contra a depressão, mas minha avó e tia Neuza continuavam bancando os remédios, enquanto outros parentes organizavam vaquinha para custear as consultas com o dr. Fábio, o psiquiatra, que eram particulares. Fazia brincos para vender no conjunto

habitacional, a cinco reais os maiores, três reais os menores, e com isso ajudei a pagar o cursinho pré-vestibular em que minha mãe me matriculou; mas pouco aproveitei, porque ainda estava me recuperando da depressão e passava boa parte da aula cortando as pontas dos cabelos com tesoura, desenhando e escrevendo música. Prestei vestibular para geografia, que, além de evocar minha conexão com a terra, tinha a vantagem de ser o mais barato da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, a PUC-MG. Fui aprovada e comecei a cursar a faculdade. Para custear tudo isso, minha mãe, além das lingeries que costurava em casa, vendia buchas de banho, bonequinhas feitas à mão, biscoito de polvilho, qualquer coisa que pudesse render alguns reais. Havia gente da família que não podia vê-la se aproximando e logo cascava fora — nosso jeito de dizer, em Minas, que alguém dava no pé rapidinho —, pois sabia que ela vinha vender alguma coisa. Nesse cenário, o dinheiro dos meus shows noturnos entrava em boa hora e, melhor, o esquema era outro. Agora, eu é que queria. Eu negociava. Eu fazia as regras. Meu namorado me acompanhava.

Aos poucos, fui resgatando o prazer de cantar. Foi um percurso lento, delicado. Eu havia vivido um trauma grande, ainda estava um pouco deprimida e não tinha energia para bater no peito e proclamar: "Agora vou virar a maior cantora do Brasil". Não. Eu era uma sobrevivente. Com a ajuda da terapia, passei a aceitar que eu poderia ter outros interesses além da música. Comecei a entender, finalmente, que eu sentia falta de situações que não tinha vivido.

Eu não sabia onde aquilo iria dar. Mas estava feliz cantando. Eu tinha até medo de admitir, mas estava me sentindo viva outra vez.

Foi Fábio, meu namorado, quem fez meu primeiro portfólio, um folheto com uma foto minha e uma frase vendedora sobre minha carreira. Sempre que possível, entregava nos barzinhos

e divulgava meus dotes artísticos. Às vezes dava certo. O esquema de cantar em barzinhos não era assim o mais confortável do mundo — uns não serviam nem uma coca-cola para o artista, e água só vinha quando pedíamos. Mas eu estava resgatando o prazer de cantar, e isso para mim, mais ainda naquele momento, tinha um significado extraordinário. Mesmo com os dedos machucados após três a quatro horas de banquinho e violão e a voz cansada depois de cantar cinco vezes as mesmas músicas — o público podia pedir as canções — a cada noite. Nesse meu reencontro com a música, toquei em restaurantes, pousadas, mais shoppings, todos os bares de Contagem, casamentos, batizados. Só não cantei em velórios.

Um dia, fiz uma apresentação no Iate Tênis Clube de Belo Horizonte e, ao sair, fui abordada por dois homens que tinham ficado ouvindo do lado de fora. Eram músicos de uma banda de baile muito tradicional na região, a Chevrolet 38; gostaram da minha voz e queriam que eu me juntasse a eles — eram quatro "velhões", muito gentis e respeitosos, de quem tenho saudades até hoje. E lá ia eu pelas madrugadas, nos palcos de clubes e em eventos, vestida de acordo com o repertório; se era para interpretar Céline Dion ("My Heart Will Go on") e Whitney Houston (a favorita do público era "I Will Always Love You"), colocava um vestido longo (adeus aos figurinos country); se o show era anos 1960, quando eu cantava Cely Campello (o inevitável "Estúpido cupido"), vestia uma saia rodada de bolinhas. Tudo era costurado pela minha mãe. Nesses shows, de vez em quando eu arriscava uma das minhas composições, mas não era frequente; o repertório que se esperava que eu cantasse era bem convencional. Eu era dedicada e disciplinada; nunca faltava. Recebia 150 reais por quatro horas de show. Com a Chevrolet 38, minhas condições de trabalho melhoraram muitíssimo. Já dava praticamente para pagar a faculdade e ajudar no aluguel da casa, que continuava estacionado em 260 reais. Foi um tempo de alívio depois de todo o sufoco financeiro que tínhamos passado. E era só o começo.

7. Ave-Maria Natureza: “É a visceral que eu quero”

Foi em um barzinho que Fernando Fosco, um jornalista conhecido em Belo Horizonte, viu o portfólio que Fábio tinha feito. Algumas noites depois, apareceu para assistir a uma apresentação minha. Ele gostou do que ouviu e nos pediu um CD *Voarei*. Levou meu trabalho para uma produtora da Rede Minas e eis que fui convidada para cantar em um programa local, o *Brasil das Gerais*, com outra cantora country bem conhecida em BH, que tinha o nome artístico de Nolli. A apresentação foi bonita e teve ótima repercussão. Meus tios viram, ligaram para minha mãe, foi uma grande agitação na família.

Essa apresentação, meio despretensiosa, teve dois desdobramentos da maior importância para tudo o que aconteceria depois na minha carreira artística.

Eu, como de costume, fazia meu número com violão e voz, mas Nolli tinha um violonista, Márcio Monteiro. Fomos apresentados e simpatizamos imediatamente um com o outro. Além da simpatia mútua, Márcio ficou impressionado com minha musicalidade (“Uma voz diferente, mas não era só o timbre de voz. Era o jeito como você chegou cantando”, como ele mesmo diria mais tarde) e com minha aparência; segundo ele, eu parecia a Juma Marruá, personagem vivida pela atriz Cristiana Oliveira na novela *Pantanal*, sucesso da Rede Manchete em 1990. “Um dia eu vou tocar com essa menina”, pensou. No final do programa, ele me entregou um

cartãozinho com seu nome e telefone, que eu acabei perdendo. Mas o destino acabaria por nos unir outra vez.

O segundo desdobramento mudaria tudo para sempre.

Marcus Viana conta que me conheceu naquele programa, uma imagem passando de relance por uma telinha em uma pequena emissora, uma voz que chamou sua atenção. Ele não costumava assistir à TV, mas estava em um lugar público quando me escutou cantar "Jambalaya", o sucesso onipresente do cantor country americano Hank Williams, naquele programa da Rede Minas. "Quem é essa pessoa?", ele pensou, parando para ouvir. Anos depois, Marcus me contou que ficou impressionado com o "pacote" que enxergou ali: uma jovem mulher com uma voz que chamou de "esplendorosa", com um jeito de "peão" que despertou a simpatia dele e que, ainda por cima, "tocava violão com muita personalidade, de um modo rijo, com técnica e precisão". "Mulheres são, em geral, boas intérpretes. Mas é raro encontrar uma que toque bem", ele me elogiou mais tarde. A apresentação na TV local acabou rápido; logo entrou outra atração no canal. Mas Marcus tinha ficado curioso e ligou na emissora. Queria saber o nome da moça de aparelho nos dentes (eu havia colocado pouco tempo antes) e unhas prateadas que estava cantando e tocando violão no programa *Brasil das Gerais*. Foi passando de ramal em ramal até chegar a alguém que tinha participado da produção do programa. Essa pessoa quis saber:

"Mas com qual das duas você quer falar? Com a Nolli ou com a outra?"

"Com a outra, a visceral, com cara de brava", respondeu Marcus.

O produtor lhe disse que o nome da cantora "visceral" era Paula Fernandes. Marcus apresentou-se e disse que precisava falar comigo. "Ela pode me ajudar, gravar umas coisas para mim, uns riffs, criar um clima", justificou para a pessoa do programa. "Diga para ela me ligar."

O recado chegou até mim. Liguei, não o encontrei. Deixei meu número.

Demorou uns dias para ele me ligar de volta.

"É a Paula? Paula Fernandes?"

"Eu mesma", falei.

"Paula, aqui é o Marcus Viana..."

"Márcio o quê?" A ligação estava ruim.

"O nome é Marcus. Marcus Viana. Estou ligando porque vi você cantar na Rede Minas. Sou produtor musical e estou cuidando da trilha sonora da próxima novela das nove da Rede Globo, que deve se chamar *América* e terá uma temática sertaneja. Preciso de uma consultoria sobre o mundo dos rodeios, pensei que talvez pudéssemos conversar."

Eu ouvia estarrecida. Seria um trote? Ele continuou:

"Queria te conhecer pessoalmente. Podemos marcar aqui no meu estúdio, em Belo Horizonte?"

Não sei quanto tempo demorei a responder. O meu "podemos, sim" saiu fininho, amedrontado. Eu ainda tinha medo de que fosse um trote. Acho que acreditei para valer quando ele, depois de uma pausa, completou:

"Olhe, eu não te conheço, mas preciso te ajudar." E passou o endereço.

A frase "eu não te conheço, mas preciso te ajudar" ficou martelando na minha cabeça. Era acolhedora, mas misteriosa. O que faria uma pessoa se dirigir a uma desconhecida dessa maneira? Por que ele se sentiria compelido a me ajudar?

Eu, claro, nunca tinha ouvido falar de Marcus Viana, o que, de certa forma, era natural. Embora ambos vivêssemos da música, frequentávamos universos diferentes. Ele vinha da música erudita. Seu pai, Sebastião Viana, tinha sido maestro e atuado como assistente do compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos. Quando era pequeno, Marcus tentou fazer aulas de piano, mas a professora disse ao pai que ele não levava jeito. Só com treze anos ele descobriu o primeiro instrumento que tocaria maravilhosamente bem, o violino. Teve as primeiras aulas com um professor húngaro e se revelou tão talentoso que, ainda adolescente, foi convidado a tocar nos Estados Unidos. De volta ao Brasil, integrou a Orquestra Sinfônica de

Minas Gerais, aprendeu a tocar vários outros instrumentos — inclusive piano —, ao mesmo tempo que se encantava pelo rock progressivo. Da fusão entre música erudita e rock nasceu um grupo musical chamado Sagrado Coração da Terra, que, a certa altura, emplacou uma canção na novela *Que Rei Sou Eu?*, da Rede Globo. A visibilidade rendeu-lhe um convite para que fizesse a trilha sonora da novela *Pantanal*, exibida pela Rede Manchete em 1990, em uma parceria de muito sucesso com o diretor da novela, Jayme Monjardim. Quando Monjardim foi contratado pela Globo, levou Marcus; juntos, trabalharam em outras novelas de sucesso, como *Terra Nostra* (1999-2000) e *O Clone* (2001-2). Marcus, como eu logo descobri, era um gênio, um daqueles raros músicos capazes de tirar sons interessantes de praticamente qualquer objeto.

Era essa pessoa que estava me ligando e pedindo que eu fosse ao seu estúdio.

Contei à minha mãe o que tinha acontecido e ela sugeriu que eu fosse com Fábio — mesmo porque o estúdio era no bairro Serra, longe de casa. Na tarde seguinte, depois do trabalho na Resil, Fábio me pegou em casa no seu Chevette e fomos juntos. Eu estava ansiosa, coração disparado, mas de outro jeito — nada que lembrasse o galope dos dias sombrios da depressão. Ali, naquela pequena viagem, tudo era luminosidade.

Talvez pela minha voz grave de contralto, Marcus esperasse uma mulher grande, alta. Ficou evidentemente surpreso quando abriu a porta da casa onde morava, que também era seu estúdio, e encontrou a mim, uma jovem mulher pequena, um tipo bem mignon. Apresentei Fábio, explicando que ele tinha me dado uma carona, e Marcus nos levou até o estúdio. Devia estar perto dos cinquenta anos e tinha olhos suaves e maneiras gentis. Ele se sentou diante de mim, falou um pouco sobre a novela e sobre como precisava entender melhor o mundo dos rodeios. Contei um pouco das minhas histórias, muito à vontade, sentindo uma afinidade imediata com aquele homem. Primeiro, ele pediu que eu tocasse ao violão alguns

riffs, progressões de acordes musicais. Depois, perguntou se eu podia interpretar algum sucesso, e toquei e cantei "Jambalaya". Então, tomei coragem e pedi:

"Posso cantar uma música minha, que eu fiz?"

"Ah, você compõe?", Marcus quis saber.

"Componho, sim", eu respondi. Senti naquele momento que Marcus ficou meio dividido entre a cortesia e o embaraço. Mas no fim foi educado.

"Claro, toque!"

Ajeitei meu violão nos braços e cantei uma das minhas composições de que mais gostava — e gosto — até hoje, "Meu eu em você". Eu tinha escrito essa canção nos tempos de Casa Branca e ela seria gravada em 2007 pela dupla Victor e Leo, além da minha versão, que eu registraria pouco depois no CD *Canções do vento sul*. Ele ouviu atentamente, sem comentar, sem esboçar reações.

"Música e letra são suas?"

Confirmei.

"De onde saiu essa tem mais?"

Tinha. Marcus me deu corda e cantei uma música atrás da outra. Minhas e de outros compositores. Quando eu já havia cantado talvez umas dez músicas, ele pediu licença e pegou o celular. Olhando nos meus olhos, disse, para a voz que atendeu do outro lado:

"Jayme, achei."

Tiveram uma conversa surreal. Marcus explicava para a pessoa do outro lado da linha que encontrara uma "pérola". Que, a princípio, achava que tinha diante de si só uma boa violonista e boa cantora, mas que acabara de descobrir que eu também compunha, e que era música, segundo ele, da melhor qualidade. "Jayme, eu sou músico e sei reconhecer uma estrela", ele disse. Foi naquele dia que Marcus decidiu que eu emplacaria em novela. E, se havia alguém que entendia a força

de uma canção em uma novela, esse alguém era Marcus, com sua coleção de trilhas de sucesso.

Marcus se entusiasmara com "Meu eu em você" e a levou a Jayme Monjardim, na tentativa de encaixar a canção na trilha da novela *América*, de autoria de Gloria Perez, que começaria dentro de pouco tempo. Não convenceu, mas nem por isso desistiu. Jayme tinha dado a ele abertura para tentar emplacar outra música interpretada por mim. Durante uma viagem a Paris, no avião, Marcus teve uma inspiração: compôs uma letra diferente para a "Ave-Maria" de Franz Schubert reverenciando a natureza. Nas nossas conversas — a tal consultoria para as situações da novela *América* —, eu havia explicado a ele que, na abertura dos rodeios, é comum cantarem "Ave-Maria"; tinha até cantado para ele. Àquela altura, Marcus já sabia da minha paixão pelos bichos e tudo se encaixou. Ele me mostrou a letra, que eu achei maravilhosa, um deslumbramento. Chamou-se "Ave-Maria Natureza".

Ave-Maria mãe das estrelas, mãe do céu
Alma doce da natureza
Oh, seiva viva que nutre esse chão
Dá tua luz a tudo que vive e respira
Leva a dor do coração
Oh, doce mãe estende teu manto
Nessa terra que tanto precisa de ti
Transforma os corações dos homens
Para que o paraíso aconteça aqui.

Fui ao Rio para conhecer o diretor Jayme Monjardim e abriram-se as portas para minha primeira participação em uma atração da Rede Globo: eu cantava em uma cena de *América* na qual os peões entravam na arena ao som da letra feita para mim.

Foram três segundos. Mas três segundos que começaram a mudar minha vida. E por trás dessa transformação estava Marcus.

Ainda hoje tenho dificuldade em entender o que ele significa para mim. Nosso encontro tem a força das afinidades que não se explicam. Talvez a psicanálise visse nele a figura paterna que, a certa altura, de fato se distanciou da minha carreira. Talvez eu tenha de fato resgatado com ele o laço de amor e confiança que é próprio da paternidade. Não sei explicar. O fato é que sinto por ele um amor genuíno, desinteressado, que independe do que ele possa ou não fazer pela minha carreira. Às vezes, do nada, sonho com ele. Preciso ligar, ouvir sua voz. Às vezes a saudade bate tão forte que tenho vontade de ir à casa dele, e vou. Trabalhamos juntos durante anos, até que assinei contrato com uma grande gravadora — outro divisor de águas na minha carreira — e nossas propostas artísticas seguiram caminhos diferentes. Naquele momento, no entanto, acho que Marcus enxergou em mim uma fonte que apenas tinha começado a fluir. Ele gostava das minhas composições e contribuía para que ganhassem ritmo, elegância, se afastassem do lugar-comum.

A contribuição de Marcus Viana para lapidar meu repertório e meu jeito de cantar teve um valor inestimável para minha evolução como artista.

Porém, Marcus não pensava só na artista. Pensava na pessoa — talvez mais do que na artista. Tinha curiosidade em saber como era minha vida de cantora e se preocupou com o cansaço que ouvia na minha voz, resultado de noites e mais noites me apresentando em barzinhos e restaurantes, de terça a domingo. Ele me fez uma proposta:

"Paula, por que você não vem ser fixa na minha banda, como a voz feminina?" E me ofereceu um cachê de oitocentos reais por apresentação.

Topei, claro. Ainda que a banda de Marcus, a Transfônica Orkestra, não realizasse shows toda noite, fazendo dois por mês eu já conseguia ganhar mais do que antes. Desde o início, Marcus soube da difícil jornada financeira da minha família e dos pontos altos e baixos da minha carreira. Então, me botou sob suas asas e abriu novos campos de trabalho para mim. Uma

das suas ideias foi me apresentar a vários estúdios de Belo Horizonte que produziam jingles. Descobri então que os cachês da publicidade eram muito melhores: em trinta segundos cantando um jingle eu faturava setecentos reais. Além de jingles, fiz locuções e narrações. Muitos eram trabalhos comuns, esquecíveis; outros eram interessantes e surpreendentes. Eu me divertia — sem falar no upgrade financeiro. E, como chegava ao estúdio e fazia direito, quase sempre de primeira (àquela altura da vida, só para relembrar, eu já tinha mais de uma década de estrada, e mal passara dos vinte anos), era bem requisitada. Graças aos novos trabalhos, pude reduzir bastante minhas apresentações na noite. Além disso, depois que fiz a participação em *América*, cantando em horário nobre na TV, meu valor de mercado naturalmente aumentou. Logo depois, acabei vendendo uma participação em um rodeio grande por um preço muito bom. Parecia que enfim a sorte dava as caras. Tive acesso a uma porta do sucesso, uma virada.

Foi também um upgrade artístico. Marcus me apresentou a novos compositores e gêneros. Seu gosto erudito me agradava; de alguma maneira intuitiva, talvez, conversava com minhas referências musicais, com os estilos de que eu gostava. Como me dava essa abertura, passei a frequentar o estúdio dele, na Serra, quase diariamente. Ficava olhando-o enquanto trabalhava, concentrado, nas trilhas sonoras que preparou para muitas novelas que vieram nos anos seguintes.

"Ave-Maria Natureza" tocou com bastante frequência no começo da novela; porém, sem conseguir seduzir o público, *América* passou por mudanças. Jayme e Marcus acabaram se afastando da condução e uma nova trilha foi criada. "Ave-Maria" interpretada por mim foi a única canção da fase anterior que permaneceu no repertório da novela, ainda que tocasse menos. Para isso, tive apoio de Mariozinho Rocha, diretor musical da Globo. Àquela altura, porém, Marcus já tinha assumido fortemente minha carreira e incorporado uma figura paternal, afetuosa e preocupada com meu futuro.

Começamos a planejar meu terceiro trabalho, o CD *Canções do vento sul*, que seria também o primeiro autoral; a música-título era uma parceria minha com Victor Chaves, com quem eu jamais perdera contato e continuava compondo. Mas haveria também "Meu eu em você" e, claro, "Ave-Maria Natureza", pegando carona no sucesso que a canção fizera na novela. Inteligentemente, Marcus percebeu que era necessário haver um produto — um CD — pelo qual os fãs da música da novela pudessem não apenas encontrá-la, mas ouvir mais de Paula Fernandes. Todos os dias, passávamos oito horas no mínimo em estúdio, bordando e ajustando aquele trabalho. Virei praticamente uma funcionária de mim mesma. O disco saiu em 2005 e retratava um momento instável da minha carreira, em que havia esperança — afinal, eu tinha uma música tocando em uma novela da maior rede aberta de TV do Brasil, o que não era pouca coisa —, mas, fora isso, poucas perspectivas. *Canções do vento sul* foi gravado em estúdio ao longo de quase um ano, Marcus, os músicos e eu esquecendo se era dia ou noite, tocados pelo encantamento de cantar e registrar o que se canta. Os arranjos traziam a suavidade e o refinamento de Marcus, que tinha na época uma distribuidora de música independente, a Sonhos e Sons, responsável pela divulgação desse novo trabalho meu. Marcus tinha muitos amigos no meio artístico e me apresentou a Sérgio Reis, que apreciou meu canto e concordou em gravar comigo a música "Sem você".

Além dos shows que eu fazia com a Transfônica, o grupo musical de Marcus, ele e eu começamos a planejar apresentações em paralelo divulgando esse trabalho; ele convidou minha mãe para ser minha "assessora" e ela passou a viajar conosco, mas dessa vez o clima era outro — nada que se comparasse às maratonas do passado. Com essa banda, da qual faziam parte muitos dos músicos da própria Transfônica, fazíamos um ou dois shows por mês. Um dia, o violonista titular, Augusto Rennó, teve um problema pessoal e não poderia fazer um show, mas enviou um substituto. Eu me

Lembro perfeitamente do dia em que, no estúdio de Marcus, alguém tocou a campainha e ele me pediu para atender.

"Deve ser o violonista que o Augusto mandou", Marcus disse.

Desci os degraus de pedra até o portão do estúdio e abri a porta para... Márcio Monteiro, o violonista da Nolli, a cantora do programa da Rede Minas.

"Eu te conheço", falei, tentando lembrar de onde.

Márcio relembrou nosso primeiro encontro. E disse: "Eu desejei tocar com você desde aquele dia. Olhe só". Nunca mais nos separamos. Juntos, Márcio e eu reorganizamos a banda que me acompanhava trazendo novos músicos que tinham mais afinidades com o universo sertanejo, de onde eu vinha, e com os ritmos country americanos. A banda que estivera comigo até aquele momento, "emprestada" da Transfônica, era excepcional, mas pouco se identificava com o que eu queria cantar nos meus shows solo. Com a nova formação proposta por Márcio, fizemos muitas apresentações pelo interior de Minas. Todos os meses tocávamos em Ibirité, cidade próxima de Belo Horizonte cujo prefeito se encantara com a minha música. Interpretávamos, entre outros, os sucessos de Shania Twain, a rainha do country, que eu adorava e ouvia desde o começo da adolescência. Com o tempo, à medida que as canções compostas por mim eram descobertas por outros artistas — quando Victor e Leo gravaram "Meu eu em você", por exemplo —, nós as incorporávamos ao repertório dos shows. Foi nascendo entre mim e Márcio uma amizade que misturava cumplicidade, companheirismo e admiração profissional.

Mais do que apenas um guitarrista, ele é um músico com repertório vasto, que, com o tempo, se tornou o produtor musical das minhas canções, a pessoa que "veste" tudo o que componho. Mais do que isso tudo, porém, foi Márcio quem me trouxe Bia, sua mulher, minha melhor amiga. Bia é minha personal trainer há muitos anos, mas esse é o menor dos seus papéis na minha vida; a verdade é que ela está presente todos

os dias, todo o tempo. Tornou-se meu anjo da guarda, uma pessoa da minha máxima confiança. Nós nos falamos todos os dias, todas as horas, e ela está sempre presente quando preciso. Bia é ombro, é sorriso, é abraço. É chão e suporte quando sinto que não posso ficar de pé. É puxão de orelha. É o abrir dos olhos para questões que eu não havia vivido ou experimentado antes. É uma janela enorme com milhões de imagens e cores que eu jamais achei que fosse conhecer. Bia se tornou uma segunda mãe para mim e tenho por ela um sentimento precioso, intocável, inestimável; ela é minha "família adquirida" aqui nessa passagem pela Terra. Meu amor é genuíno e ela sabe o quanto também pode contar com o que ela mesma me ensinou sobre compartilhar e se doar. Bia tem duas filhas, Luiza e Júlia, hoje no final da adolescência, que brincam comigo como se tivéssemos todas a mesma idade.

A importância de Márcio na minha vida também tem outras nuances. Foi ele quem me ensinou a confiar nas pessoas. Tornou-se meu amigo, irmão, camarada. Já percorremos juntos tantas estradas! Nos momentos difíceis, foi no ombro dele que eu chorei (e manchei suas camisas com maquiagem). Aprendi a respeitar suas superstições — como deixar a barba crescer enquanto estiver envolvido em um projeto e só cortá-la quando termina. Como artista, tenho a sorte e o privilégio de contar com uma banda muito estável; a maioria dos músicos me acompanha desde o começo da minha jornada. Meu sonho é ter os mesmos profissionais para sempre, como Roberto Carlos. Quando algum dos "meninos" sai é como se estivéssemos de luto.

Eu tinha meus compromissos com a Transfônica, mas, com a banda que eu já chamava de minha, ainda abraçava todas as oportunidades que apareciam. Marcus também trabalhava para vender shows meus onde fosse possível. Embalada pela participação-relâmpago na Globo, cantei em casamentos como nunca antes. Internamente, agradecia aos "velhões" da Chevrolet 38: a banda com quem me apresentei por tanto tempo foi uma grande escola para as apresentações que vieram,

tanto pelo repertório (era aquele mesmo, de Whitney Huston a Cely Campello) quanto pela desenvoltura que cultivei no palco.

Por meio de Marcus me tornei amiga de Jayme Monjardim, um diretor cuja sagacidade entendi rapidamente. Jayme é casado com Tânia Mara, uma cantora lindíssima e talentosa que, como eu, começou a cantar ainda criança e veio do universo sertanejo, o que certamente ajudou na química que houve entre nós. Tanto que, logo depois, fui convidada por ele a interpretar a música "Dust in the Wind" para outra novela que dirigiria, *Páginas da Vida*. Era minha versão do sucesso dos anos 1970 da banda norte-americana Kansas, e foi o primeiro passo para um disco inteirinho de releituras de músicas em inglês (havia uma única em espanhol, "Un día sin ti", originalmente um sucesso da dupla sueca Roxette), evocando minhas noites como crooner. Nesse CD, que também se chamou *Dust in the Wind* e foi lançado em 2006, um ano depois de *Canções do vento sul*, registrei "The Boxer" e "Don't" — uma música de Shania Twain que o público dos barzinhos adorava.

Quando meus pais se separaram, minha mãe ficou com a casa onde tínhamos morado em Sete Lagoas. Vendeu-a e conseguiu comprar o apartamento de tio Adilson, em Contagem. À medida que meu trabalho ganhava volume, ela e eu juntamos o suficiente para, vendendo aquele imóvel, comprar outro, bem melhor, em Belo Horizonte, no Coração Eucarístico, um bairro de classe média na zona noroeste da capital. Ficava perto da PUC, onde eu ainda fazia o curso de geografia. Porém, empolgada com as oportunidades que pareciam pipocar todo dia, acabei trancando a faculdade. Não foi a única mudança: também chegava ao fim meu relacionamento com Fábio. Para mim, tínhamos virado melhores amigos, e além disso, como ele era ciumento, sofria com os novos passos da minha carreira. O que tivemos acabou, mas foi único e muito forte. Penso nele como um amor que levo para a vida, com respeito e gratidão.

E havia uma grande novidade: eu já conseguia sobreviver de música.

Marcus Viana também foi fundamental para minha segurança financeira. Com seu olhar afiado para desvendar corações, entendeu antes de mim quanto o dinheiro era um assunto delicado para minha família. Um dia, logo que nos conhecemos, veio me avisar que depositara mil reais na minha conta bancária — que vivia zerada ou no vermelho.

"Marcus, eu não posso aceitar. Não tenho como pagar", protestei.

"Você me paga em shows", ele propôs.

Mil reais era uma quantia respeitável em 2006-7. Ainda hoje é. Sensível, Marcus intuiu que o simples fato de ter algum dinheiro no banco já me permitiria tocar a vida com mais leveza. Nunca esquecerei de quando me disse: "Paula, você está encostada na parede. Além da parede não há nada. Na hora em que você parar de se preocupar com dinheiro, você vai ganhar dinheiro". Ele tinha razão. De onde veio esse entendimento de como eu sou, de como funciono? Que conexão mística é essa entre nós? Não sei. O que sei é que, misteriosamente, aqueles mil reais se multiplicaram e nunca mais faltou dinheiro na minha vida. Com Marcus Viana, aprendi que fundo de poço tem mola — como diz o velho ditado.

No entanto, mesmo quando comecei a ganhar e a controlar o quanto ganhava, jamais fazia extravagâncias. Nunca torrei dinheiro na vida. Ou melhor, quase nunca, pois houve aquela vez em que eu vendi todas as mercadorias na feira — eu tinha uns nove anos — e gastei o dinheiro em doces e presentes para todos. Quando era menina, namorava as vitrines perto de casa, onde quer que fosse a casa — Sete Lagoas, Cotia, Contagem. Às vezes entrava e provava alguma coisa, inventando algum defeito para não comprar a roupa, mas a verdade é que não tinha como pagar. Eu perguntava para minha mãe:

"Será que um dia eu vou poder comprar um vestido desses?"

E ela: "Desses, não, minha filha, muito mais bonito. O vestido que você quiser. Você nem vai se lembrar dessas lojinhas".

E eu pensava: "Minha mãe está doida".

Lembro-me do dia em que, finalmente, comprei um vestido para uma apresentação com a Chevrolet 38; custou cem reais e eu tinha pagado com a sobra do dinheiro dos shows — o grosso, claro, cobrira as despesas da casa. Quando entrei no pequeno apartamento, me lembrei de que o aluguel mensal era 260 reais — como é que eu podia ter gastado cem com uma frivolidade? Cismei de não usar, e só mudei de ideia quando minha mãe me absolveu.

"Filha, é seu. Você pode gastar com o que quiser. E, de todo modo, você vai usar esse vestido para trabalhar, não é?"

Sim, era.

O primeiro dinheiro bom que ganhei — aquele show em rodeio, já depois da participação em *América* — foi gasto com um plano médico para a família. Até então, a única que tinha plano particular era eu — arranjado pela minha mãe ainda na época da depressão, apesar de boa parte do tratamento ter sido particular. O segundo cachê respeitável virou parte do nosso apartamento no Coração Eucarístico. Talvez um carro se encaixe na categoria extravagância; em 2006, comprei meu primeiro automóvel, um Corsa 1994 azul que Marcus me vendeu a preço de banana para que eu pudesse me deslocar com mais conforto entre os compromissos de trabalho. Fiquei com ele por cerca de dois anos e troquei-o por um Palio 2006 prata, que eu achava top de linha, uma maravilha. Não tinha ar-condicionado, mas eu estava suficientemente feliz com as quatro portas e com os catorze quilômetros por litro que ele fazia fácil, fácil. Só depois do contrato com a gravadora, que viria em 2008, é que comprei meu primeiro veículo com cara de carro de artista, um jipe Pajero. Ainda assim, sofri para me desfazer do Palio.

Nos dois anos em que Marcus e eu trabalhamos intensamente juntos, nunca assinamos contrato. Foi ele quem me apresentou à primeira empresária que vendeu meus shows profissionalmente, uma gaúcha chamada Darcila Rodrigues; afinal, Marcus de fato precisava de apoio para assuntos comerciais — o negócio dele era arte. Outro profissional,

Vicente Gomes, também indicado por Marcus, começou a procurar as gravadoras em meu nome.

Marcus e eu nos adorávamos, mas tínhamos as nossas brigas, a ponto de, uma vez, Nilmar ligar para ele pedindo:

"Pare de fazer minha irmã chorar!"

Eu me lembro especialmente de uma apresentação que fiz com a Transfônica no Teatro das Artes, em Belo Horizonte. Estava gripada e insegura sobre minha voz e disse que não queria cantar.

"Eu não admito isso!", berrou Marcus. "É falta de profissionalismo! Vou chamar um médico, você vai tomar um remédio e vai cantar, porque hoje vai ter filmagem para um DVD e você não vai atrapalhar! Deixe de ser amadora!" Fui medicada, subi ao palco e fiz um show que Marcus, mais tarde, descreveu como "esplendoroso". A verdade é que cada uma dessas brigas me ensinava algo novo sobre o afeto que nos unia — nos une, até hoje —, sobre a arte que partilhamos, sobre a alegria de poder confiar em alguém. Ele gostava que eu estivesse na sua banda. Gostava das nossas aventuras musicais. Porém, gostava ainda mais de mim, e me ajudou a encontrar um estilo que não era o dele nem o da sua banda, ou o que estava fazendo sucesso na época e no espaço em que nos encontramos. O meu estilo. O meu jeito de compor e cantar.

8. Pássaro de fogo: esse trem vai ser grande

Marcus estava empenhado em abrir espaço para mim em uma grande gravadora, e tanto fez que, usando sua influência, conseguiu uma reunião com o então presidente da EMI Brasil no Rio de Janeiro. Isso deve ter sido em 2007. Antes, teve o cuidado de mandar algumas canções que tínhamos feito juntos. Eu estava ansiosa, e ele também. Sabíamos que, não muito tempo antes, esse executivo tinha recebido meus amigos Victor e Leo, mas preferiu não contratar a dupla. Ele se deu mal, porque logo depois os irmãos fecharam com a Sony Music e estouraram. Eu tinha esperança de que depois desse, digamos, passo em falso, ele estivesse mais aberto a novos artistas e a novas sonoridades.

Não estava.

Depois de ouvir Marcus falando entusiasmado por vários minutos, ele decretou:

"Eu posso estar cometendo outro erro de julgamento, como cometi com Victor e Leo, mas não vamos contratar a Paula. Acho arriscado, mulher, raízes sertanejas, música romântica... Melhor não. Mas agradeço por terem vindo."

Ficamos tremendamente frustrados, Marcus e eu. Eu tinha certeza de que daquela vez daria certo. Tinha tanta certeza que já estava com medo das consequências: perda de liberdade, muitas e longas viagens... E eis que esse cidadão deixou de contratar a dupla Victor e Leo e a mim, o que sempre me pareceu uma sequência notável de enganos. (Curiosamente, já contratada por outra gravadora, reencontrei-o no staff e

cumprimentei-o com frieza. Lembro-me de ter dito algo como: "Eu conheço você".) De volta a Belo Horizonte, Marcus me deu uma carona até o apartamento onde morávamos, no bairro Coração Eucarístico. Nesse dia aconteceu algo inquietante e extraordinário. Não tenho lembrança dessa história, mas Marcus a repete até hoje, acomodando-a no seu compartimento de eventos sem explicação, ou, como ele costuma dizer, sobrenaturais.

Nós nos despedimos na porta do prédio, eu com os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar por causa daquele não. De repente, segundo Marcus, eu me transformei. "Você virou uma velha, Paula, uma velha com uma luz nos olhos, incandescente como uma brasa, e me disse: 'Marquinhos, não se preocupe. Eu vejo o futuro, e o sucesso já aconteceu. Não tem mais volta. E vai ser grande. Tão grande que eu vou me tornar uma locomotiva que não para, não tem estação; uma locomotiva que roda ininterruptamente. É tão grande o sucesso que você não me verá mais'." Marcus, tentando quebrar o climão, ainda brincou: "Paula, você não está feliz do jeito que está? Um show semanal não basta?". Segundo ele, eu apenas repetia: "Você não está entendendo. Isso é grande mesmo". Em seguida, tão rápido quanto tinha começado, aquele "transe" — ou como quer que se queira chamar aquele episódio — passou. Marcus descreveu o que tinha acontecido. Eu não me lembrava de nada. Nos olhos dele, eu via preocupação. E se nada daquilo acontecesse? Como eu ficaria?

Aos poucos, o baixo-astral da negativa da EMI foi passando. Marcus não desistiu. Continuamos trabalhando juntos, ele me levando para assistir a espetáculos, abrindo janelas e me mostrando muitas e novas possibilidades musicais. Assim foi até 2008, quando ele fez os arranjos para "Pássaro de fogo", uma das minhas composições de que mais gosto até hoje.

Eu compunha desde os doze anos. E, já naquela época, compunha como hoje, é um processo que não tem muita explicação. É muito comum que eu acorde no meio da noite depois de ter sonhado com uma música inteira, a letra na

ponta da língua, como se alguém me tivesse feito decorar palavra por palavra. Às vezes estou no trânsito, outras em casa, pego o violão e a música surge. Para música, sou profundamente intuitiva. Depois, aperfeiçoo, troco uma palavra ou outra, mas muitas vezes gravo a canção como ela veio para mim. Com essa intuição poderosa, poucas vezes me atrevi a aceitar encomendas — já que não me sentia segura para garantir a entrega. Ainda assim, em 2009, a pedido da Rede Globo, compus "Seio de Minas", jingle que embalou o vídeo institucional da TV Globo Minas, e em 2013 fiz a música para o clipe da linha de sandálias que lancei em parceria com a marca Grendha. Outro momento foi quando compus "Cicatriz". Essa música tem uma história que vale contar e adicionar à conta dos fatos inexplicáveis (ou das coincidências; aí vai da crença de cada um). Escrevi a canção para a novela *Tempo de Amar*, da Globo, também, mediante um briefing do diretor Jayme Monjardim: deveria ter em mente uma história de amor proibido, no estilo de Romeu e Julieta. Eu sabia apenas o nome da personagem para quem deveria compor: Lucinda. Desde o primeiro instante, a palavra "cicatriz" rondou minha imaginação, intrometendo-se em todos os outros versos que eu compunha. E eu, também desde o primeiro instante, rejeitei a palavra, que achava muito pesada para uma personagem doce dos anos 1920. A música foi nascendo, mas a ideia da cicatriz não ia embora. Até que um dia despertei às cinco e meia da manhã com a estrutura da canção completa, e a palavra "cicatriz" não apenas era indissociável da bela melodia que veio, como ainda dava sentido a todo o restante da letra.

Eu conto os dias
Sem ter você
Esse amor tá me matando
Sem alegrias
Tento esquecer
Esse vazio é quem está me amando

E o coração me diz
Não vai curar jamais
O amor é cicatriz
Que o tempo não desfaz.

Marcinho escreveu o arranjo, simples, com destaque para o violoncelo, e mandamos para Jayme, que daí a pouco deixou no meu celular o seguinte recado:

"Paula, que lindo que ficou, tem tudo a ver com a personagem. Não sei se te falaram, mas ela tem uma cicatriz no rosto."

Eu não sabia. Ninguém me contara esse detalhe.

"Pássaro de fogo" tinha vindo assim, de um jeito quase inacreditável.

Vai se entregar pra mim
Como a primeira vez
Vai delirar de amor
Sentir o meu calor
Vai me pertencer.

Sou pássaro de fogo
Que canta ao teu ouvido
Vou ganhar esse jogo
Te amando feito um louco
Quero teu amor bandido.

Marcus adorou e trabalhou comigo na gravação de uma demo, nome que a indústria da música dá à versão ainda inacabada de uma canção, com cerca de um minuto e meio de duração — metade do que viria a ter quando "terminada". Gravamos também outras canções, voz e violão em estúdio, em um CD que se tornou uma espécie de cartão de visitas do meu trabalho. Ele então fez chegar à gravadora Universal, uma das maiores do Brasil na época, onde tinha bons contatos.

Daniel Silveira, o então diretor artístico da Universal, ouviu esse material. Recém-alçado ao cargo, Daniel estava empenhado em renovar o elenco da gravadora. Sabendo disso, centenas de artistas iniciantes enviavam CDs com amostras do seu trabalho, que se empilhavam sobre a mesa do diretor. Porém, o nome de Marcus e a insistência de Vicente Gomes para que ele desse uma chance ao meu CD acabaram por chamar a atenção de Daniel. "Eu ouvia muita coisa. Se a primeira faixa fosse ruim, nem escutava o resto", ele me contou mais tarde. Acontece que a primeira faixa do meu CD era "Pássaro de fogo". E essa música cativou Daniel. Ele me diria depois que ficara impressionado com o timbre, com o violão e com a canção autoral. "Tem uma luz aqui", pensou.

O passo seguinte foi pedir a Marcos e Vicente um registro de imagem: ele queria associar a voz a uma pessoa. Gravamos um vídeo curto no estúdio de Marcus e enviamos, e isso foi o suficiente para fortalecer em Daniel a sensação de que havia algo diferente ali, em mim, na minha música. Mas não era tão simples assim. Acima dele, havia José Eboli, o presidente da gravadora.

Era 2008, um tempo em que as duplas sertanejas masculinas estavam no auge. O sertanejo universitário se destacava no cenário musical, com uma mensagem que podia ser resumida em uma palavra: pegação. Minha música era diferente; tinha outro clima, outro vocabulário, outra paixão, coração de mulher falando para coração de mulher. Para Daniel, esse era o ponto positivo: como não havia nada parecido no mercado, eu naturalmente me destacaria. Para Eboli, como não havia nada parecido no mercado, eu não me encaixaria. Eram duas visões de mundo que se contrapuseram ali, no embate entre dois poderosos da indústria fonográfica, um mais ousado, outro mais cauteloso. Mas Daniel tinha algumas teses. Para ele, a música podia estourar caso atingisse com sucesso alguma das três "partes" do corpo humano: o cérebro (e aqui entravam aquelas canções com letras elaboradas), o corpo (território das melodias fundamentalmente dançantes) e o coração (alvo das

músicas românticas, como "Pássaro de fogo"). Analisando o que de fato tocava nas rádios, Daniel concluía que as músicas que duravam para sempre eram justamente as que tocavam o coração do público; e o mercado vivia um tempo de escassez dessas canções. Eboli, porém, identificava na minha música uma pegada folk que, aos olhos dele, faria de mim uma cantora difícil de posicionar em qualquer nicho. Já Daniel acreditava que o mercado estava abarrotado de "mais do mesmo". Como desempatar esse jogo?

Daniel usou uma tática agressiva: mandou minhas canções para Mariozinho Rocha, da Globo, ouvir. Mariozinho já me conhecia desde os tempos da novela *América* e de "Ave-Maria Natureza", mas talvez não soubesse, ou não se lembrasse de que, além de cantar, eu compunha. Tempos depois, Daniel ligou para Mariozinho por algum outro motivo e ouviu dele:

"Daniel, essa menina, Paula, é um tesouro. Você tem que lançá-la."

Daniel não perdeu tempo.

"Pois é, eu sei, mas será que você poderia me dar uma força? O Eboli está em dúvida... Quando falar com ele, comente sobre ela, dê sua opinião."

O fato é que Eboli e Mariozinho se falavam frequentemente. E, numa dessas conversas, o diretor da Globo de fato tocou no assunto Paula.

"Eboli, se você não quiser contratar essa menina, me avise, que eu vou dar a pista para outra gravadora", ameaçou, em tom de brincadeira.

Só muito tempo depois é que eu vim a saber dessas triangulações. Naqueles dias estranhos e cheios de expectativas, a única coisa que chegou até mim era que Daniel Silveira, o diretor artístico da Universal, havia me chamado para uma conversa. O recado veio via Marquinhos, que, ainda escaldado depois da reunião péssima na EMI, demorou alguns dias para confirmar e marcar.

Quando soube da reunião na Universal, comecei a tremer. Todos os fantasmas do meu passado se combinaram para que

eu recusasse. Eu havia superado a depressão, mas, ao mesmo tempo, conseguia enxergar com muita clareza a gravidade da doença que tivera e a extensão e profundidade do tratamento. Estava trabalhando com um músico extraordinário e todos os dias aprendia com ele. Fazia parte da banda de Marcus, cantava jingles, tinha shows marcados. Conseguia viver de música, mas não era escrava dela, como em outros tempos. Eu estava bem, realmente bem: centrada, realizada. Feliz. Porém, ainda achava que o problema poderia ser a música, e não o tamanho que eu dava a essa faceta da minha vida. Por isso, diante da ideia de uma reunião na gravadora, arrepiei. Parei de dormir à noite. Parei de comer. Minha mãe me levou a uma benzedeira em Sete Lagoas. Eu sentia a cabeça queimando, como se tivesse uma febre contínua.

Eu havia previsto tudo aquilo. Escrevo isso sem nenhuma prepotência: só sei que, de alguma forma inexplicável, eu intuía que daria certo e tinha medo disso, desde criança. E Célia, minha terapeuta desde a época da depressão, era minha principal interlocutora, a pessoa a quem eu confessava meus temores mais escondidos.

"Célia, o que vai acontecer quando eu tiver que viajar cem horas de avião por mês para fazer shows por aí? Eu tenho tanto medo de voar!" Ou: "Como vai ser quando eu for cantar no *Faustão* para milhares de pessoas? Aquela energia... Eu não dou conta". Célia perguntava por que eu dizia aquilo. Se estava acontecendo alguma coisa. Se havia algum movimento subterrâneo que eu pressentia ou que me tinham cochichado. Não tem nada, eu sempre respondia. Nada ainda. Mas vai ter. Em 2007, um ano antes do convite para a reunião na Universal, eu me lembro de uma sessão em que estava aterrorizada.

"Está vindo um tsunami na minha direção", eu falava. E chorava.

"Mas Paula, você fez algum contato, assinou algum contrato?", perguntava Célia.

“Não, mas está vindo. Uma hora dessas uma Universal da vida me contrata. E aí? Aí eu não vou ter mais vida.”

Ela tentava me acalmar. “Paula, você está gastando uma energia enorme com uma coisa que nem aconteceu ainda.”

“Mas vai acontecer.” E eu falava com muita certeza de tudo o que viria pela frente, e veio.

Célia tinha grande preocupação em relação a mim. Chamou minha mãe e compartilhou seus temores com ela. Eu tinha me recuperado de uma depressão fortíssima, mas o que aconteceria se nenhuma daquelas profecias se realizasse? Minha mãe ficou desesperada. Foi falar com Marcus, e então já eram três pessoas muito, muito preocupadas comigo. Ele dizia para minha mãe:

“Dulce, isso que a Paula está dizendo que vai acontecer é impossível nos dias de hoje. Conseguir uma gravadora, dar certo. Estamos tentando, é verdade, mas é muito difícil. Está cheio de gente talentosa batendo na porta das gravadoras.” Ele fazia uma pausa, cheio de cuidado quase paterno. “Tenho medo de que ela fique deprimida de novo.”

Minha mãe também tinha. Mas ninguém tinha mais medo do que eu, e era um medo entranhado, esquisito, que não tinha nada a ver com a depressão. Naqueles anos, eu andava apaixonada pela minha vida. Pela minha música eu sempre fora apaixonada, mesmo nos momentos de estranhamento, mas pela minha vida era novidade. Se eu desse certo, teria que abrir mão da Paula de novo. Não via como poderia ser diferente. Então, quando as portas começaram a se abrir, eu quis fechá-las.

Mas não fechei. Marcus tinha um compromisso no Rio de Janeiro, sede da gravadora, e tratou de me arrastar para a tal reunião. Porém, tudo ainda parecia misterioso. Como assim, eu me perguntava? Tanta luta para dar certo, tantos shows em praças, coretos, barzinhos, tanto sofrimento e assim, de um dia para o outro, a maior gravadora do Brasil me chamava para uma conversa depois de ouvir um minuto e meio de uma

canção que eu tinha escrito? Só podia ser brincadeira do destino.

No dia seguinte ao convite para a reunião na gravadora, procurei Célia: "A Universal me chamou para uma conversa".

Ela me olhou, atônita.

E chegou o dia da reunião, uma manhã ensolarada de maio no Rio de Janeiro. Fui com Marcus.

Fomos conduzidos a uma sala não muito grande, com uma mesa redonda e algumas cadeiras. Um sofazinho onde indicaram que eu me sentasse. Nas prateleiras, prêmios conquistados por outros cantores. A reunião era apenas com Daniel Silveira. Não levei meu violão. Era para ser apenas uma conversa.

Daniel se levantou para receber Marcus.

"Marcus Viana, muito prazer, sou seu fã! Vi seu show com o Sagrado Coração da Terra!" E emendou: "Paulinha! Essa menina é demais!".

Sob o entusiasmo aparente, foi um encontro tenso, talvez dos mais tensos da minha vida. Ele queria saber de mim, da minha família, dos outros trabalhos que eu gravara. De onde eu vinha? Como havia começado a cantar? O que eu gostava de cantar?

"Músicas lentas, românticas", respondi.

Eu não tinha como saber naquele momento, mas Daniel e o presidente da gravadora do Brasil na época, José Eboli, já tinham batido o martelo sobre minha contratação. Isso explicava o comportamento entusiasmado de Daniel, mas, para mim, era tudo muito novo, quase... inacreditável. Ainda assim, agi como se tivesse certeza de que a conversa acabaria em contrato assinado.

"Eu tenho duas exigências para fechar com vocês", falei, de repente, com toda a segurança do mundo, como se eles estivessem implorando para que eu me deixasse contratar.

Daniel me olhou, surpreso.

“A primeira é que eu não quero cortar o cabelo.” Risinhos marotos. Para ele, era um detalhe curioso. Para mim, era essencial. Eu estava com o cabelo longuíssimo, na altura dos bolsos da calça jeans, e lembrava muito bem do trauma que tinha sido a mudança de visual imposta pela gravadora Number One.

“Tudo bem, o cabelo fica assim. É bonito”, disse Daniel. “E a segunda?”

“Não quero usar saia curta nos shows.” Para mim, essa segunda providência era uma rede de proteção. Eu não conhecia aquela pessoa. Sabia que se tratava de um executivo cujo trabalho era vender músicas de artistas como eu. Talvez achasse que, no meu caso, mostrar o corpo podia ajudar a vender. Sei lá. Melhor me garantir e impor respeito logo na chegada. Na expressão de Daniel, encontrei novamente surpresa.

“Claro, Paula. Vamos assessorar você com essas questões de estilo e jeito de se vestir, mas a última palavra será sempre sua”, garantiu ele.

O contrato chegou à minha casa poucos dias depois. Eu não tinha um empresário — do meu lado, havia somente minha mãe e o aconselhamento de Marcus, que entendia da parte artística, não do mundo dos negócios. Prova da nossa candura é que minha mãe tirou dúvidas com os advogados da gravadora, numa relação de confiança que se revelou acertada. Menos de uma semana depois, voltei à Universal para assinar o contrato. Vesti uma calça jeans, camisa branca com gola de renda abotoada até o pescoço, bota de montaria. Meu traje de segurança, a roupa que eu usava desde os primeiros shows de criança, dentro da qual eu me sentia protegida.

Nessa reunião estava presente também o presidente da Universal. José Eboli começou a fazer brincadeiras de gosto duvidoso com Daniel. “Mulher, música lenta e romântica. Sei não”, balançou a cabeça, meio incrédulo, referindo-se ao gênero de música que eu compunha e cantava. Mas também ele tinha comprado a ideia de me lançar, e esse

comprometimento foi fundamental para tudo o que veio depois.

"Essa menina é um fenômeno", devolveu Daniel, meio seco.

Naquele momento eu não tinha essa noção, mas de fato era um nicho complicado do mercado artístico, historicamente pouco rentável, com um público instável e arredio. Daniel estava bancando uma aposta alta. Dessa vez, aconselhada por Marcus, levei o violão. Os dois maiores executivos da maior gravadora do país estavam me contratando sem jamais terem me ouvido tocar e cantar ao vivo. Então, cantei para eles. Fiz um pocket show com "Pássaro de fogo" e mais três ou quatro canções minhas, as canções que eu gravaria no meu primeiro CD para a Universal.

Eles aplaudiram.

Quando me sentei para assinar as folhas do contrato, tremia feito vara verde. Então assinei, e nunca mais tremi. Na vida. Em nenhum show. Em nenhum contrato dos tantos que houve depois. Escrever meu nome naquele papel encerrou todo o meu medo. Tomei conta de mim: aquele contrato era meu e eu ia cumpri-lo. Previa a gravação de quatro álbuns.

Marquinhos até ensaiou ficar ao meu lado, produzindo o primeiro disco que eu faria com o selo Universal. Mas logo ficou claro que não havia um entendimento entre ele e a gravadora, de modo que, algum tempo depois, ele se afastou da produção e chamou Márcio Monteiro, o guitarrista-amigo-ombro para todas as horas que já vinha me acompanhando.

"Não vai dar para eu ficar", disse Marcus a ele. "Você vem de um universo mais pop e o disco da Paula precisa disso. Você topa fazer o disco com ela?"

"Topo demais da conta", disse Márcio, aquele que era o maior desafio da sua vida profissional até o momento.

Entendi a decisão de Marcus, mas fui falar com ele. "Tenho a sensação de que estou me casando, mas meu pai não foi convidado para o casamento", eu disse, insegura. E era, de fato, como eu me sentia. Márcio assumiu o comando, afinado com o que Daniel Silveira pretendia para aquele primeiro disco. O

trabalho foi gravado no estúdio de Marcus, cujo nome até está no disco — mas a produção foi mesmo de Márcio. Tudo foi finalizado em um mês, um prazo muito curto. No entanto, aparentemente, perdemos uma "janela" de lançamento e tivemos mais algum tempo para refinar o trabalho. O CD só foi lançado seis meses depois. No mundo da música é assim: corremos, corremos... para depois esperar.

Pássaro de fogo, lançado em 2009, foi meu disco mais elaborado e delicado até aquele momento. Porém, a carreira desse CD não começou tão bem assim. A gravadora escolheu como primeira música de trabalho "Meu eu em você", por considerar que, como se tratava de uma artista "nova", era melhor lançá-la interpretando uma música já conhecida — no caso, embora fosse uma composição minha, havia sido gravada com grande sucesso pela dupla Victor e Leo. Daniel era contra; desde o início, queria trabalhar "Pássaro de fogo", mas naquele momento foi voto vencido.

A música não andou como esperado, e foi preciso pensar em outra estratégia. Então, como a verba de marketing para artistas recém-contratados era mínima, Daniel teve a ideia de produzir *webclipes* para divulgar minhas músicas em um YouTube muito menos poderoso e populoso, ainda incipiente. Eram produções quase caseiras, com uma equipe de filmagem iniciante e locações na serra do Cipó, nos arredores de Belo Horizonte — até a casa de Marcus Viana serviu como cenário. Era tudo muito simples, quase tosco, como disse Daniel, que participou das gravações e, por absoluta falta de braços, acabou segurando uma mangueira para fazer chover sobre mim no clipe de "Quando a chuva passar". Foi intenso e excitante: gravamos quatro clipes em um único dia, mas o esforço valeu. A tática ajudou muito na divulgação do disco, o número de *views* subindo muito rápido e ajudando a fortalecer o discurso da gravadora na divulgação para as rádios. O *webclipe* de "Quero sim" superou 6 milhões de visualizações. Foi um bom

recomeço. Na sequência, veio o clipe de "Pássaro de fogo", com mais de 24 milhões de *views* desde então.

Outra música que ajudou a construir o sucesso do disco foi "Jeito de mato", parceria minha com Maurício Santini, gravada em dueto com Almir Sater. Almir era grande amigo de Marcus, que foi quem nos apresentou e apadrinhou a gravação, cedendo-a à Universal.

De onde é que vêm esses olhos tão tristes?
Vêm da campina onde o sol se deita
Do regalo de terra que o teu dorso ajeita
E dorme serena, no sereno sonha.

De onde é que salta essa voz tão risonha?
Da chuva que teima, mas o céu rejeita
Do mato, do medo, da perda tristonha
Mas que o sol resgata, arde e deleita.

Um pouco por sorte, um pouco por articulações entre Daniel Silveira e Mariozinho Rocha, "Jeito de mato" acabou entrando para a trilha sonora do remake de *Paraíso*, novela das seis escrita por Benedito Ruy Barbosa e suas filhas, Edmara e Edilene, no ar entre março e outubro de 2009. A canção fez sucesso e tocava em toda parte. Para a gravadora, caiu a ficha de que a cantora mineirinha, com sotaque e repertório "lento e romântico", tinha potencial.

Essa percepção foi importante porque assinar com uma gravadora está longe de ser sinônimo de sucesso. Eu tinha certeza de que ia dar certo, de que aquele trem ia ser grande, e só foi ficando maior, mas a Universal não. Acontece que, com o suporte da gravadora e umas poucas entradas em canais de TV aberta, além do sucesso da novela *Paraíso*, *Pássaro de fogo* vendeu 100 mil cópias no ano em que foi lançado, um número bastante significativo para uma cantora estreante, na avaliação da própria Universal. Ao todo, esse álbum vendeu 600 mil cópias. Mesmo antes de um trabalho meu atingir 1 milhão de

cópias vendidas, o que só viria mais tarde, sempre fui bem tratada na gravadora, mas hoje tenho certeza de que ajudei a quebrar preconceitos. Poucas gravadoras investiam pesado em mulheres; historicamente, cantores do sexo masculino sempre responderam por fatias mais grossas do faturamento. No entanto, o público feminino, notoriamente influente, comprava meus discos. Para esse público, embora fosse mulher, eu não representava uma rival, alguém que poderia despertar o desejo dos homens que elas amavam; pelo contrário: era uma jovem simples, do interior de Minas, que cantava o amor, um amor que esse público queria viver. Os homens — eu via pelos shows — também gostavam das canções e talvez se sentissem atraídos por uma certa delicadeza que associavam à minha figura. Não sei se eu os cativei pelas melodias, pelas letras ou pela voz. O fato é que o desempenho comercial de *Pássaro* deixou claro que havia muito espaço para uma mulher com um trabalho autoral romântico. E, naquele momento, quem se encaixou nesse espaço fui eu, talvez porque minhas canções despertassem emoções adormecidas. Sou muito crítica com minha música. Se eu não me emociono ao me ouvir cantar, esqueço a composição. Não mostro a ninguém. Cultivei o hábito de gravar até dez versões de uma mesma canção e escolher a que me toca mais ao escutar de novo.

Junto com o sucesso, veio a recomendação por parte da gravadora de que eu contratasse uma agência de talentos para organizar minha agenda, marcar shows, cuidar dos cachês e da marcação das entrevistas — chegavam pedidos de todos os veículos de mídia, e, no nosso esquema ainda meio doméstico, contando apenas com a assessoria da Universal, mal dávamos conta.

Durante certo tempo, Nilmar me ajudou. Meu irmão fora demitido da Resil pouco depois de eu ter assinado com a gravadora, em um corte de pessoal que atingiu apenas os funcionários solteiros. Ficou seis meses recebendo seguro-desemprego e sondando algumas oportunidades de trabalho; porém, tudo o que aparecia era na área de ferramentaria, a

especialidade dele, e, depois da experiência de quase nove anos na Resil, ele não queria voltar para as prensas e chapas. Mais ou menos na mesma época, minhas demandas profissionais começaram a aumentar e foi natural que Nilmar desistisse de procurar emprego e viesse se juntar a nós. Com seu jeito tranquilo, diplomático, ele começou cuidando do site que decidimos pôr no ar, mas logo assumiu algumas conversas com a gravadora, com rádios, contratantes, imprensa. Era organizado e gentil, não represava pedidos e atendia bem à imprensa; acabou se tornando uma figura querida pelos próprios méritos. Porém, por maiores que fossem as habilidades de Nilmar com os relacionamentos, havia tanta coisa acontecendo que decidimos recorrer a uma agência profissional.

Por indicação da gravadora, chegamos à agência Talismã Music, que pertencia ao cantor Leonardo, um ídolo, por quem tenho a maior admiração e respeito. Porém, essa experiência me mostrou a importância de o artista ter domínio sobre a própria carreira — a ponto de, algum tempo depois, em 2012, eu abrir minha produtora, a Jeito de Mato, em sociedade com minha mãe e Nilmar.

Fama é uma coisa boa e traz muitas alegrias. Poder gravar minhas composições. Ser reconhecida como uma artista talentosa e versátil. Construir um canal com o público que, cada vez mais, lotava meus shows. Ganhar dinheiro para, finalmente, me permitir uma vida confortável. Mas, como tudo tem dois lados, foi também um tempo de muito trabalho e exaustão. Eu fazia 220 shows em um ano, às vezes dois por dia.

A verdade é que, lançada em uma roda-viva profissional de shows e apresentações, eu estava vivendo todos os dias situações tensas e perigosas, me apresentando sem nenhuma segurança e expondo a mim e à minha banda a riscos. Um show em Tucumã, no Pará, para uma plateia majoritariamente indígena — um mar de gente com pinturas no rosto —, foi interrompido quando um fã invadiu o palco, pelos fundos, enquanto eu me apresentava apenas com voz e violão, sentada

num banco. O rapaz me abraçou pelo pescoço. Não sei como não caí para trás e não bati a cabeça no tablado. Aliás, sei: quem me "salvou" ali de consequências imprevisíveis foi o produtor musical que nos acompanhava na época; ele entrou no palco e levou o fã atrevido para fora. Em uma pequena cidade da Bahia, pela primeira vez xinguei um contratante, um senhor que vestia short de baby-doll e calçava chinelos de dedos de cores diferentes, sabendo que ele me ouviria do outro lado da cortina de tecido que fechava o cubículo chamado por ele de "camarim"; estava verdadeiramente indignada com as condições de "trabalho" que encontrara ali. Foi nessa época que inauguramos o que, meio a sério, meio de brincadeira, chamamos de Operação Pássaro de Fogo: quando a situação era muito incerta e o contratante não havia providenciado um esquema de segurança, os músicos da banda formavam um corredor polonês entre a van de onde eu sairia e o palco onde cantaria, ou o camarim onde deveria me arrumar. Mas nunca chegou a acontecer nada, graças a Deus.

A vida normal que eu tinha levado até pouco antes evaporou. Para piorar, ficava evidente para mim que eu era uma ótima artista, mas uma pessoa com uma estrutura psicológica frágil para lidar com o público. Talvez conscientes disso, meus empresários da época me mantiveram ilhada dos fãs, que tinham dificuldade em se aproximar. Vem daí certa fama de antipática que durante uns bons anos alfinetou minha carreira. Eu estava sempre pronta para pegar o violão, subir no palco e cantar duas dezenas de canções, com alegria e profissionalismo, mas não sabia o que fazer com quatrocentas pessoas que me esperavam no aeroporto ou na entrada do hotel. Não havia alguém que me orientasse sobre como me dirigir a elas. Além disso, eu fazia questão de cuidar do meu visual, o que significava um grande investimento de tempo que eu podia empregar de outra maneira — recebendo fãs no camarim, por exemplo. Antes do show, fazia cachinho por cachinho, até o cabelo ficar exatamente do jeito que eu queria. Eu mesma me maquiava, e sempre do mesmo jeito; elegi o

corselete como peça-chave das minhas apresentações porque valorizava meu corpo e fechei os olhos para todas as outras possibilidades. Esse "padrão" ajudou a construir minha marca, e acho que essa construção foi bem-feita, mas não havia um planejamento. Um percurso. Um guia para lidar com todas as situações novas e imprevistas que surgiam todos os dias.

Eu sabia que, uma vez que me tornasse de fato famosa, eu teria que olhar a praia da janela do hotel, mas uma coisa era saber, outra era viver. De novo, eu perdia minha liberdade. Era estranho e contraditório. Eu estava feliz e assustada. Pensava em parar, mas sabia que não podia — não depois de tudo o que tinha caminhado para chegar até ali, até aquela folha de papel assinada por mim e por dois dos mais respeitados executivos do mercado fonográfico do país.

Foi mais ou menos nessa época da assinatura do contrato com a Universal que minha prima Cintia ganhou novo status no meu trabalho — e na minha vida.

Minha primeira lembrança é de nós duas brincando de boneca no quarto da casa dela em Sete Lagoas. Diferentemente de mim, ela tinha muitas bonecas. O tempo passou, mas nossa amizade dos tempos de criança nunca enfraqueceu. Pelo contrário. Quando nos mudamos para São Paulo, na época em que meus pais estavam decididos a investir na minha carreira, Cintia muitas vezes vinha passar férias conosco. Se era no meio do ano, trazia trabalhos de escola e pedia ajuda. Se não, tínhamos conversas infindáveis e inventávamos passinhos de dança, que executávamos rindo. Quando ela não vinha, eu é que ia para Sete Lagoas. Lembro-me de uma ocasião em que voltei para São Paulo depois de ter passado alguns dias em Minas e ela chorou uma noite inteira; chegou a passar mal no dia seguinte, na escola. Adolescentes, trocávamos cartas — folhas e mais folhas de papel com nossas letras miúdas — e eu ficava de olho no carteiro quando ele dobrava a esquina da minha rua; poderia estar trazendo uma resposta dela. Éramos

melhores amigas desde sempre, outra daquelas afinidades sem explicação.

Quando tive depressão, Cintia soube. No auge da doença, minhas tias — a mãe dela, Cazilda, e a madrinha, tia Neuza — ficaram muito próximas de nós, mas trataram de manter Cintia distante, para que ela não presenciasse os efeitos da doença sobre mim. Mesmo assim, sei que ela se lembra de episódios duríssimos, manifestações que viu sem querer e jamais esqueceu.

De volta a Minas Gerais, após o desapontamento com o CD jamais lançado pela Number One, ficamos muito unidas. Quando minha mãe e eu nos mudamos para Contagem e voltei a fazer shows em barzinhos, Cintia não apenas estava na plateia sempre que possível, mas, metódica e responsável, começou a cuidar de pequenas coisas da minha incipiente vida de artista. Lavava meus pincéis de maquiagem, arrumava gavetas, sabia sempre onde estava a chave do carro na fase em que cantei com Marcus Viana. Quando assinei com a Universal e uma agenda de shows e viagens começou a se desenhar no horizonte, minha mãe entendeu, antes de mim — antes de qualquer pessoa, na verdade —, que eu precisaria de uma pessoa da máxima confiança ao meu lado. E teve uma ideia.

"Paula, por que você não convida a Cintia para ser sua assistente pessoal? Vocês se gostam tanto e ela cuida muito bem de você. Eu não poderei estar sempre perto e ficaria mais tranquila se ela estivesse do seu lado."

Gostei da ideia. Cintia também.

Fizemos um contrato de trabalho e estamos juntas desde então. No início, Cintia cuidava de coisas demais: filmava os shows, tirava fotos, vendia CDs, era responsável pela troca de roupas, organizava a agenda, despertava uma hora antes do momento em que deveria me acordar para um compromisso, um remédio, uma partida. Algumas dessas tarefas foram sendo delegadas para outras pessoas à medida que minha carreira ganhou volume, como fotos e agendas, mas de muitas não consigo abrir mão; têm que ser feitas por Cintia, minha

assistente, minha confidente, minha prima, minha amiga. Ainda hoje é ela quem organiza minhas roupas e minha alimentação, faz e desfaz minhas malas, marca minhas consultas médicas; pequenos gestos que ela tomou para si, mas que não são apenas trabalho: vêm cobertos de carinho, de preocupação com meu bem-estar, de uma intimidade tranquila, sem curiosidades, sem desconfianças. Cintia cresceu comigo. Sabe quem está ali, por trás da cortina da fama e da celebridade. Sabe daquilo que ninguém sabe.

Já brigamos, claro. Mas passou, como passa tudo de ruim que se interpõe entre nós. Nada enfraquece a confiança irrestrita que temos uma na outra. Cintia já viu meu melhor e meu pior. Já chorou comigo em shows internacionais nos quais a plateia me aclamou e em dores amorosas que, por um tempo, achei que jamais passariam. Foi sensata quando eu quase me deixei levar pela raiva. Gosto do seu jeito discreto, do sorriso suave, da maneira como jamais opina — a não ser quando insisto que quero saber o que pensa. Aí ela diz, e sempre é algo que me faz pensar, muitas vezes mudar de opinião, mesmo que na hora H eu conteste, me irrite, desafie. Tantos perrengues, tanto tempo juntas na estrada. Cintia reflete minhas verdades mesmo quando não quero (mas preciso) vê-las, antecipa perigos e, de alguma maneira, me protege deles. Do meu jeito, eu também cuido dela. Sou mais forte por tê-la comigo. Ela tem seus relacionamentos amorosos, eu tenho os meus, mas ela sempre me conhecerá melhor do que qualquer companheiro que eu venha a ter, e vice-versa. Gostaria, e me empenho para isso, que ela fosse feliz por estar comigo, compartilhando essa maravilhosa história de sucesso que o universo me deu, ou talvez fosse melhor dizer: nos deu. Um dia após o outro, sem máscaras, sem papéis; com ela sou a personagem eu mesma, doce ou melancólica, alegre ou chorona, decidida ou cheia de dúvidas. O que há entre nós? A vida.

9. Costumes: Roberto Carlos e a praia vista da janela

Eu acredito em destino. Acredito em eventos que já estavam definidos antes mesmo de nos materializarmos neste mundo. Acredito porque eles acontecem.

Em 2010, Roberto Carlos ainda estava comemorando cinquenta anos de carreira. Entre as celebrações haveria um grande show marcado para 17 de março no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, batizado de *Emoções Sertanejas*. O espetáculo daria origem a um CD e a um DVD. Fui a última a ser convidada, por indicação do produtor musical Sérgio Bittencourt e dos próprios artistas, entre eles Leonardo e Zezé di Camargo, quando o elenco — só estrelas da música sertaneja — já estava praticamente fechado: Rionegro e Solimões, Milionário e José Rico, Sérgio Reis, Roberta Miranda, Chitãozinho e Xororó, Almir Sater, meus amigos Victor e Leo, Dominguinhos. Era uma honra e uma oportunidade. Com o ginásio lotado, fui a sétima artista a se apresentar, depois de Bruno e Marrone e antes de Sérgio Reis. Eu adorava a música que me coube: "Caminhoneiro", de Roberto e Erasmo Carlos, que eu cantaria com Dominguinhos, o grande sanfoneiro que, para muitos, é o herdeiro de Luiz Gonzaga. Eu me apresentei com tranquilidade e cantei bem. Por um problema técnico, porém, Dominguinhos e eu fomos convocados a repetir a apresentação, e assim fizemos. Saí do palco feliz demais. Foi tão bonito que, pouco depois, em junho, fui convidada a cantar no

programa *Som Brasil*, da Globo, que homenagearia Dominguinhos.

Nos bastidores do ginásio onde gravávamos *Emoções Sertanejas*, Daniel Silveira, da Universal, me esperava.

"Paula, você não acredita no que aconteceu", falou. Devia ser coisa boa, porque a expressão dele era de excitação, como uma criança que tinha ganhado um presente inesperado. "Nunca vi isso!", completou. E nem me esperou perguntar o que havia acontecido. "Na hora em que você estava se apresentando, o camarim inteiro parou para assistir. Quando você e o Dominguinhos terminaram de cantar, todo mundo bateu palmas. Nas duas vezes — na primeira e no repeteco!"

Entendi o entusiasmo de Daniel. Nesse tipo de show que reúne muitos artistas, quando um colega está se apresentando os demais estão ocupados com outros assuntos e ninguém presta muita atenção. E aquele, em especial, era "o" backstage, com um elenco estelar. No entanto, todos pararam para me ouvir. Para Márcio Monteiro, foi ali, no *Emoções Sertanejas*, que aconteceu a mágica; que outros artistas conheceram e entenderam o valor do meu canto. E um artista em especial: o próprio homenageado.

Roberto Carlos entrou apenas no final apoteótico, cantando "Como é grande o meu amor por você" e "Eu quero apenas (Um milhão de amigos)", com todo o coro de artistas encerrando o show. Durante os ensaios, fomos apresentados muito brevemente, ele gentil como sempre, eu emocionada de conhecê-lo. Eu era muito fã de Roberto Carlos. Na minha vida de crooner, cantava algumas canções dele e do seu grande parceiro, Erasmo Carlos. Eu o achava um compositor inspirado, espetacular, dono de uma voz marcante, afinado, um cantor fora de série. Desde pequena e até hoje, sempre que estou diante de outro artista, mesmo que seja um grande nome internacional, me comporto com muita naturalidade, sem me deixar intimidar pela fama do outro. Nunca me deslumbro. "Ora, é tão artista quanto eu", penso. Se não for assim, é muito fácil se deixar levar pela emoção, pela timidez. Com Roberto,

porém, era outra história. Ele é o Rei. Eu estava tremendo e poderia ter sido muito tenso, mas Roberto foi educado e respeitoso. Quando me dei conta, estava à vontade ao lado dele.

Alguns meses depois Eduardo Lages, o maestro que acompanha Roberto Carlos, me convidou para cantar o hino do Corinthians na festa que celebraria o centenário do clube no Auditório Elis Regina, no Anhembi, em São Paulo. Minha apresentação se resumiria ao hino, mesmo porque, na sequência, haveria um show dele — o próprio, Roberto Carlos. O lugar estava todo decorado com troféus e distintivos do clube, e, quando entrei para cantar o hino, um telão mostrava gols do Timão e a alegria da torcida. Uma bandeira alvinegra cobriu a plateia, sobre um mar de mãos. Naquela noite, uma segunda-feira de setembro, fui escada para Roberto, que, todo simpático apesar de ser palmeirense, falou do amor da torcida corinthiana pelo time e cantou clássicos do seu repertório. Terminado o show, que assisti até o final, mandou me chamar. Fui ao camarim dele.

Delicadíssimo, Roberto me cumprimentou com dois beijos e um abraço e soltou o comentário que mudaria minha vida, minha carreira, tudo.

"Estou pensando em te convidar para o meu especial de fim de ano..."

Nem sei direito como consegui responder.

"Claro! Nossa! Será uma honra para mim. Quando você quiser."

Desde o sucesso de "Jeito de mato" na novela *Paraíso*, Daniel Silveira vinha insistindo com a gravadora sobre a necessidade de gravarmos um DVD. A música tinha estourado na novela, mas até então, para a maioria das pessoas, eu era apenas uma voz — poucos conheciam minha imagem. Na Universal, havia a resistência natural a oferecer essa oportunidade a uma artista que acabara de lançar seu primeiro trabalho, e que ainda estava provando a que viera. Minha participação no show *Emoções*

Sertanejas ajudou a reforçar os argumentos de Daniel. Com o convite para cantar com Roberto no fim do ano, ficou evidente para muita gente na gravadora que um DVD seria imprescindível para impulsionar minha carreira a partir daquele acontecimento que, de fato, viria a ser um divisor de águas. Partimos, então, para a gravação de *Paula Fernandes ao vivo*. Criamos um cenário simples, com uma árvore estilizada e um balanço, evocativo do romantismo das minhas músicas. No repertório, além das minhas composições havia "Costumes", a maravilhosa canção de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, e participações especiais de Victor e Leo, Marcus Viana e do cantor Leonardo. A plateia era formada majoritariamente por fãs de Chitãozinho e Xororó, recrutados por uma assessora de imprensa a quem Daniel tinha recorrido para lotar a casa onde o espetáculo seria gravado. Eu ainda não era conhecida o suficiente para lotar um espaço daquele porte na gravação de um DVD.

Com o DVD pronto, a gravadora fez 30 mil cópias para distribuir no início de 2011. Daniel queria mais, imaginando o impacto de uma aparição minha no especial de final de ano de Roberto.

"Bota 300 mil no mercado!", reivindicou.

Chamaram-no de louco.

"Gente, Roberto Carlos vai cantar com ela no fim do ano. Vai ser um negócio", avisava ele. Mais uma vez, foi voto vencido. O DVD ficou pronto e as 30 mil cópias estariam disponíveis para distribuição no começo de 2011.

Roberto Carlos ao vivo na praia de Copacabana foi planejado para ser um show memorável, fechando as festividades dos cinquenta anos de carreira do cantor. Havia cerca de 700 mil pessoas na praia na noite daquele Natal de 2010, muitas vestidas de branco, quase em clima de réveillon. Para que tudo saísse impecável, fizemos dois ensaios muito tranquilos, em um clima amistoso e de muito respeito profissional. Combinamos o que cantaríamos, separamos os trechos que cada um faria, ajustamos o tom. Falamos de música, e, quando

dois artistas se encontram, não existe ponte mais forte do que a música. Nós, músicos, nos comunicamos por meio das canções. Se tocamos juntos, já nos enturmamos. Não precisamos de palavras. No entanto, esses dois ensaios foram suficientes para desencadear os boatos de que Roberto e eu estaríamos tendo um caso — até um programa de televisão dominical de grande audiência me procurou para saber se era verdade que "estávamos juntos". Então, mais uma vez, e espero que seja a última: nunca houve nada entre mim e Roberto que não fosse estritamente profissional. Temos um pelo outro respeito e admiração.

No dia do show, eu estava muito tensa. Como nunca antes. Cheguei ao enorme palco montado na areia da praia acompanhada apenas de Cintia e do pessoal do escritório que vendia meus shows na época, Talismã. A princípio, escolhi um vestido vermelho, que foi vetado pela produção do show; ofereceram-me, então, várias opções. Sabendo da predileção de Roberto pelo azul, escolhi um vestido dessa cor, um tomara que caia com o corpete de brocado e saia curtíssima de babados. Nenhum problema com o comprimento da saia — afinal, como combinado com a produção do show, eu cantaria em pé. Outra pessoa tinha feito minha maquiagem e arrumado meu cabelão excepcionalmente. Na coxia, quando eu aquecia a voz para entrar no palco — Roberto já cantava e eu seria a primeira convidada da noite —, uma moça da produção se aproximou de mim:

"Paula, você se importa de cantar sentada?"

Gelei. O vestido era muito curto. A moça percebeu.

"Sabe o que é? O Roberto está com muita dor no ciático, está fazendo o show sentado, vai ficar muito estranho se você cantar em pé do lado dele."

"Tudo bem", falei. E pensei: "Ai, o vestido é curto. Muito curto". Mas não havia nada que eu pudesse fazer. Não daria tempo de trocar de roupa.

Então Roberto me chamou com as palavras mais elogiosas. Falou que eu tinha um estilo inconfundível, que meu canto era

maravilhoso e que eu era linda. “Paulinha Fernandes!”, anunciou. Entrei, cumprimentei-o, sentei-me ao lado dele e cruzei as pernas, tensa diante da ideia de mostrar o que não queria. Revistas, jornais e blogs me chamaram de Sharon Stone, a atriz que protagonizou a mais sensacional cruzada de pernas do cinema, no filme *Instinto selvagem*. Quando li essa comparação, no dia seguinte ao show, ri de nervoso. Naquela noite, naquele banquinho ao lado de Roberto Carlos, o que havia era apenas uma cantora concentrada em acertar as letras, em cantar lindamente e morrendo de medo de alguma coisa sair errado.

E, no entanto... Deu tudo certo.

Roberto me deixou muito à vontade. Era como se estivéssemos só os dois naquele palco, eu sentada em um banco alto, como ele, mandando sucessos da Jovem Guarda, de Roberto e Erasmo Carlos e outras canções consagradas na voz dele, em longos oito minutos transmitidos ao vivo pela emissora de maior audiência do país. Encerramos o pot-pourri de mãos dadas, cantando “Nossa canção”, de Luiz Ayrão, consagrada na voz de Roberto. Eu já era conhecida desde o lançamento de *Pássaro de fogo*, mas ainda podia descer do palco e, acompanhada por um assessor da Talismã, atravessar a avenida Atlântica em direção ao hotel onde estava hospedada sem ser abordada por fãs. Estava radiante e aliviada.

Eu não sabia que havia um *delay*, um pequeno atraso entre a gravação do show e a transmissão pela TV. Então, quando entrei na recepção do hotel, ainda com o vestido azul curtíssimo, vi a mim mesma cantando com Roberto na televisão do salão. Um monte de gente diante da tela me via cantar. Parei e fiquei olhando também. Quando acabou, alguém se virou e me viu, parada ali, ainda encantada com tudo o que havia acontecido naqueles últimos minutos.

“É você? Você que estava ali com o Roberto?”, gritou alguém.

“É ela!”, respondeu outra pessoa.

Fui cercada de gente. Tirei fotos, dei autógrafos em guardanapos improvisados.

Entre o palco e o hotel, tinha havido mais do que a travessia de uma avenida. Nada seria como antes.

De repente, eu era conhecida no Brasil inteiro. Estava em choque, mas feliz, recebendo telefonemas carinhosos de parentes, amigos, de gente que acompanhara minha carreira e via aquele show como o coroamento de um trabalho que começara muito tempo antes. Minha voz já era conhecida, minhas canções também, mas graças a RC minha imagem também se tornou pública. Ao mesmo tempo, tentava não me deslumbrar com tudo o que estava acontecendo e ignorar os boatos do nosso suposto "caso".

Pouco antes do show em Copacabana, minha banda e eu estávamos em Cruz das Almas, município do Recôncavo Baiano, fazendo uma série de shows por cidades próximas; a turnê se estenderia pelo mês de dezembro e começo do ano. Estávamos animados porque havia oito shows agendados na região para janeiro — um mês ingrato por causa das férias. O contratante era dono de um hotel na cidade e tinha deixado o estabelecimento praticamente por nossa conta. Acordávamos, tomávamos café, os meninos pegavam os violões, tocavam e cantavam. Às vezes havia outras bandas hospedadas por perto e rolavam saraus. Se fazia muito calor, os meninos iam à piscina de um clube local, conhecida pela cor verde militar da água e pela lenda de que havia gente que mergulhara nela e nunca voltara — tão pantanosa era a água. Ríamos de tudo. Estávamos leves e felizes.

Ainda em dezembro, antes de tudo acontecer, Serginho Saraiva, o sanfoneiro que vinha me acompanhando fazia algum tempo, entrou em um mercado da cidade e perguntou à atendente:

"Você vai ao show da Paula Fernandes?"

"Não vou, não conheço", respondeu a moça.

"Pois pode ir que o show é bom", ele recomendou, preocupado em trazer público para a apresentação.

No fim do mês, viajei de Cruz das Almas para o Rio e a banda se dispersou para o recesso de fim de ano. André Porto, guitarrista da banda, estava de férias na cidade dele, Teófilo Otoni, em Minas, quando um amigo o chamou. “Venha ver sua patroa na TV!”

Era eu cantando com Roberto. André pensou: “Isso vai ser grande”, mas guardou para si. Na prática, foi muito maior do que ele tinha pensado. Do que qualquer pessoa tinha pensado. Inclusive eu.

Do Rio, voltei para cumprir o restante da agenda na região de Cruz das Almas, mas, claro, no retorno tudo estava diferente. Os públicos se multiplicavam. Mais shows foram marcados, para plateias que chegavam a 40 mil pessoas.

Paula Fernandes ao vivo, lançado em CD e em DVD em janeiro de 2011, na sequência da onda de popularidade que se seguiu ao show, foi um estouro, como Daniel tinha previsto. As 30 mil cópias se esgotaram em uma semana. Na gravadora, o clima era de desespero: pelos trâmites normais, só conseguiriam colocar nas lojas uma nova tiragem no final de fevereiro. José Eboli entrou na história:

“Vocês vão ter que se virar. Avisados estavam”, intimou.

Algum jeito se deu.

Somados, os dois formatos venderam juntos 1 milhão de cópias em seis meses, um marco da indústria fonográfica naquele ano. Graças ao desempenho desses lançamentos, a gravadora passou a se referir a mim como “o fenômeno Paula Fernandes”; meu trabalho foi responsável pela boa curva de crescimento de todo o mercado fonográfico em 2011 (dois anos depois, em 2013, outro DVD ao vivo, gravado em parceria com o canal de TV fechada Multishow, venderia cerca de 300 mil exemplares em um único dia).

Se eu ainda tinha dúvidas de que tudo havia se transformado, elas desapareceram durante um passeio no shopping de importados Oiapoque, muito tradicional em Belo Horizonte. Eu usava boné, óculos escuros, cabelo preso, muito diferente do habitual, e não fui reconhecida. Porém, havia

fotos minhas em toda parte: banners, capa de CD, capa de DVD. Nas bancas de DVDs piratas, comecei a ver meu rosto em grandes pilhas. Outra vez, passando de carro por uma quebrada no interiorzão do Brasil, vi um palco pequenino, improvisado, e, nele, uma loura cantando:

"Sou pássaro de fogo..."

Quis parar, quase parei, devia ter parado para cantar com ela. Uma imagem que marcou minha vida. Rapidamente, tornou-se difícil andar pelas ruas como uma pessoa comum e, a certa altura, precisei que Cintia me ajudasse com pequenas coisas que, desde sempre, tinham sido atribuições minhas: comprar comida, mandar passar uma peça de roupa, abrir a porta do quarto do hotel para a camareira arrumar. Chegava ao hotel e havia centenas de pessoas à minha espera. Desembarcava em uma cidade qualquer, outra centena no aeroporto. Ficou ainda mais evidente que eu não sabia lidar com todos esses fãs que eu tanto tinha desejado. Nunca recebi um treinamento para falar com eles; não sabia como me dirigir às pessoas. Esse trem estourou, pensei.

Liguei para Célia.

10. *Over the rainbow*: 2011, o ano em que tudo aconteceu

Célia pôde me ajudar a manter o equilíbrio, mas não a lidar com questões que eram muito específicas da vida de artista e que nem eu mesma conhecia. Para elas, precisei da ajuda do escritório que vendia meus shows, e aí as engrenagens não fluíram com a suavidade que eu imaginei.

Para começar, eu era a única mulher contratada como artista pelo escritório — e uma das poucas em todos os demais escritórios de gerenciamento artístico do país. E, sempre é bom lembrar, não estou falando de situações do século passado, mas de coisas que aconteceram em 2010-1. Era um mundo controlado por homens que atendia aos interesses de artistas... homens. Quando cheguei a esse cenário com pedidos que me pareciam simples, quase elementares, comecei a ganhar fama de enjoada. Por exemplo, eu pedia um palco liso, sem buracos nas tábuas; usava salto alto e não queria pagar o mico de cair durante o show porque o sapato ficara enganchado em algum vão. Não era uma solicitação difícil de atender: na maioria das vezes bastava, na hora de montar o palco, usar na frente dele as tábuas que habitualmente ficam no fundo; estas, por serem menos requisitadas, costumavam estar em melhor estado. Pronto: todos caíam criticando a exigência da artista mulher chata.

Eu não fazia esses pedidos pessoalmente — havia um produtor para isso, designado pelo escritório. Talvez tenha faltado a ele um pouco de tato, de jeito para explicar ao

contratante quais eram minhas necessidades, digamos, diferenciadas, de artista mulher. Dependendo do espaço onde eu cantaria, costumava pedir um banheiro químico no camarim. "Para que isso?", perguntavam os contratantes. "Nunca vi isso. Se homem não precisa, por que ela precisa?" Ora, eu, como artista mulher, precisava de alguma privacidade para me arrumar para os shows, ao contrário dos cantores e duplas masculinas. O fato é que, culturalmente, o sistema todo funcionava para homens e, nele, eu parecia quase extravagante. Mesmo depois da apresentação ao lado de Roberto Carlos, que elevou meus cachês acima do da maioria dos artistas do sexo masculino, continuei recebendo um tratamento de segunda linha, que reforçava a fama de antipática e exigente. A certa altura, por exemplo, circulou um boato de que eu só tomava banho com água mineral. Descobrimos isso quando, chegando a um quarto de hotel de uma cidade do interior, encontramos no banheiro um galão cheio. Cintia, minha prima e assistente, desceu à recepção e perguntou ao funcionário o que significava aquilo.

"É para o banho da Paula Fernandes. Ela só toma banho com água mineral."

Cintia explicou que era um boato sem cabimento e devolvemos o galão. Aconteceu mais de uma vez.

Eu não tinha a menor ideia de como esses rumores surgiam. Na verdade, no começo, nem sequer sabia que estava ganhando fama de difícil. Essa consciência veio aos poucos, a partir de comentários em redes sociais e até mesmo de contratantes, que diziam para quem quisesse ouvir que eu era "chatinha". O fato é que, entre mim e o fã, de repente interpuseram-se dez, quinze pessoas. O acesso a mim, tão fácil nos shows de toda a minha carreira — àquela altura eu já tinha quase vinte anos de estrada —, havia ficado praticamente impossível. A impressão que eu tinha é de que as pessoas ao meu redor tentavam me blindar, mas não entendia de que nem por quê. Ao mesmo tempo, considerava que, estando eu nas mãos de uma empresa

com grande experiência no mundo artístico, se agiam assim era porque assim deveria ser.

Como é que meu amigo Victor Chaves tinha dito, mesmo? "Paulinha, se prepare, porque não é fácil, não."

Não era mesmo, e em nenhum momento essa realidade ficou tão clara quanto em 2011. Eu deveria estar aproveitando ao máximo a fama maravilhosa e inesperada que tinha conquistado depois do show ao vivo em Copacabana, e certamente havia muita coisa boa. Em Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, nos apresentamos para uma plateia aproximada de 160 mil pessoas, talvez a mais espetacular de todas as minhas apresentações ao vivo. Por outro lado, eu praticamente não tinha domínio sobre minha vida profissional. Pessoas que se diziam meus representantes faziam exigências em meu nome e eu não ficava sabendo. As viagens eram extenuantes. Houve uma ocasião em que fiz um bate e volta, com shows em São Paulo, Rondônia na sequência e depois novamente São Paulo. Não era possível. Eu pensava: o cara que marca os shows não conhece o mapa do Brasil, só pode ser isso. Ou então era um sádico. Mas a verdade é que, fazendo mais de duas centenas de apresentações por ano, nem sempre dava para montar uma logística razoável. No dia 14 de outubro de 2011, me lembro de ter chegado à cidade mineira de Araxá às seis e meia da manhã; fiz check-in no hotel, subi até meu quarto e ouvia passarinhos cantando enquanto, diante do espelho, retirava a maquiagem do show da noite anterior. Em seguida, exausta, caí na cama e dormi como uma pedra até 18h30, quando Cintia me acordou, delicada, mas firmemente, porque dali a pouco começaria o show e já era hora de me maquiar de novo. Esse dia ficou marcado na minha memória porque tive uma crise de choro espetacular. Aquilo não era vida, desabei, chorando no ombro da jaqueta de Márcio Monteiro. Então, limpei as lágrimas, me arrumei e no horário combinado subi ao palco.

Às vezes, o problema se resumia a falta de comunicação. A "mancada" mais famosa foi uma apresentação em Primavera do

Leste, uma pequena e tranquila cidade do Mato Grosso aonde cheguei, como de costume, exausta depois de horas viajando e já pertinho da hora do show. Eu não sabia — nem minha produção —, mas um coral de setenta crianças da cidade esperava no saguão do hotel para uma homenagem surpresa. Esqueceram de combinar com o pessoal que me assessorava — e eis que fui descansar. Logo vieram bater à minha porta: "Paula, você não vai receber as criancinhas que vieram te homenagear?", perguntou alguém da cidade. Assim que soube da história, lavei o rosto, me maquiei e desci. Os pequenos — depois de três horas de espera — cantaram "Pra você" do jeito mais fofo. Aplaudi, abracei, agradeci, tirei foto com o filho do prefeito, mas nada disso impediu que, no dia seguinte, houvesse manchetes de sites, jornais e revistas que diziam assim: "Paula Fernandes dá chá de cadeira em coral de crianças e recebe puxão de orelha de prefeitura do Mato Grosso". A prefeitura, aliás, soltou uma nota de repúdio ao meu comportamento me acusando de destratar os fãs.

Eu não sabia de nada.

O escritório que representava meus interesses chegou a responder com outra nota explicando que o encontro não tinha sido combinado e que, mesmo assim, eu atendi às criancinhas tão logo soube do incidente. Mas o estrago já estava feito. Mais um tijolinho na construção da minha fama de antipática.

Em 2011, com a imunidade baixa por conta de tantas viagens e shows, tive três crises de infecção urinária. Começava a melhorar, voltava para a estrada, nunca 100% recuperada. A terceira se manifestou em Palmas, no Tocantins, e a dor era tão pavorosa que resolvi procurar um posto médico administrado por uma grande empresa de planos de saúde. Como era muito conhecida por lá e tinha show marcado para aquela noite, vesti uma calça jeans bem simples, amarrei o cabelo, pus boné e óculos, rasteirinha no pé. Na recepção, um mar de cadeirinhas de plástico, um monte de gente e uma dor que me fazia dobrar

o corpo e pedir: “Deus, me leva, que eu tô pronta”. Depois de mais de hora de espera, o atendente anuncia:

“Paciente Paula Fernandes, guichê 3.”

De repente tudo ficou em silêncio. Levantei e todo mundo olhou para mim. Cintia e o produtor que me acompanhava tentaram me preservar e até certa altura foi tudo bem. O médico pediu um exame de urina e, meio constrangida, entrei no banheiro para colher. Na saída, com o potinho na mão, uma enfermeira sorridente me aborda:

“Tira uma foto comigo?”

Entreguei o potinho para a Cintia e tirei. Mas não bastava. Ela tirou o celular do bolso e pediu:

“Por favor, fala com meu filho? Ele não está acreditando que é você mesma aqui no posto.”

Pedi desculpas, aleguei muita dor e não falei com o filho. Ela não gostou, mas foi embora.

“Tira uma foto comigo” era uma das questões mais frequentes. Mas havia gente que tentava beijar meus pés. Que entrava tão bêbada no camarim na hora do atendimento aos fãs que quase me derrubava. Uma vez, cochilando nas cadeiras do aeroporto enquanto esperava meu voo, uma fã me despertou:

“Tira uma foto comigo?”

Sentei, respirei fundo e tentei sorrir. “Pronto”, falei.

“Mas você não vai se arrumar?”, perguntou a fã, olhando com irritação para meu coque meio despenteado, minha cara de sono. Nessa hora, alguém pediu à moça que nos desse licença. Eu estava muito cansada, não era um bom momento, explicaram a ela, que partiu, balançando a cabeça, inconformada.

Além das infecções, naquele ano, pela primeira vez desde a infância, tive terçol, uma inflamação na pálpebra que causa uma dor latejante e que, lá em Minas, chamamos de “bonitinho” — provavelmente por causa do estresse. Fiz de conta que o bonitinho não estava ali e passei sobre ele o lápis preto, tentativa sem sucesso de esconder o problema. De tantos shows seguidos, tive alergias nos dedos e na região dos olhos,

consequência da combinação perversa entre excesso de maquiagem e imunidade prejudicada.

Porém, o episódio mais grave dessa sequência de contratempos aconteceu depois de um show em Presidente Prudente, cidade do interior paulista. Cheguei em cima da hora para a apresentação, vindo de São Paulo, onde tinha participado da gravação do DVD que festejava os vinte anos de sucesso de Zezé di Camargo e Luciano. Gentil e sabendo do meu compromisso em outra cidade, Zezé cantou comigo logo no início do show. Saí direto da casa de espetáculos para o jatinho que, voando (assustadoramente) baixo, me deixou em Prudente quarenta minutos depois.

Foi um showzaço, daqueles que eu não esqueceria — mesmo que não tivesse acontecido o que veio depois. No recinto de exposições onde me apresentaria havia cerca de 15 mil pessoas, muitas com placas com as palavras: "Paula, eu te amo", a coisa mais linda do mundo, de derreter o coração de qualquer artista. Na hora em que eu estava saindo do palco, uma equipe de TV me interceptou. Já eram quase três da manhã e eu estava feliz, porém exausta; a entrevista não tinha sido combinada, então tentei escapar. Na maioria das vezes, fazemos os atendimentos, tanto aos fãs quanto à imprensa, antes dos shows. Aquela emissora, porém, reivindicava um atendimento pós-show. "Acho melhor você nos atender, Paula", disse o repórter — ou terá sido o produtor da TV? Não tenho certeza. O que percebi, porém, era um tom de ameaça, como se pudessem fazer uma crítica ruim do show esplêndido e emocionante que eu tinha acabado de apresentar. Cedi e entrei no camarim improvisado, uma espécie de tenda montada sobre suportes de ferro, para aguardar a emissora. Nesse momento bateu um vento forte e a armação dançou perigosamente. Quando levantei a cabeça para olhar, uma das barras de ferro, de mais ou menos meio metro, se soltou e caiu na diagonal, quase como um taco de baseball, acertando o lado direito do meu rosto e machucando nariz e gengiva. Abaixei, ainda consciente, sentindo o sangue escorrer, quente e abundante.

Quebrei o nariz, pensei, em meio a uma dor medonha. Então tudo ficou preto. Desmaiei.

Mais tarde, soube que os seguranças demoraram a entender o que estava acontecendo. Minha equipe e os organizadores se dividiram, indecisos entre me levar para o hospital local ou para o hotel. Despertei e pedi que me levassem ao hotel. A produção do show, então, mandou três enfermeiras para me atender. A partir de então, as cenas se embaralham. Lembro-me de estar diante do espelho, lavando o rosto na tentativa de tirar a maquiagem e limpar o sangue coagulado, o olho ficando roxo, o rosto inchado, a mão tremendo tanto que eu mal conseguia me limpar. Sensação de pânico. Porém, como eu estava consciente, uma das enfermeiras, que parecia ser a líder, ensaiou me dar alta.

Eu ainda tinha cinco shows naquela semana, mas não queria alta; queria uma tomografia. Havia perdido momentaneamente a visão e os dentes doíam tanto que só podia ter alguma coisa quebrada ali, pensei. Nilmar estava comigo e foi categórico: eu tinha que ir para o hospital. E lá fomos nós.

A próxima cena de que me lembro é esta: eu deitada na maca, com uma dor forte, e cerca de oito pessoas ao meu redor.

"Doutor, precisa desse tanto de gente aqui?", perguntei para o homem que parecia dar ordens aos demais. Ele mandou quatro saírem — esses ficaram do lado de fora, olhando pela janelinha de vidro. Foi ali, numa posição com boa visibilidade do que estava acontecendo dentro da sala, que Nilmar flagrou uma médica filmando meu exame com uma pequena câmera. Tomou a câmera das mãos da mulher e interpelou-a:

"Cadê seu profissionalismo?"

"É que eu sou muito fã dela", respondeu a médica, sem graça.

Nilmar apagou as imagens e devolveu a câmera.

O médico veio falar comigo. Felizmente meu batalhão de anjos da guarda esteve atento naquela noite: não quebrei nada.

“Paula, graças a Deus está tudo bem, mas você precisa ficar em observação por uns dias.” Impossível, protestei. Ele negociou: “Então, pelo menos até as onze horas de amanhã”.

Fui levada para um quarto, a dor começando a melhorar por ação dos medicamentos. Então uma enfermeira entrou com a notícia de que havia uma multidão diante do hospital. Queriam fazer fotos comigo. Lembro-me de ter saído meio foragida do hospital, em um carro de polícia. Passei a noite no hotel. Na manhã seguinte, o mesmo médico foi lá me examinar e liberar.

Todos os shows daquela semana foram mantidos. “Ela não precisou nem de curativo, está ótima”, declarou uma assessora à época.

Esse esquema só melhorou quando, ao término do contrato com a Talismã, decidi não renovar e criei a Jeito de Mato. Não que tudo tenha se resolvido: minha agência de talentos só tinha uma artista — eu mesma — e pouco poder de negociação no duríssimo mercado de shows e eventos. Porém, já significou um grande avanço na minha relação com meus fãs, meus contratantes e, principalmente, com minha carreira. Ganhei mais influência sobre datas e locais de shows, sem ter que cruzar o país várias vezes por semana. A consequência natural é que estava mais leve e descansada no corpo a corpo com os fãs e tinha mais tempo para me recompor.

E, no entanto, mesmo com tantos perrengues... Era ali, exatamente naquela vida, naquele tempo, naquele estresse que todos nós — artista e banda — queríamos estar. Cantar e tocar praticamente todo dia é muito bom. Tínhamos nos preparado muito para chegar àquele ponto, àquele momento. Mesmo que o Brasil fosse um país continental. Havia algo de heroico e bonito nas jornadas pelas estradas esburacadas do Brasil, nas vozes que cantavam comigo as canções que eu escrevera e Márcio arranjara. Então aquilo era o sucesso? Eu estava dentro.

Tivemos — e ainda hoje vivemos — grandes aventuras, eu e a banda que formei para me acompanhar pelo país e, mais tarde, fora dele também. Minhas histórias *on the road* renderiam, só elas, um livro grosso. Cada artista brasileiro que

viaja fazendo shows tem a própria coleção de histórias pitorescas, mas a minha não perde para a de ninguém. Shows em arraiais no meio do mato, aviões precários (certa vez, o piloto de um bimotor perguntou ao contratante, na nossa frente: "Você quer mesmo que essa cantora chegue viva para fazer o show?"), banhos ao ar livre com água gelada, tiroteios, boicotes; teve de tudo. Nem sempre me lembro das cidades onde os "causos" aconteceram — afinal, eram centenas de lugares por ano, em estadias que, por vezes, se resumiam às poucas horas de duração dos shows. Mas as histórias são espetaculares e delas é impossível esquecer.

Houve a vez em que o contratante vendeu os ingressos e, com eles, a promessa de "um dia com Paula Fernandes" — e isso já depois que eu havia feito o show com Roberto Carlos, ou seja, meu "passe" estava em alta. A estratégia era simples: quem comprava os ingressos para a apresentação, que seria à noite, tinha livre acesso ao hotel onde eu me hospedaria com a banda, na verdade uma pousada simples com chalés espalhados pelo terreno. Eu, evidentemente, não sabia de nada. Cheguei ao hotel exausta, louca pelas poucas horas que poderia dormir até a hora do show e torcendo para que me dessem um chalé no fundo da propriedade, bem longe do burburinho. Mas me deram o chalé ao lado da piscina. Para chegar até lá, passei por uma multidão com celulares e câmeras me olhando fixamente, meio calados. Achei estranho, sorri e entrei no chalé. Estava começando a pegar no sono quando começaram a bater na porta:

"Paula, não vai tirar foto com a gente, não?"

Meu segurança — eu tinha um na época, que viajava sempre conosco — pôs o povo para correr explicando que eu precisava descansar para o show. Mas houve gente que ficou tão ofendida que nem sequer apareceu para me ver cantar à noite.

E eu não sabia de nada. Só no dia seguinte me contaram da tramoia.

Em Macaúbas, na Bahia, gravamos, sem querer, um DVD ao vivo. E descobrimos isso da maneira mais curiosa. Serginho

Saraiva, o sanfoneiro, combinou de entrar em um tom em certa música — "Eu só quero um xodó", o clássico de Dominguinhos e Anastácia —, mas na hora H acabou rolando outro tom. Experiente, ele precisou de apenas alguns segundos para retomar o combinado. Em geral, quando isso acontece, o público nunca percebe, mas os músicos sim. Alguns dias depois desse show, a caminho de outra cidade, a banda parou em um posto de gasolina para lanchar — e eis que Serginho ouve a si mesmo no tom errado. "Ué, de onde vem essa gravação?", ele perguntou ao grupo. Vinha do DVD *Paula Fernandes ao vivo em Macaúbas*, piratíssimo, com capinha e tudo, já à venda no posto. "Os caminhoneiros estão comprando um monte", explicou o dono do estabelecimento, sem imaginar que falava com os músicos que tinham tocado naquele show. Isso aconteceu um tanto de vezes; ao chegar para a apresentação, já encontrávamos um emaranhado de cabos sob o palco, tudo preparado para gravar clandestinamente o espetáculo. Mas estávamos em 2011; tudo era novidade para nós, a banda e eu, até essas pequenas malandragens. Sentíamos que aquele era o gosto do sucesso.

Em outra cidade, anunciaram que eu, além de me apresentar, gravaria uma participação no DVD de uma banda local bastante popular. Só descobri isso quando, ao ligar o rádio, ouvi o anúncio: "Hoje tem a gravação do DVD Fulana e seus amigos, com participação especial de Paula Fernandes!". Oi? Eu me recusei a participar, e as represálias vieram na hora do show: equipamentos elétricos que pifavam misteriosamente, luzes que se apagavam, som ruim, boicote geral. Fizemos o show na raça, um pouco irritados, mas no fundo achando graça da situação inusitada.

A reação da banda — e minha também — dependia de quão cansados estivéssemos. Houve momentos belíssimos para todos nós. No começo das turnês, antes de cada apresentação dávamos as mãos e fazíamos juntos uma prece, agradecendo pelo que tínhamos conquistado juntos e pedindo a Deus que a noite fosse boa, alegre, sem incidentes. Éramos — somos —

um time entrando em campo unidos, com muita sede de fazer as coisas darem certo; estar ali era o sonho de todo mundo. Do meio da turnê em diante, porém, nem sempre mantínhamos esse clima bom. A começar por mim mesma. Como estar de bom humor quando deito na cama para as horinhas básicas de descanso antes de um show — uma hora e meia ou duas, depois de uma noite virada, viajando de uma cidade a outra — e, ao ligar o ar-condicionado do quarto, despenca uma perereca, que cai onde? Na minha testa. Hoje dou risada, mas na hora soltei um grito de terror que fez todo mundo correr para meu quarto para ver o que se passava. Depois dessa, fui dormir no ônibus, mas a prova de que não tinha sido um pesadelo veio na hora do banho: havia tantas pererecas no box que não era possível entrar. Outra vez, um contratante reservou o único hotel local para Paula Fernandes e sua banda. Ocorre que não havia quartos para todos, de modo que o empresário que nos levara até ali ofereceu a própria casa para Cintia e para mim. O quarto era bom e limpo, mas nunca vi tantas muriçocas como naquela ocasião. Entrei no palco toda picada, louca de vontade de coçar as pequenas feridas nos braços e pernas. Com o tempo, descobri um jeito de dormir com segurança em todo lugar: comprei um colchãozinho de plástico que eu podia inflar em qualquer canto. Como o sono e o cansaço eram os maiores problemas, a vida melhorou muito depois da aquisição do colchão de ar.

Meus músicos nunca esquecem a cidade onde, por falta de acomodações, o contratante pôs a banda para dormir num hospital desativado onde, às vezes, pernoitavam os poucos viajantes que passavam pela localidade. Eu não fui lá ver, mas os “meninos” juram que havia alma penada. Dormiram todos de porta aberta, um olho aberto, outro fechado, e houve quem preferisse passar a noite em claro, do lado de fora do “hotel” improvisado.

Apesar dos pesares, nos divertíamos muito. Meu guitarrista, André Porto, tinha um velho violão que levava nas nossas viagens para estudar nas horas de folga. Chamava-se Fubango e

era conhecido de todos. André tinha gravado no tampo do violão o nome dos músicos da banda, o que fazia dele quase um instrumento coletivo. No entanto, com o tempo, Fubango foi se deteriorando e virou um brinquedo. André jogava-o na água e fotografava Fubango boiando, "se refrescando nos dias de calor". Clicava Fubango dando um passeio na esteira dos aeroportos. Fubango sobre as rochas da praia deserta próxima à cidade onde tínhamos nos apresentado. Era um personagem das nossas viagens. Havia ocasiões em que estávamos leves, felizes depois de um dia inesperado de folga em algum lugar bacana, no meio do nada, podendo aproveitar uma tarde de sol, uma piscina de água cristalina ou um passeio numa cidade fria onde os moradores eram loiros de olhos claros — prováveis descendentes de europeus. Houve outros em que, de tão cansados e irritados, não olhávamos um para a cara do outro. Até a hora de entrar no palco. Aí sim: com nossos instrumentos, o mar de gente diante de nós, resgatávamos o que éramos (somos) e o que estávamos fazendo ali, e nos tornávamos família novamente.

Nas nossas jornadas pelo Brasil, comida era um capítulo à parte. Na maioria dos contratos que fechávamos, quem nos pagava era obrigado a fornecer uma refeição antes do show. Isso nem sempre era cumprido (e às vezes era melhor que não fosse mesmo, penso agora, ao relembrar um estranho peixe boiando em uma água vermelha que nos foi servido em algum lugar no Centro-Oeste; não tivemos coragem de provar). Até hoje rimos quando nos lembramos da estranha pizza de uma cidadezinha à qual chegamos no meio de uma tarde de 2011, sob um sol abrasador, depois de uma viagem de 22 horas de ônibus. O lugar estava sem energia elétrica, então, se quiséssemos um banho, teria que ser frio, informou o contratante. Tudo bem, pensamos — exaustos e suados. Na tentativa de me agradar, e sabendo da minha paixão por cavalos, o empresário local que comprara nosso show havia providenciado um animal para que eu pudesse montar e me distrair — o que aceitei toda feliz. Na volta da cavalgada,

descobri que o "hotel" ficava ao lado de um posto de gasolina. As janelas, gradeadas, tinham que ficar fechadas para me proteger da curiosidade dos frentistas. No quarto, três camas de campanha com lençóis claramente usados, toalhas sujas e chão sem ser varrido sabe-se lá havia quanto tempo. Depois do banho frio, o motorista da van que nos acompanhava pela cidade nos levou a um boteco onde se jogava sinuca e era possível pedir uma pizza que veio com ingredientes não identificados. Famintos, comemos.

Viajávamos bastante pelo Nordeste — viajamos, ainda hoje; lá, desde sempre encontramos muito calor (estávamos acostumados), muito tempero (adorávamos) e eventualmente sofríamos com diarreia (alerta vermelho). Lembro-me de estar me apresentando e de repente parar de ouvir a bateria. Olhava para trás, disfarçadamente, e via o instrumento abandonado: o baterista tinha corrido ao banheiro. Cada hora era um músico que desaparecia e um acorde que faltava na canção... A verdade é que o Brasil é uma terra de oportunidades, mas nem por isso podíamos fazer exigências 100% das vezes ou escolher sempre quais shows faríamos e quais não. Em todos víamos a possibilidade de levar nossa música a novos públicos e conquistar outros fãs.

No final de 2011, a banda estava no auge do estresse. Os músicos mal conversavam entre eles ao entrar na van. Houve pedidos para trocar de companheiro de quarto — em um dos casos, André, meu guitarrista, passou a compartilhar acomodações com o pessoal da técnica, que ia mais cedo para o palco e, com isso, permitia ao músico algumas horas extras de privacidade. Pequenos arranjos como esse ajudaram enormemente a melhorar o clima. No final do ano, tiramos férias. Voltamos em 2012 mais maduros, mais conscientes de que o sucesso tinha mesmo chegado — e que teríamos que encontrar uma maneira de fazer aquele esquema funcionar melhor.

Fazendo um balanço, aquele 2011, o ano pós-show com RC, foi estranho e maravilhoso. Gravei meu primeiro dueto

internacional, com o cantor americano Michael Bolton, que preparava um disco de duetos, *Gems*, e, mesmo ligado a outra gravadora, contatou a Universal porque queria gravar comigo. Registramos juntos "Over the Rainbow", ele com seu vozeirão meio operístico, eu cantando como... Paula Fernandes, do meu jeito. Em agosto, fiz minha primeira aparição no *Domingão do Faustão*, um programa onde eu sempre imaginei estar. E também fiz meu primeiro grande show em Sete Lagoas, minha terra natal, para um público estimado de 50 mil pessoas, com direito a um episódio inexplicável e, por que não dizer, com um pé no sobrenatural. Um artista famoso faria — fez — a abertura e, embora eu não soubesse, a direção da Universal estava presente em peso para me entregar uma placa atestando que eu tinha vendido 1 milhão de cópias do DVD *Paula Fernandes ao vivo*. Quando entrei no camarim, emocionada por tocar na minha cidade, liguei para Marcus Viana, a quem havia convidado para subir ao palco comigo. Ele não viria mais; estivera a caminho, mas a viagem dele de Belo Horizonte a Sete Lagoas tinha sido interrompida por um telefonema dramático do mentalista e sensitivo Ivan Trilha, que eu mesma, por armações de Marcus, já encontrara umas duas ou três vezes. Marquinhos me disse:

"Paula, o Ivan me ligou e disse: 'Precisamos fazer alguma coisa porque hoje tem uma tragédia guardada para a Paula'. Eu fiz tudo o que ele mandou."

Não tinha sido pouca coisa. Para evitar a tal tragédia de que eu seria vítima, Marcus e Ivan precisaram acender sete velas em um cemitério — podia ser qualquer um, mas teria que ser um cemitério. Quando o "cenário" estivesse preparado, Ivan faria suas rezas de livramento, e assim seria possível impedir o pior. Como era quase meia-noite quando Ivan ligou para Marcus, praticamente não havia nenhuma loja aberta para comprar velas. O melhor que conseguiram foi uma padaria, onde compraram sete velas — de aniversário, as únicas que havia. Estacionaram no cemitério mais próximo e Marcus, desajeitadamente, tentou acender as velinhas, lutando para

mantê-las acesas apesar do vento forte e frio que soprava. Tento imaginar a cena: Marquinhos, desesperado lutando contra o vento, enquanto Ivan repetia sem parar: “Rápido, Marcus, rápido, Paulinha está em perigo”. E rezava, palavras desconhecidas, misteriosas. Quando as sete velas estavam finalmente acesas e Marcus, aliviado, endireitou o corpo, ele jura que houve uma pequena explosão, como se as velas fossem de pólvora. Ivan disse:

“Conseguimos. Paulinha está salva.”

Marquinhos não sabia, mas a tragédia, de fato, poderia ter acontecido. Antes de eu subir ao palco, o tal artista famoso que abriu o show — naquela fase, menos requisitado do que eu — tinha ido ao meu camarim para cumprimentos e fotos. Estava bastante alterado, falando alto e soltando imprecações contra a gravadora. Eu não entendia muito bem aquele acesso de fúria; afinal, eu não sabia que os executivos da Universal estavam presentes. Acho que ficou enciumado. Na hora em que ele estava saindo do camarim, estranhou-se com meu segurança e deu-lhe um soco. O segurança, agindo com profissionalismo, não revidou, mas, quanto mais calmo ele tentava se manter, mais o artista se irritava. O delegado da cidade estava ali perto e veio ver o que estava acontecendo; também recebeu um tapa do artista alterado. Uma mulher se aproximou e apanhou também. O artista agressor foi preso, mas pagou fiança e foi libertado. Não houve tiros, mas podia ter havido. Nunca soube se estava armado, porém confio na intuição poderosa de Marquinhos.

E o ano terminou de um jeito que eu jamais teria sonhado: com um convite para gravar com uma estrela internacional.

11. *You're still the one*: Taylor, Shania e eu

Como eu, Taylor Swift começou a carreira menina, cantando para quem quisesse ouvir — em uma entrevista à apresentadora Eliana, durante sua passagem pelo Brasil em setembro de 2012, ela declarou que abordava as pessoas na praia onde passava as férias da sua infância, em Nova Jersey, nos Estados Unidos, para cantar as músicas do filme *Rei Leão*, grande sucesso da Disney. Como eu, ela tem raízes no gênero country e é fã daquela que, para nós, era a rainha do country americano, Shania Twain. Taylor estava estourada lá fora desde que seu primeiro álbum, homônimo, tinha vendido 5 milhões de cópias nos Estados Unidos, sendo superado em vendagens por todos os que vieram depois. Em 2010, com 22 anos, levara para casa nada menos do que quatro estatuetas do Grammy, o prêmio máximo da música em língua inglesa, como melhor canção country e melhor intérprete (com "White Horse" — cavalos, aliás, são outra paixão em comum) e álbum do ano e melhor álbum country (*Fearless*). Apesar de todo esse sucesso, Taylor era menos conhecida no Brasil do que no resto do mundo, e estrategicamente planejava marcar presença aqui. Foi nesse cenário que, um dia, recebi um convite, por meio da Universal Music, para gravar com ela a canção "Long Live".

Criar versões em português para canções de outros artistas nunca foi minha praia, mas, evidentemente, não havia como recusar um convite tão interessante. Ouvi a canção de Taylor um número incontável de vezes, traduzi e decidi que, em vez de verter, eu comporia uma letra em português que fizesse

sentido em meio aos versos escritos por Taylor. Ela aprovou e gravei minha parte no Brasil, que se fundiu a imagens de um show dela nos Estados Unidos. O clipe rapidamente estourou. "Sua versão ficou maravilhosa, amei", disse em um comunicado divulgado por meio da sua assessoria. Minha letra para a música era assim:

Lembrei desse sentimento
Gritando dentro de nós
Éramos todos meninos
E em cada um vivia uma paixão
Como na cena de um filme
Vencemos pesadelos
Enfrentando os dragões
Criados por nossos medos
Fruto da imaginação
De frente a uma nova era
Na onda de uma canção
Nós construímos história
Mente, alma e coração.

O clipe, lançado em janeiro de 2012, acumulava 15 milhões de visualizações enquanto eu trabalhava nessas memórias. A parceria foi muito boa para nós duas; artisticamente, foi importante porque apresentou ao meu público uma cantora que ele talvez não conhecesse de outra maneira, e o mesmo valeu para os fãs de Taylor, que dificilmente ouviriam falar de mim caso não tivéssemos gravado juntas. Do ponto de vista pessoal, as conversas com artistas de outras nacionalidades sempre enriquecem. É alentador ouvir as histórias de pessoas que habitam esse mesmo universo paralelo da arte, com seus dramas e glórias. É difícil até descrever: a música é uma língua só, que permite aproximações entre nacionalidades diferentes. Como nunca aprendi inglês formalmente, nem sempre entendia o que Taylor me dizia, mas captava o sentimento dela ao cantar. É a coisa mais linda, isso.

Em setembro de 2012, Taylor veio ao Brasil divulgar o trabalho que estava lançando na época, seu álbum *Red*. Fez um pocket show no Citibank Hall, casa noturna no Rio de Janeiro, e me convidou para encerrar a apresentação cantando com ela "Long Live". Foi a primeira vez que nos encontramos pessoalmente, e foi belo e intenso. Eu me lembro de que, encerrado o show, saímos para jantar juntas e, sem combinar, pedimos o mesmo prato — ravióli — com recheios diferentes. Simpática e sem-cerimônia, Taylor pediu para provar o meu. Experimentei o dela, demos boas risadas e quem sabe o que futuro nos reserva?

A parceria com Taylor foi a primeira de várias. No mesmo ano, em um pequeno teatro em Miami, gravei com o cantor colombiano Juanes uma canção feita por nós e produzida pelo dominicano Juan Luis Guerra, "Hoy me voy" (tempos depois, quando veio ao Brasil, fizemos juntos o programa *Altas Horas*, de Serginho Groisman, e a certa altura Juanes leu uma frase que tinha escrito na palma da mão, uma colinha: "Estoy enamorado de tí"). Essa viagem foi especial por mais dois motivos: primeiro porque, lá, fomos ciceroneados por Jesus Lopes, CEO da Universal para a América Latina e península Ibérica, gentilíssimo; segundo porque, encerrada a gravação com Juanes, fomos todos para a Disney, na primeira viagem de férias em família com dinheiro no bolso. Em apenas três dias — o tempo livre que tínhamos — conseguimos ir a todas as montanhas-russas de todos os parques de Orlando. Fizemos compras e fechamos os dias com chave de ouro jantando sempre no mesmo restaurante de comida brasileira que descobrimos lá, e onde comíamos... arroz e feijão. Voltamos para o Brasil exaustos e felizes.

* * *

Em 2014, lancei um disco que fez enorme sucesso só com parcerias com outros artistas: *Encontros pelo caminho*, em CD e DVD, vendeu 800 mil cópias. Um dos momentos mais gloriosos

desse trabalho foi um dueto com Frank Sinatra, cantor magnífico falecido em 1998, em "Brazil", registrado para as celebrações da Copa do Mundo. A parceria foi costurada por Daniel Silveira, que ficou impressionado e emocionado com o aparato de segurança que acompanhou o envio da voz de Sinatra para a gravação. O disco trouxe também músicas minhas com o astro português Mickael Carreira ("Eu sem você") e com o cantor country americano Tim McGraw ("Highway Don't Care"). Ficou de fora de *Encontros*, infelizmente, o lindo dueto que fiz naquele ano com o cantor de ópera Plácido Domingo, que veio ao Brasil em junho para assistir aos jogos da Copa. Na HSBC Arena, no Rio, lotada, cantamos juntos "Garota de Ipanema", numa daquelas noites inesquecíveis em que o coração de qualquer artista bate mais acelerado. Tampouco entraram — uma pena — as canções que interpretei com o cantor espanhol Julio Iglesias em um show dele no Citibank Hall, casa noturna no Rio de Janeiro, em setembro daquele mesmo ano: "Crazy", um sucesso do repertório de Julio, e "Mas eu nunca te esqueci", versão em português de um clássico consagrado por Elvis Presley, "Always on My Mind". No ano seguinte, a convite do artista espanhol Alejandro Sanz, gravei com ele um dueto na canção "A que no me dejas", com letra em português escrita por mim e participação minha no DVD dele. Em 2016, o cantor espanhol Pablo López fez a versão em espanhol de uma canção minha, "A paz desse amor", e eu escrevi a letra em português para uma música dele, "Dos palabras", uma canção belíssima, dentro desse mesmo espírito de apresentar o outro artista ao público de cada um.

Mas a grande parceria, aquela que me deixou de pernas bambas, quase sem ar quando soube que seria possível, foi com outra diva da música country. Minha musa, musa de Taylor. Shania Twain.

Eu ouvia Shania desde adolescente. Tinha verdadeira fascinação por ela e pela sua história. Nascemos no mesmo dia, 28 de agosto, ela em uma pequena cidade do interior do

Canadá, Timmins. Com oito anos, aprendeu a tocar violão, com dez escreveu as primeiras canções e desde o início encontrou na mãe seu maior esteio profissional. Eu a admirava e via no êxito dela a possibilidade de fazer sucesso também. O primeiro disco de Shania, lançado em 1993, não repercutiu muito, mas atraiu a atenção de um poderoso produtor musical da época, Robert "Mutt" Lange. Mais do que uma dupla artística, os dois se apaixonaram e ficaram juntos até 2008. Grande compositora e dona de uma voz linda, Shania tornou-se a mais bem-sucedida artista mulher na história da música country, com mais de 100 milhões de cópias vendidas — muito antes da nossa era do *streaming*. Apenas um dos seus álbuns, *Come on over*, de 1997, tinha emplacado 40 milhões de cópias no mundo inteiro — e ali havia uma das canções dela de que eu mais gostava, um hit chamado "You're Still the One". Eu sabia que Shania também amava cavalos e que o casamento com Lange tinha terminado de forma devastadora, com a descoberta de que ele a traía com uma assistente do casal — mais uma das coincidências entre a trajetória do meu ídolo e a minha, relacionada a um episódio futuro. Sabia também que minha artista internacional preferida tivera um grave problema de voz e se refugiara na Suíça em busca de tratamento. E, por fim, que ela estava voltando à cena musical na época como artista residente do The Colosseum at Caesars Palace, um dos mais importantes palcos de Las Vegas.

Eu tinha um sonho: cantar com Shania. E, desde o dueto com Taylor, passei a acreditar que não seria impossível.

Na Universal, porém, me diziam o contrário: Shania não gravava com ninguém. Já tinha conquistado tudo o que desejava na carreira e não estava disponível para projetos como o que eu tinha em mente. Mas eu não conseguia desistir. Precisaria encontrar um jeito de tocar o coração dela, de fazê-la se interessar pela minha música e querer se encontrar comigo. Como éramos ligadas à mesma gravadora, eu trazia o assunto à tona sempre que podia. Afinal, o "não" eu já tinha.

Em agosto de 2013, no meu aniversário, realizei outro sonho: comemorei com uma festa a fantasia. Foi no meu apartamento em Belo Horizonte e eu havia convidado, além dos amigos e da família, o presidente da gravadora, José Eboli. Eu estava numa alegria que só, vestida de rainha de Copas, com uma peruca preta e saltos altíssimos. A certa altura, Eboli se aproximou de mim e cochichou que tinha me trazido um presente.

"Paula, a Shania Twain convidou você para assistir a um show dela em Las Vegas e gravar um clipe com ela!"

Faltou o ar. Eu não sabia se ria ou se chorava. Era como se tudo o que eu tinha feito até aquele momento me levasse para o encontro com Shania. A gravadora tinha mostrado a ela meu portfólio, minhas canções, e ela quis cantar comigo. Acredito que minha música, de alguma maneira, tocou o coração dela em um momento em que estava voltando aos palcos, depois de uma temporada difícil, afastada dos shows. Foi um daqueles instantes na vida em que a gente tem certeza de que fez tudo, tudo certo, mesmo quando foi muito difícil.

A gravação foi marcada para dezembro do mesmo ano e aconteceria em Las Vegas. Aqueles quatro meses passaram devagarinho, mesmo com a agenda tumultuada de shows. Eu já tinha estado em Las Vegas antes, em novembro de 2011, quando concorri ao Grammy Latino em duas categorias como artista revelação e melhor álbum sertanejo — e perdi a primeira estatueta para o porto-riquenho Sie7e, e a segunda para a dupla brasileira João Bosco e Vinícius. Aquela tinha sido minha primeira viagem internacional na vida. Gostei da cidade e estava feliz por voltar — mais ainda naquelas circunstâncias.

Os agentes de Shania mandaram uma lista de músicas para eu escolher uma e verter a letra para o português; afinal, ficara acertado que eu cantaria minha parte no meu idioma. Adivinha qual estava na lista? Ela mesma, "You're Still the One". Nem pisquei. Peguei a letra, traduzi e fiquei horas olhando para a tradução, pensando no que mexer, em uma

versão que estivesse à altura da poesia delicada de Shania. Uma tarefa dificílima, porque Shania compõe e aquela era uma das suas músicas mais lindas. Destemida que sou, decidi novamente que eu faria uma versão não literal, mas que, ainda assim, se encaixasse perfeitamente no contexto da canção.

Semanas depois, chegou a notícia de que minha versão tinha sido aprovada por Shania e pelo ex-marido, Robert Lange, que continuava "apitando" na carreira da estrela.

Cheguei ao Hotel Caesars Palace em 30 de novembro, bastante cansada, no mesmo dia do show de Shania. Eu estava em turnê nos Estados Unidos, me apresentando em cidades com grandes públicos de brasileiros, e tivera dificuldades para organizar a logística das viagens num país de dimensões tão continentais quanto o Brasil, percorrendo longas distâncias de avião entre uma cidade e outra. Achei que fosse descansar, mas, logo que me acomodei no hotel, recebi por e-mail a "mix" de Shania — a parte dela na canção, que deveria se juntar à minha em estúdio. Estávamos no quarto, conversando — minha mãe, meu produtor musical, Márcio Monteiro, com sua mulher (minha amiga Bia), meu namorado à época e mais um ou dois produtores que vinham trabalhando na organização do clipe. Quando ouvi, chorei como uma criança, e comigo choraram Marcinho, Bia, minha mãe. Qual não foi nossa surpresa quando descobrimos que ela tinha gravado um trecho em português, lindamente, e ainda abriu a voz em outro momento, para que fizéssemos realmente um dueto. "Abrir a voz", uma expressão corriqueira do mundo artístico, significa cantar em uma voz diferente da voz principal da melodia, um recurso que as duplas sertanejas usam muito. No dueto entre mim e Shania, ela poderia ter me deixado cantar sozinha, porém optou por me acompanhar — uma gentileza, uma deferência, como se cantássemos juntas sempre... sem frescura.

Em seguida, recebi um convite para ir à passagem de som que Shania estava fazendo no teatro. Troquei de roupa, me arrumei, afastei o cansaço e fui. O marido de Shania, Frédéric Thiebaud, gravou nosso encontro, e algumas cenas entraram

no clipe que fizemos juntas — tudo real, não teve "vamos fazer de novo". Shania me abraçou e falou um mundaréu de coisas; eu não entendi bulhufas, mas, mesmo que entendesse inglês, não teria compreendido, de tão em choque que estava. Porém, tratei de me recompor: no palco — e a vida inteira pensei assim, mesmo quando media 1,30 metro — somos iguais, tão artistas uma quanto a outra. Eu era fã, mas ali, sob os holofotes, estávamos na mesma posição.

Houve, porém, um trecho que entendi perfeitamente: Shania queria que eu cantasse com ela à noite, no show. Seria um medley — uma sequência de canções dela, em trechos curtos. "*No problem*", falei, segura, e segura estava: eu conhecia todo o repertório de Shania. Foi uma noite maravilhosa, inesquecível, do momento em que ela me chamou ao palco, apresentando-me como "uma grande cantora brasileira que nasceu no mesmo dia que eu", ao tanto que ela me deixou cantar sozinha, me observando com olhos gentis, generosos e me incentivando com um sorriso. Terminado o show, fui esperá-la no camarim — a ideia era gravar na sequência as imagens que seriam incluídas no clipe. Nossas vozes já estavam captadas, então depois era só juntar tudo e editar. Queria levar flores para ela, mas não era exatamente o tipo de artigo fácil de encontrar naquele lugar onde estávamos. "Por que você não leva uma única flor, um botão de rosa?", sugeriu meu namorado. Gostei da ideia.

No camarim, muitas fotos de Shania e seus cavalos. Ela me recebeu com um abraço e emocionou-se com a flor. Jantamos juntas — algo que ela encomendara antes, não conseguiria me lembrar o que era — e ela falou longamente sobre cavalos e sobre suas cavalgadas, que chegavam a durar dias, afinal era uma amazona experiente e apaixonada. Ninguém traduziu o que Shania dizia, mas, de alguma maneira mágica e misteriosa, o sentido era claro para mim. Encerrado o jantar, fomos para o estúdio. Em cinco takes, o clipe estava pronto.

Faltava alguma coisa?

Faltava o e-mail de Shania. “Você não pegou o contato dela?”, me perguntaram Marcinho, minha mãe, os produtores. Não, eu não tinha pegado. No meu ponto de vista, eu já estava no lucro, e que lucro. Teria ficado radiante se ela apenas tivesse me convidado para ver o show. Mas ela fez mais: me convidou para o clipe, me chamou para cantar com ela no palco do Caesars Palace, pediu que eu ficasse para o jantar. Eu achava que teria de partir dela o interesse em manter contato.

No dia seguinte, eu ainda estava em êxtase. Bati pernas pelas ruas de Vegas, mas estava flutuando. Daniel Silveira, o diretor da Universal que fora responsável pela minha contratação, fez o mesmo, mas, por um golpe de sorte, encontrou Shania e Frédéric em um restaurante. Shania cumprimentou-o e perguntou:

“Por favor, poderia me passar o e-mail da Paula?”

Daniel escreveu-o em um cartão e entregou a ela. No dia seguinte, encontrei uma mensagem gentilíssima na minha caixa postal, agradecendo o encontro e falando de como tinha apreciado nosso dueto. Trocamos mensagens até hoje. No ano seguinte, no aniversário de Shania, mandei a ela de presente uma sela maravilhosa. Ela me escreveu agradecendo e a mensagem terminava assim: “*Love to you*”.

Abobei. Entendi com a maior clareza a frase do escritor português Fernando Pessoa que, depois, entrou como epígrafe do clipe de “You’re Still the One”:

“Somos do tamanho dos nossos sonhos.”

12. Se o coração viajar: a cantora global

Em meados de 2012, recebi meu primeiro convite para realizar uma turnê internacional. O convite partiu de uma empresa de Portugal que desejava me ver cantar numa grande festa que chegaria, naquele ano, à sua segunda edição: o Brazilian Day, uma celebração da comunidade brasileira além-mar. Frio na barriga e aquela sensação de que tudo estava acontecendo rápido demais, porém, de alguma maneira, eu estava mais tranquila e achando tudo muito, muito bom. A festa aconteceria no Passeio Marítimo de Algés, em Oeiras, cidade densamente povoada que se localiza perto de Lisboa. A entrada era livre e a anfitriã seria a apresentadora da TV Globo Ana Maria Braga. A ideia era que eu levasse a Portugal a turnê *Meus Encantos*, com a qual eu vinha viajando pelo Brasil nos meses anteriores.

É claro que eu tinha dúvidas. Sabia que era querida em Portugal, tinha boas vendagens por lá, mas seria suficiente para realizar uma turnê, com sua complexidade, suas expectativas? O caso, porém, é que eu já tinha feito tanta coisa que exigia coragem na vida que não iria recuar agora. Assinei o contrato para a turnê. E foi uma experiência magnífica, única na vida de um artista.

Antes mesmo de Portugal, agendei o primeiro show em Barcelona, na Espanha. No dia 28 de outubro, pela primeira vez, subi ao palco em um show internacional. Foi lindo e emocionante, mas o melhor ainda estava por vir. No dia seguinte, já em Oeiras, pouco antes de entrar no palco,

perguntei quantas pessoas havia na plateia. “Umas 100 mil”, me responderam.

“Mas há mais shows, não é só o meu, né?”

Não havia. Aquelas 100 mil pessoas tinham vindo me ver.

E as boas surpresas estavam apenas começando. No dia seguinte, inesquecível — 30 de setembro de 2012 —, fiz um show na cidade do Porto, num espaço chamado Pavilhão Rosa Mota. Os ingressos estavam esgotados, mas muita gente ficou do lado de fora, ouvindo o show. Quando cheguei ao local, de carro, e vi a fila para entrar, não acreditei: dava a volta no ginásio. Eu já estava no palco quando as luzes se acenderam, e meu coração parou por um segundo: era um mar de gente. Com as pernas ainda bambas, cantei a primeira canção, “Se o coração viajar”. O coro da plateia quase apagou minha voz: sabiam a música de cor, inteirinha. Passamos para a segunda; de novo, cantaram inteirinha. A terceira, idem. Quando disse os primeiros versos de “Sensações”, “Eu me perdi, perdi você/Perdi a voz, o teu querer”, e quase deixei de me ouvir cantar, tão alto era o clamor do público, comecei a chorar. Não conseguia mais controlar as lágrimas. Olhei de lado, para Marcinho, firme na guitarra e chorando como eu, feito criança. Virei para trás; o resto da banda também chorava. Estávamos tão longe de casa e, no entanto, aquelas pessoas sabiam de cor minhas canções de amor, aquelas canções que eu tinha escrito certa de que minha missão na vida era, ao mesmo tempo, simples e grandiosa: cantar o amor na sua forma mais pura, um luxo e um desafio no nosso tempo de quereres instantâneos.

Foi um dos momentos mais espetaculares da minha carreira e da minha vida.

Na coxia, estava também meu então namorado, o homem com que eu, um dia, planejei me casar. Estávamos apaixonados e felizes, e ele, vendo a mim e à banda em prantos e desconhecedor do universo que eu frequentava, perguntava a todos por que chorávamos, sem entender a magnitude do que

acontecia ali, num país que não era o meu, com um público que, maravilhosamente, era, sim, o meu.

Não sou muito de falar sobre minha vida amorosa — nunca fui. Depois do término do namoro com Fábio, em 2007, tive alguns relacionamentos, uns mais, outros menos longos, mas a música sempre veio em primeiro lugar. Além disso, reconheço que, para a maioria dos homens, num país que ainda é machista e tem um passado patriarcal muito forte, não é fácil namorar uma mulher que passa o tempo inteiro viajando, fazendo mais de duas centenas de shows por ano, acompanhada de uma única assistente mulher, Cintia, e de uma banda masculina. Em 2012, porém, eu me apaixonei profundamente. Vivi um amor que quatro anos depois deu muito errado e, dessa história, uma montanha-russa de emoções, nasceram alguns dos maiores sucessos que eu já compus e cantei. Morávamos em cidades diferentes e eu fazia de tudo para visitá-lo entre um show e outro. Nas entrevistas, me perguntavam se íamos nos casar e eu dizia que sim, que era apenas uma questão de organizar agendas — a minha, de shows, a dele, de negócios. Nós nos apresentávamos como namorados e gostávamos que fosse assim. Ele podia ser encantador e ciumento. Gentil e indiferente. Esteve comigo em momentos espetaculares da minha carreira, nos anos que se seguiriam. E, no entanto, hoje creio que já estava com ela, com a outra, em vários desses momentos. Não sei por quanto tempo compartilhamos esse homem, ela e eu. Eu, sem saber.

Ele foi a um show meu e, apresentado por amigos em comum, me presenteou com a estatueta de um cavalo. Também me convidou para andar a cavalo na sua propriedade no dia seguinte ao show. Fui. Nós nos apaixonamos numa cavalgada que duraria apenas trinta minutos e me faria viver as dores e os prazeres do amor. Nesse jogo de sedução, me deixei envolver como nunca até então. Formávamos um casal que parecia feliz e apaixonado. Aparecíamos na TV, nos sites, nas

revistas. Ele estava comigo em Las Vegas quando cantei com Shania. A cada vez que nos despedíamos, ele — católico fervoroso, praticante, de ir à igreja todo domingo — fazia o "Em nome do pai" e pedia a Deus que me protegesse. Para mim, mais do que um amor, era um rochedo.

Eu estava apaixonada demais para perceber certos movimentos; para entender, por exemplo, que ele atacava o que era mais inviolável na minha essência: a música. Podia até me achar uma grande artista e muitas vezes eu flagrava admiração no seu olhar, mas, no fundo, nunca aceitou a mulher cantora que eu sou. "Você é perfeita para mim", ele me disse certa vez. "Seu maior defeito é ser artista." Esse homem via meu trabalho como um problema que me afastava do que considerava ideal para ele. Desejava uma mulher em casa para criar seus filhos e recebê-lo com o jantar pronto todos os dias. Eu até podia ser essa mulher. Porém queria muito mais.

A tudo isso eu fechei os olhos.

Sem falar no que eu não sabia. Eu não sabia que, mal saía da casa dele depois de um fim de semana apaixonado, os porta-retratos com nossas fotos iam parar no fundo das gavetas, longe dos olhos da outra. Enquanto ela estava com ele, as cortinas permaneciam fechadas para os vizinhos não verem. Eu não sabia que a empregada chegava pela manhã e se perguntava de quem era aquele perfume que não era o meu. De quem eram aqueles chinelos femininos esquecidos displicentemente em algum canto do quarto. De tudo isso eu só soube depois.

Mas chegou o tempo em que a outra se tornou real demais para ser ignorada. Os sinais começaram a se tornar evidentes até para mim. Um brinco debaixo da cama. O jeito como ele se afastava para ver mensagens no celular. Havia algo estranho. Eu decidi bancar a detetive.

A oportunidade perfeita apareceu durante um fim de semana na fazenda de um amigo dele que, em função das circunstâncias, acabou se tornando um grande amigo meu. Esse amigo nos convidou para uma cavalgada. Fomos. À noite,

naquele ambiente alegre e descontraído, meu então namorado bebeu demais. Eu já estava adormecida quando ele entrou no quarto, muito embriagado, e deitou ao meu lado. Despertei e olhei as horas: quase cinco da manhã. O celular dele estava sobre o criado-mudo. O celular.

Me julguem. Eu estava desesperada, precisava saber. E, de repente, a verdade estava ao meu alcance. Peguei o telefone dele e me tranquei no banheiro.

As mensagens dela estavam todas lá. Eram amorosas, porém cobravam dele uma atitude que havia anos ele prometia tomar. ANOS. Fiquei em choque. Tremia, a boca seca. Não conseguia falar nem me mover. Não sei por quanto tempo fiquei paralisada, sentada no chão do banheiro, lendo as mensagens como se precisasse delas para respirar. Mas eu mal respirava.

Ouvi um barulho do lado de fora. A voz do nosso anfitrião, que ainda não tinha se deitado. Embora ele fosse amigo do meu namorado, tínhamos simpatizado imensamente um com o outro, a ponto de, alguns dias antes, eu ter aberto a ele as minhas desconfianças.

"Não é possível", ele disse naquela ocasião. "É imaginação sua. Ele te ama."

Juntei os cacos e saí do banheiro. Minhas mãos ainda tremiam quando estendi o aparelho para ele ler as mensagens. Ficou estarrecido, como eu. Conversamos longamente — ele tentando me acalmar; eu atordoada, ferida, sem saber o que fazer. Decidi acordar o homem que era, ao mesmo tempo, o grande amor e a maior decepção da minha vida. Queria saber o que ele tinha a dizer.

Eu o acordei chorando. Acho que falava mais alto do que de costume. Ele demorou a entender o que estava acontecendo, mas, quando enfim compreendeu, disse, friamente:

"É isso aí que você está lendo."

Naquele amanhecer que, durante tanto tempo, deixou minha vida cinzenta, o conforto do anfitrião que se tornou meu amigo foi valioso. Nos dias que se seguiram à confirmação da traição, Bia, Cintia, minha mãe, minhas amigas Marina Ruy

Barbosa, Camila e Cássia me ajudaram a não afundar. As mulheres tão presentes na minha vida.

Ninguém é obrigado a amar ninguém. O amor simplesmente acontece ou deixa de acontecer. Quando ele acaba, é preciso honestidade e coragem para dizer que terminou; sempre há sofrimento, mas acredito que teria sido mais fácil superar se tivesse sido assim. Se ele queria seguir outro caminho, deveria ter me dito, sem me enganar. Era para ter sido um término como os outros. Não foi.

Já estávamos separados, mas eu precisei de tempo para me fortalecer e divulgar a notícia. Por fim, postei um comunicado em uma rede social na intenção de me preservar caso ele aparecesse com a outra. "Durante quatro anos de relacionamento, nos cuidamos e nos amamos muito. Mas, neste momento, decidimos seguir caminhos diferentes. Espero que nos respeitem e desejem nossa felicidade. Estamos em paz." No mesmo dia em que essa nota foi postada, embarquei para Las Vegas, para a festa do Grammy Latino. Apostei que, se ganhasse, não haveria tanta turbulência por parte da mídia em relação ao término do relacionamento. Estava errada. Falou-se um pouco do Grammy (que de fato ganhei), falou-se (muito) dos meus pés brancos em contraste com as pernas bronzeadas que ficaram à mostra graças à fenda no vestido que usei na noite da premiação (para mim, uma questão de iluminação na hora da foto)... Mas logo voltaram a falar do meu rompimento.

Na verdade, ao contrário do que havia escrito na postagem, eu não estava em paz. Foi imensamente pesado para mim. Houve um ano em que chorei quase todos os dias. Eu estava no auge do sucesso profissional e em um abismo na vida pessoal. Dessas dores vieram canções que canto até hoje, "Palavra errada" ("Palavras que destroem nossos sentimentos/Palavras duras ditas no pior momento/Palavras impensadas sujam nossa boca/Palavras doem mais que tiro à queima-roupa") e "Traidor", lançada em 2017, até hoje — veja que ironia — uma das mais pedidas pelos fãs em shows.

Vai eternamente olhar pra ela e lembrar de mim
Por toda vida, escutar meu canto, eu sei que vai
E será ela que desta vez você vai trair.

Nesse ano em que chorei quase todos os dias e lambi minhas feridas, eu não deixei de fazer um show sequer. Nos bastidores, lutava contra minha tristeza e juntava forças para encarar a enorme decepção que tinha sofrido e vencê-la. Diante das luzes e das câmeras, sorria e garantia que estava bem. No dia seguinte às duas vezes em que rompi esse relacionamento tóxico — a segunda, definitiva, após a descoberta incontornável da traição —, por coincidência, compareci a programas do Fausto Silva com o mesmo sorriso pregado no rosto. Não me permiti sofrer em público.

E um dia... Eu estava pronta para o futuro. O que não me derruba me fortalece.

Depois do show magnífico na cidade do Porto, ainda me apresentei em Zurique, na Suíça, e em Milão, na Itália, para plateias entre 60 mil e 100 mil pessoas. Tomei gosto pela experiência, e em fevereiro de 2013 fiz três shows maravilhosos em Pompano Beach, na Flórida, em Newark e em Boston, as duas últimas com grandes comunidades de brasileiros. Dois meses depois, embarquei para Cabo Verde, um país africano no meio do Atlântico formado por dez ilhas vulcânicas. Lá, fiz dois shows extraordinários, um na ilha do Fogo e outro na ilha de Santiago, onde fica a capital do país, Praia. Na ilha do Fogo, um feito curioso: todas as 8 mil pessoas que viviam na cidade de São Filipe na época compareceram ao meu show. Me lembro bem: não havia seguranças, nem foi necessário; a população, educadíssima, formou duas filas, uma de homens, outra de mulheres, e entrou tranquila no recinto de espetáculos. Apenas uma fita plástica me separava do público, e em nenhum momento houve avanços. Como nas apresentações anteriores, a plateia cantava minhas músicas de

cor. Foram duas horas e meia de show, tempo que nem vi passar. A turnê africana prosseguiu em Angola, onde fui tratada com uma rainha nas duas apresentações que fiz em Luanda, a capital. A primeira delas foi em uma tenda maravilhosa armada ao lado do hotel onde estávamos hospedados. Ali, o público aplaudiu, mas ninguém cantou — um show bacana, em que deu tudo certo, mas sem calor humano. No dia seguinte, o show foi na cidade, para o povo. No primeiro acorde da primeira música, "Navegar em mim", a plateia fez coro conosco, muito alto, me acompanhando. Cantaram da primeira à última canção. Diante daquele coral, desabamos — quando olhei para trás, toda a banda estava em lágrimas.

Desde então, voltei outras vezes à Europa, à África, à América do Norte. Durante uma turnê nos Estados Unidos, pegamos uma nevasca tão forte que não era possível voar de uma cidade a outra. Alugamos então um ônibus — no qual, curiosamente, havia um mastro de *pole dance*. Rimos muito nessa turnê, além de termos brincado como crianças na neve. Eu me apresentei também na Argentina e no Paraguai, sempre para grandes audiências. Cada turnê tem um clima, uma alegria, mas todas fazem passar um filme na minha mente. Uma vez, cantando na África para uma plateia apaixonada e respeitosa, fui tomada pela lembrança do dia em que dividi um pastel com minha mãe em um restaurante qualquer de uma cidade qualquer. Que estrada longa eu percorri, e que clareiras abri a foice para chegar aonde cheguei.

Em meio a grandes duetos, sonhos realizados, outros desfeitos, shows por toda parte, eu tinha uma preocupação. Como artista, chegara a um patamar em que se criavam grandes expectativas em relação ao próximo trabalho. Por parte dos fãs, de outros músicos, da crítica e, principalmente, de mim mesma. Trabalho — sempre trabalhei — sob intensa autocobrança.

Meu último CD todo com inéditas, *Paula Fernandes ao vivo*, tinha sido lançado em 2011 e fora o resultado de dez anos juntando repertório. Algumas canções, como "Pássaro de fogo", eram antigas; vinham de uma época em que minha inspiração era a vida das pessoas comuns, a vida que eu mesma vivia. Eu me perguntava quais seriam minhas novas inspirações agora que eu já não levava mais uma vida "comum" — ou, ao menos, não na maior parte do tempo. Não que eu estivesse sob pressão: *Meus encantos*, de 2012, tinha algumas músicas inéditas, e, em 2014, havia lançado *Encontros pelo caminho*, um grande sucesso de vendas, em CD e DVD. Mas o fato é que fazia tempo que não lançava nada 100% inédito, e todo artista, toda carreira precisa dessa renovação de tempos em tempos. Eu compunha, gravava e descartava o que tinha feito. Tive crises terríveis. Pegava o celular e ligava para Marcinho, meu produtor musical:

"Marcinho, não tenho condições. Não consigo fazer. Vamos deixar mais para a frente."

Porém, mesmo com toda a autocobrança, as músicas vieram nascendo. Eu continuava achando tudo ruim, mas, a certa altura, precisei apresentar minhas composições para a gravadora. Levei trinta músicas para Paul Ralphes, produtor musical nascido no País de Gales que tinha sucedido Daniel Silveira. Ele gostou de todas.

Entrei em estúdio para gravar *Amanhecer*, um disco que, por fim, revelou unidade, ainda que tivesse de moda de viola a música dançante. Em novembro de 2016, *Amanhecer* ganhou o Grammy Latino de melhor álbum sertanejo, categoria em que eu disputava com artistas como Michel Teló e Leonardo. Foi uma honra e uma surpresa.

Amanhecer marcou também o começo de uma grande amizade entre mim e Eduardo Amarante, estilista e diretor criativo da grife de moda mineira Skazi. Na época eu tinha uma *stylist* que, no garimpo dos figurinos para a turnê do álbum, que daria origem a um DVD, bateu à porta da Skazi. Eduardo concordou em trabalhar com ela, mas impôs uma

condição: queria me conhecer, conversar comigo, entender o que eu pretendia com a turnê, que imagem queria passar. Marcamos um encontro no meu apartamento em Belo Horizonte.

Até conhecê-lo pessoalmente, eu não sabia que Eduardo era meu fã. Ouvia minhas músicas desde o tempo em que ainda morava no interior de Minas, em Lavras, tinha CDs e um desejo secreto de me vestir. Mas nunca trabalhou para isso; o destino é que acabou por nos aproximar.

Eu tinha uma fama de malvestida que me acompanhava fazia anos. Hoje, em retrospecto, acho que, de fato, houve situações em que fiz jus a ela. Meus vestidos viravam memes e eu até me divertia, mas é lógico que muitas vezes ficava irritada. Para muita gente da minha equipe — inclusive minha mãe e Nilmar —, foi Edu que encerrou a fase "brega" e fez com que os fashionistas passassem a prestar atenção no modo como me visto. Fez isso de um modo suave e respeitoso, delicado, mas verdadeiro. Me lembro até hoje:

"Paula, o primeiro ponto é o cabelo. Podemos conversar sobre isso?"

Edu não sabia, mas eu tinha aquele trauma antigo dos tempos da Number One, quando tive que cortar o cabelo por orientação de Eduardo Araújo. Porém, com argumentos sensatos, conseguiu me convencer a mudar o corte. Foi assim que acabei nas mãos de Cris, como é conhecido o cabeleireiro Acrísio Jr., do salão Studio A, em Belo Horizonte. Cris cuida dos meus cabelos há muitos anos e se tornou também um amigo querido. No entanto, claro que a maior contribuição de Edu Amarante foi em relação aos meus figurinos. Com o suporte dele, entrei pela primeira vez na galeria de mulheres mais bem-vestidas — um dos grandes momentos da nossa parceria foi o vestido que ele criou para o casamento da atriz Marina Ruy Barbosa, de quem fui madrinha, em outubro de 2017. Shows, DVDs, festas; muitos dos meus looks dos últimos anos têm a assinatura de Edu. Mais do que um estilista, ele se

tornou amigo de baladas e viagens descontraídas — algo que não houve na minha adolescência.

Um pouco antes do anúncio do Grammy, fui vítima de uma profunda injustiça. A história começou lindamente: o tenor italiano Andrea Bocelli viria ao Brasil em outubro e me convidara para uma participação no seu show em São Paulo, que aconteceria na arena do Allianz Parque. Aceitei, grata e honrada. Na tarde da apresentação, sem a presença de Andrea, ensaiei com o maestro três canções: uma minha e de Victor Chaves, "Além da vida", que tinha sido orquestrada e ganhara uma versão bem delicada, e dois duetos que eu faria com o tenor, em "Canto della terra" e "Vivo por ella". Em "Canto" fui bem, mas, quando chegou a hora de "Vivo por ella", percebi que não conseguiria.

O que é "não conseguir"? É não alcançar determinadas notas muito distantes da nossa região vocal. Sou contralto profundo, um timbre pouco comum, e a música exigia uma soprano. Falei da minha preocupação com a produção do evento.

O produtor do show explicou que outra cantora, que tinha se apresentado com Andrea na véspera, sentira a mesma dificuldade. No caso dessa cantora, a situação foi resolvida chamando-se ao palco uma soprano para os trechos mais agudos. "Podemos fazer isso novamente hoje. Você canta dois versos", e me estendeu uma folha de papel com o que eu deveria cantar, "e a soprano faz as partes mais adequadas ao timbre dela." Aceitei o arranjo.

Estava comovida quando subi ao palco para cantar com Andrea. Era mais um sonho que eu conseguia realizar. Estava também preparada, e muito bem preparada. Me senti segura e tranquila quando cantei minha música, "Além da vida", e no dueto de "Canto della terra". Houve uma breve pausa antes da terceira música. Enquanto tomava um gole de água, um produtor veio falar comigo:

"A soprano não poderá se apresentar porque está com dor de garganta."

É o tipo de coisa chata, mas acontece. Eu só tinha uma preocupação.

"O Andrea sabe? Ele é cego e eu não falo a língua dele."

"Pode deixar que a gente vai avisar", garantiu a pessoa da produção que me alertou para a mudança de planos.

Entrei no palco e cantei muito bem meus dois versos. Quando terminei minha parte, Andrea entoou a dele e ficou esperando a soprano. A orquestra seguiu tocando, mas ninguém cantou. Diferentemente do que tinham me falado, Andrea não sabia que a moça que cantaria conosco não estava ali. Ele ficou angustiado e confuso. Pediu — na verdade, mandou, falando baixinho:

"Canta!"

Eu não podia cantar. Primeiro, porque não era minha região vocal. Segundo, porque eu nem sequer tinha a letra — havia recebido apenas os versos que cantaria, impressos em uma folha avulsa.

E o show rolando. O que eu podia dizer a ele? Que não sabia de nada? Que tinham me falado que ele saberia da ausência da soprano? Que eu esperava que, naquele momento, a produção tivesse encontrado uma solução?

Não disse nada. Simplesmente me mantive em silêncio, uma estátua ao lado dele, consternada com a armadilha em que tinham me colocado. Improvisar teria sido uma irresponsabilidade. Desci do palco arrasada, sabendo que eu seria crucificada. Já imaginava as chamadas dos sites de fofoca: "Paula Fernandes esquece a letra ao lado de tenor italiano"; "Paula Fernandes fica com vergonha e passa vexame". Não deu outra. Para agravar o quadro, a soprano que deveria ter se apresentado comigo publicou em uma rede social que não tinha sido convocada para cantar ao meu lado. No fim das contas, parece ter sido desorganização da produção do show, um acidente, uma falha de comunicação, mas eu jamais soube o que aconteceu de fato. Divulguei uma nota com minha versão, mas os *haters* tiveram munição para me detonar por bastante tempo.

Evidentemente, não houve um comentário sequer sobre as duas primeiras músicas que cantei com Andrea Bocelli. Foram interpretações lindas. Nenhuma treta. Não eram notícia.

Ao longo da minha carreira, vários mitos se formaram ao meu redor. Não sei de onde vieram muitos deles, ou como começaram. No início me irritavam; com o tempo e a maturidade, passei a me divertir com eles e a fazer listas com minha família e meus amigos. O incidente com Andrea Boccelli veio alimentar esse folclore. Na minha última contagem, estes eram os principais:

1) Eu não sabia a letra da música de Andrea Boccelli.

2) Tirei uma costela para ficar mais magra (talvez esse tenha nascido a partir da observação maldosa da contracapa de um dos meus CDs, em que a foto destacava minha cintura muito fina).

3) Namorei o Roberto Carlos.

4) Só tomo banho com água mineral.

5) Namorei um governador.

6) Não quis atender as criancinhas de Primavera do Leste que tinham vindo me homenagear.

7) Sou antipática.

8) Falo palavrão; este foi por causa de um "caraca" que soltei no programa *Domingão do Faustão* e deu o maior bafafá, embora, tecnicamente, nem possa ser considerado um palavrão.

Deve haver outros. Hoje, não me pinicam mais.

13. Pronta pra você: meus amores

Carreira de artista tem várias fases. Antes da Universal, antes de Marcus Viana, eu tinha problemas muito bem definidos: não conseguia emplacar a mim mesma como cantora, não tinha dinheiro, enfrentara uma depressão que quase me levou ao suicídio, trabalhava sem parar, sem remuneração, sem apoio exceto pelo ombro sempre firme da minha mãe. Depois do contrato com a grande gravadora, os problemas mudaram de natureza. E tudo bem que seja assim: só "ganhamos" novos problemas porque somos capazes de encontrar novas soluções. Ainda bem que eu tinha problemas. E os novos, bem, os novos problemas me encontraram mais forte, mais resiliente. Conseguia olhá-los de frente e pensar: "Eu sou mais forte e eles vão passar". Talvez isso seja maturidade.

Boa parte dos meus novos problemas tinha a ver com algo que eu buscara a vida inteira: o reconhecimento e, com ele, a fama.

A relação de um artista com seus fãs é intensa e passional. Instiga e conforta. Encanta e escraviza. Eu passei duas décadas tentando conquistá-los. Continuo me empenhando todos os dias para isso. Quero que minha música seja a trilha sonora da vida de cada um deles. Quero que eles me queiram bem, que cantem comigo — a maior emoção do mundo é ouvir o coro de um mar de gente —, que deem valor ao meu trabalho. Que venham aos meus shows e que encontrem nas minhas letras o eco dos seus sentimentos mais secretos. Quero que me vejam

como a compositora que leu seus pensamentos e como a voz que expressa o que não teriam coragem de falar.

Quero que me amem. Eu os chamo de meus amores.

Mas também é uma relação turbulenta. Com investidas e recuos. Brigamos e fazemos as pazes. Às vezes eles se sentem injustiçados. Às vezes eu é que me sinto injustiçada.

Essa percepção de que a fama tinha duas faces foi tomando forma aos poucos na minha mente. Eu não falava sobre isso, mas sentia. Às vezes, era cautelosa.

Pedia mais segurança e me resguardava em situações públicas. Minha mãe achava que era coisa da minha cabeça. Exagero meu.

Até que ela finalmente entendeu que uma certa animosidade me rondava.

Nem foi um episódio dramático. Para mim, porém, foi um divisor de águas.

Estávamos as duas, com uma tia e minha prima Cintia, em um shopping center de Belo Horizonte. Um dia qualquer entre um show e outro, naquela fase em que quase todo dia havia um show. Eu me sentia cansada e estava com cólica, mas minha mãe insistiu para que eu a acompanhasse. Prendi o cabelo, vesti um moletom, tudo bem simples, e fui.

Alguns acontecimentos se misturam na memória, mas, em certos casos, a sensação que me provocaram continua nítida, como se tivessem acontecido ontem. Às vezes ainda me machucam. Foi o caso aqui. No entanto, é uma dor minha, só minha, que ninguém mais conhece. Neste livro, tomei a decisão de falar sobre ela.

Eu já estava estourada em todo o Brasil graças à turnê *Paula Fernandes ao vivo* — então deve ter sido por volta de 2012. Minha família estava feliz com a decolagem da minha carreira, mas eu ainda ficava assustada quando era reconhecida e requisitada pelos fãs. Tinha uma sensação estranha, quase secreta, de que havia muito amor, mas também muitas outras coisas, não necessariamente boas. E eu ainda não estava acostumada com gente. Aquela pessoa que subia no palco

empunhando o violão, que se sentia plena diante da multidão e falava com naturalidade com dezenas de milhares de fãs era bem diferente da que recebia os admiradores no camarim antes de cada show. Havia — ainda há — duas Paulas. No palco, debaixo de luzes fortes, cercada pelos músicos que me acompanhavam fazia anos — minha banda é praticamente a mesma até hoje —, eu me sentia segura e forte. No corpo a corpo, ainda lidava com todas as minhas inseguranças sociais.

Naquela tarde, naquele shopping, subindo as escadas rolantes, minha mãe ouviu uma voz de mulher. "Aquela não é a tal da Paula Fernandes?" Outra voz feminina respondeu: "Eu acho que é. Vamos ver se ela é simpática mesmo".

Sou extremamente tímida. Naquela época, tinha poucos amigos, uma vida social discreta e me virava da melhor maneira possível na fogueira em que tinham me atirado — com minha participação e concordância, mas nem por isso menos fogueira. O que eu mais ouvia era: "Agora, seja igualzinha à Ivete, pule, dance, seja esfuziante". Eu não era assim. Minha alegria no palco é evidente, mas contida. Eu dançava, mas não pulava. Hoje faço isso... As coisas mudaram! Eu me soltei, amadureci e estou mais segura e me aceitando como sou.

As duas mulheres me abordaram. A postura delas era desafiadora, cortante. Respondi ao boa-tarde, tirei foto com elas, sorri, mas não fui simpática. Meu corpo doía. Não acho que tenha causado boa impressão. Elas não eram nada amistosas e eu confirmei, pela primeira vez e com muita clareza, aquela impressão secreta de que, da mesma forma que vinham o abraço sincero, a palavra emocionada e carinhosa e a admiração genuína, chegavam também a inveja, a raiva, o preconceito com a cantora sertaneja marcando pontos num universo masculino. Naquele dia esses sentimentos foram palpáveis.

Já me vi trancada em um banheiro químico, cercada por dezenas de fãs que esmurravam a cabine para eu sair logo. Eu não podia abrir a porta porque estava passando mal, muito

mal. Já fui arranhada. Já me arrancaram cabelos. Às vezes tenho medo. Sou mulher. Sou humana. Posso ter feito um showzaço, mas, se no final não dei um sorriso para um fã que me esperava na saída, não valeu. Sempre há um julgamento em torno da minha pessoa. Sou mais baixa e mais miúda do que imaginavam; meu cabelo é mais escuro ou mais claro, meu nariz não é perfeito, sou antipática/sou simpática. Às vezes penso que artista nasceu para tirar nota cinco. Nunca vou agradar a todos. E, já que era assim, melhor ter vontade própria e assumir as consequências.

Houve muitas vezes que eu não fui suave, não fui acolhedora, fugi. Me julguem.

Em uma viagem, achei que fosse morrer.

Foi assim.

Eu tenho medo de voar. Muito medo. Mas isso não me impede de viajar de avião. Ao longo da carreira, eu já tinha viajado até 24 horas em um ônibus para me apresentar pelo interior do Brasil. Naquele momento, não era mais viável: tinha que ser avião mesmo. Então, eu embarco, me afivelo, fecho os olhos e encaro. Houve meses em que passei 33 horas dentro de aeronaves de diversos tamanhos, fazendo trajetos tão ilógicos quanto extenuantes, decididos pelo escritório que cuidava da minha agenda de shows antes de eu abrir a Jeito de Mato.

Havia épocas em que o cansaço era maior do que o pânico, então eu entrava no avião e capotava. Foi assim naquela tarde de 2012, quando embarquei num King Air alugado rumo a um show no Nordeste. Eu estava tão cansada que não via a hora de me acomodar na poltrona e desmaiar. O avião era antigo, mas parecia seguro e, por sorte, minha poltrona era a única que inclinava. Fechei os olhos e caí imediatamente num sono profundo. Acordei um tempo depois com a garganta irritada e uma vontade forte de tossir. Quando abri os olhos, a cabine do avião estava tomada por uma fumaça cinza. Meus músicos tossiam. Comecei a tossir. Cintia estava passando mal — mais tarde, ela sairia carregada da aeronave. Ninguém sabia o que

estava acontecendo. Demorou uma eternidade para descobrirmos que, como fazia frio na cabine, alguém tinha ligado o aquecedor, mas o sistema tinha um defeito que provocou a névoa dentro do avião.

Encomendei a alma a Deus.

Apesar da fumaça, o piloto conseguiu pousar com segurança. Eu me sentia asfixiada e, por incrível que pareça, com ódio de todo mundo. Minhas lágrimas caíam que nem chafariz. Que vida era essa que eu vinha levando? Achei que fosse o fim. Estava tossindo muito e sentia o corpo fraco. Alguém me amparou na saída do avião. Então escutei uma voz que parecia vir de muito longe, mas devia estar perto: "Vamos que daqui a pouco tem o show". Show? Lembrei por que estava ali. Dali a pouco eu teria que me apresentar bonita, feliz, vistosa e afinada para uma multidão.

Entrei no hotel pela porta dos fundos. No quarto, a imagem no espelho era a de uma mulher assustada, pálida, sem maquiagem, de cabelos despenteados. Eu não queria cantar. Meus olhos latejavam. Minha garganta doía.

Então, para minha surpresa, uma cartinha entrou suavemente por baixo da porta. Agachei, peguei e abri.

"Paula Fernandes, aqui quem escreve são seus ex-fãs. A gente veio te receber no hotel e você não se dignou a aparecer. A gente é que te deu todo o sucesso que você tem. Você é uma mal-agradecida."

Não havia assinatura.

Naquele ponto da carreira, eu já não era a artista que engole todos os sapos, magros ou gordos, vestidos ou pelados. A imagem das duas mulheres no shopping em Belo Horizonte voltou à minha cabeça. Na hora em que eu consegui me tornar apresentável de novo, maquiada, ainda meio rouca, fui até a entrada do hotel. Havia um punhado de fãs me esperando. Mostrei o envelope.

"Quem foi que me escreveu esta carta?"

Ninguém se manifestou. Repeti a pergunta.

“Fui eu.” Uma voz atrevida, cheia de uma coragem súbita. “Você tem que cuidar melhor dos seus fãs.”

Olhei para a pessoa e comecei a picar a carta em pedacinhos. E, enquanto rasgava, ia explicando, com raiva.

“Olhem, vocês não têm ideia do que aconteceu comigo hoje. Eu quase morri durante o voo. Achei que não chegaria hoje nem nunca para fazer show a vocês. Não me critiquem sem procurar saber o que houve.”

Virei as costas e entrei numa caminhonete — afinal ainda tínhamos um longo trajeto até a cidade do show. A antipática. Ainda ouvi alguém reclamando: “Mas o que que custa? É só uma foto”.

“É só uma foto” é a frase que mais ouço. Em geral ela me faz feliz. Atendo, sorrio, às vezes seguro o celular do fã para ajudar. Mas não naquele dia. O dia em que eu achei que fosse morrer num desastre aéreo.

Uma van nos acompanhava, com o restante do staff. Estávamos atrasados e já era noite. No caminho, uma estrada deserta, um breu, brota diante do nosso carro um homem aparentemente bêbado empurrando uma pequena moto. Reduzimos e desviamos, mas nosso motorista não acelerou após reconhecer o bêbado. De repente só ouvimos a freada da van que nos seguia, porém não havia mais tempo, e ela se chocou em nossa traseira. Choramos e trememos mais uma vez.

E não foi tudo. Jornalistas me esperavam na chegada, mas eu, muito atrasada para o show — por motivos óbvios —, não pude atendê-los. E eu ainda não tinha parado de tremer. No camarim, sentei no sofá e chorei sem parar, por muito tempo.

O atraso aumentando.

Sessenta mil pessoas lá fora. O clamor chegava ao camarim. “Paula, Paula!”

E eu chorando.

Alguém ajoelhado aos meus pés tentava me convencer a me aprontar. “Paula, você tem que ir. Tem muita gente te esperando.”

Não sei por quanto tempo chorei. Mas o fato é que aos poucos fui me acalmando. Entrei no banheiro, passei uma massa corrida no rosto, peguei o violão e a Paula Fernandes tomou conta do meu ser. Eu falei para a outra, aquela que tinha chorado, que não se recuperara do susto, que quase morrera no avião enfumaçado: "Agora você não existe mais. Com licença".

O show começou.

Cantei por meia hora. Os fãs faziam coral. Tudo lindo e apaixonante.

De repente, barulho de tiros, mais alto do que a música. Começou a confusão.

Fui tirada do palco.

Naquela noite, houve gente baleada e esfaqueada, resultado de uma briga. Os fãs não me perdoaram pelo show abreviado. A antipática. Tomara que hoje me entendam.

Cada qual a seu jeito, os fãs me expuseram a situações amorosas, delicadas, esquisitas. Às vezes, constrangedoras. Nunca uma igual à outra.

O rapaz tinha uns quarenta anos. Entrou no camarim com um arranjo de flores alto, imenso. E havia alguma coisa diferente nele que eu saquei na hora.

Abro parênteses para explicar que, estando na estrada desde os nove anos, basta um olhar para eu entender o que cada fã pretende quando entra no camarim ou fala comigo em alguma situação pública. Nem sempre foi assim, tanto que já ganhei até beijo no pé, sem tempo para reagir, mas hoje sou campeã de adivinhação de intenções de fãs.

Aquele rapaz estava muito perturbado. Tinha trazido um arranjo de flores imenso, quase da altura dele, um homem bastante alto. O segurança, ao lado da porta, estava atentíssimo. Minha equipe também percebeu a energia estranha. Eu toquei o arranjo, fiz foto com o fã e o segurança tinha se aproximado para conduzi-lo delicadamente para fora, quando o rapaz me

pediu que lesse o cartão. Dizia algo assim: “Te acho linda, maravilhosa, gostosa, sensual, sexual”. Sexual. Fiquei calada.

“Eu quero falar com ela em particular”, exigiu olhando firme para o segurança.

“Pode falar, aqui todo mundo é meu amigo”, eu disse.

Ele respirou fundo, olhou em volta e enfim desembuchou: “Queria que você me dissesse o que decidiu, porque tudo o que eu escrevi para você na internet é verdade”. Perguntei o nome dele, enquanto pensava no que responder. Ele continuou: “É tudo verdade. Me fale sua decisão. Se achar que não tem nada a ver, eu sigo minha vida sem você. Eu tô preso nisso”. A expressão do homem era uma mistura de ansiedade e ameaça. Em geral penso rápido, mas ali eu precisei de um tempo. O cara podia fazer qualquer coisa, a qualquer momento. Havia tanta tensão no ar que quase dava para pegá-la com a mão. Levei longos segundos para dizer:

“Não tem nada a ver.”

Ele virou as costas e foi embora.

Não esqueço de outra situação bem doida de camarim. A menina chegou aos prantos, como eu poucas vezes tinha visto. Tentei acalmá-la.

“Por que você está chorando assim?”, perguntei.

“Eu estou muito emocionada. Ganhei a promoção para conhecer você pessoalmente. A promoção da rádio... Nem acredito!”

“E o que foi que você fez para ganhar a promoção?”

“Raspei a sobrancelha”, ela explicou, aos soluços. Olhei e era fato: já estava até crescendo de novo, uma linha tênue de pelos clarinhos acima dos olhos inchados de tanto chorar. Ralhei com ela e só mais tarde entendi: a rádio anunciara que quem fizesse a maior loucura entraria no camarim.

Ela fizera a maior loucura. Melhor nem perguntar o que os outros tinham feito.

Há pedidos desconcertantes que chegam por escrito. Em um show em Belo Horizonte, Marcus Viana me procurou no camarim para entregar uma carta de um conhecido. Dizia:

“Paula, desculpe escrever esta carta. Estou separado depois de um casamento de 22 anos. Minha ex-mulher me largou e entrei em depressão. Foi quando comecei a ouvir suas músicas, e elas estão me curando. Então decidi inventar que estamos namorando, e minha avó, que é muito velhinha e torce pela minha felicidade, acreditou. Se alguém da minha família procurar você antes ou depois do show e perguntar se é verdade, eu pediria encarecidamente que você dissesse que sim. Assim não decepcionarei ninguém. Aliás, quando soube que você se apresentaria em BH disse que tínhamos terminado, que não deu certo. Obrigada. Atenciosamente”. E dava nome e sobrenome.

Por sorte, ninguém me procurou depois do show.

Houve situações em que eu tive que me esforçar para não entrar em pânico. Em 2012, apresentei em Goiânia um show da turnê *Meus Encantos*, a mais elaborada das que eu fizera até aquele momento. O cenário, maravilhoso, tinha saído da mente criativa de Gringo Cardia, o cenógrafo que, alguns anos antes, havia feito a concepção visual do espetáculo *Ovo*, do Cirque du Soleil, escrito e dirigido pela bailarina Deborah Colker. Para dar vida ao meu sonho de cantar em um palco teatral, que evocasse minhas origens rurais e minha conexão com a natureza, Gringo juntou elementos como cachoeira, uma pedra cenográfica, cavalos e uma meia-lua que se transformava em banco. À frente do palco, uma cortina de tule produzia efeitos fantásticos a partir de imagens projetadas. Era o palco mais lindo de toda a minha vida. Estava lá com meu violão, cantando feliz da vida, quando percebo o murmúrio que percorre a plateia e a voz bem próxima:

“Eu vou pular.”

Olhei para o meu lado esquerdo. Era uma fã que (até hoje não sei como) escalou a estrutura de ferro e pendurou-se num cabo de aço. Olhei para a moça, medi mentalmente a distância até o chão e pensei: “Se ela cumprir a promessa, vai se machucar feio”. Tentando manter o sangue-frio, pus o violão de lado e comecei a conversar com a fã dependurada:

“Ô, minha querida, desce daí. Vem aqui que eu quero te dar um abraço.”

A moça se balançou no cabo de aço.

“Desce, por favor. Quero você aqui no palco, cantando comigo.”

Foram longos minutos até que a moça atendesse aos meus apelos. Ela veio para o palco, cantou comigo e saiu, amparada pela minha produção. Desde esse episódio — e infelizmente houve outros parecidos —, insisto com meus fãs que gosto de carinho, de cartas, de abraços, mas peço que nunca arrisquem suas vidas por nada, por ninguém, porque a vida é sagrada.

Claro que há também situações de gentileza, cuidado e generosidade. Um pouco antes de encerrar este livro, fiz sozinha uma viagem de descanso para o Nordeste. Um fim de semana, nada mais. A volta para Belo Horizonte estava marcada para as 17h45 de segunda-feira, mas foi cancelada em cima da hora, e os passageiros acabaram remanejados para um voo no início da madrugada. Nesse meio-tempo, a companhia aérea nos hospedaria em um hotel nas proximidades do aeroporto.

Eu tinha viajado 100% sozinha. Estava apreensiva.

Então, um homem me abordou. Curiosamente, não me assustei. Pelo contrário: havia paz e confiança na voz dele. Tinha me reconhecido e era fã. Identificou-se como primo de um conhecido meu ali da cidade, e de fato era. Advogado trabalhista, comandava um grande escritório de direito mas também se formara em psicologia, e sua voz gentil trazia grande sensibilidade. Percebeu que eu estava inquieta.

Ele sorriu para mim. Meu sorriso para ele foi meio aflito. De alguma forma, ele entendeu tudo. A partir daquele momento, passou a se portar como o cuidador que era — o que eu só descobri depois, quando começamos uma conversa daquelas de que não se esquece. Cuidava da família, dos sobrinhos, dos irmãos e das irmãs com muito zelo. Naquela noite linda em um aeroporto no Nordeste, cuidou também de mim e organizou tudo para que eu me sentisse segura. Como morava na cidade de onde partiríamos, não precisava se hospedar no

hotel, mas me acompanhou até lá e ficou ao meu lado até que fosse a hora de retornar ao aeroporto. Despistava outras abordagens com paciência e educação. E, enquanto esperávamos — ele tomaria o mesmo voo, mas seguiria viagem para outra cidade depois de BH, minha parada —, me contou sua história.

Está casado há 28 anos com a mesma mulher. Conheceram-se porque ele trabalhava com bufês para festas e estava cuidando dos preparativos para o casamento dela... com outro. Um dia, ela o procurou para pedir que devolvesse metade do que tinham pagado porque não haveria mais casamento. Ele olhou para ela e brincou:

"Se for por falta de noivo, eu me candidato!"

Ela não gostou da piada. Brigou com ele e foi embora, pisando duro.

Ele tinha uma namorada, mas não a amava tanto assim.

Horas depois, no mesmo dia do episódio da devolução do dinheiro e da cantada, os dois se encontraram. Não sabiam, mas estudavam na mesma faculdade, ele cursando direito, ela economia. Era uma segunda-feira. Talvez terça. Na sexta, ele foi dormir na casa dela. Nunca mais se desgrudaram. Casaram-se no papel um ano depois e seguem apaixonados. Ela, calma, serena, calada, segundo me contou o marido. Ele, expressivo, falante e alegre. "A gente se completa", disse meu "guardião". Ele me contou que o amor, quando chega, apenas "é". Não tem meio-termo. Não mede consequências. Simplesmente chega e se instala.

Nos despedimos quando desembarquei em Belo Horizonte. Eu estava encantada: nunca tinha conhecido alguém que reunisse tantas qualidades. E parecia tudo verdade; não havia sinal de fingimento, de se passar pelo que não era. Acreditei que meu "guardião" era tudo aquilo.

No carro, a caminho de casa enquanto amanhecia, eu pensava nesse advogado gentil e espirituoso que tinha me amparado em uma situação inusual e que, ainda por cima,

reacendera minhas esperanças de amar de novo, intensamente e com alegria.

Esta é minha vida.

Estes são meus fãs.

Epílogo

Este livro termina em um grande momento da minha vida profissional e pessoal. Refletir sobre o lugar de onde vim, as coisas por que passei e o ponto aonde cheguei me enche de felicidade e (sei que a palavra anda gasta, mas aqui ela é precisa) gratidão. Tenho muito orgulho de ter aberto a trilha para que tantas mulheres chegassem à música sertaneja e cavassem seu espaço sem precisar desafiar o preconceito como eu desafiei. Havia mulheres na música rural, sim, e eram brilhantes e corajosas. As queridíssimas Inezita Barroso, Irmãs Galvão, Nalva Aguiar, As Marcianas, Roberta Miranda, Sula Miranda. Porém, eram raras; o sertanejo era um espaço ferozmente masculino quando eu comecei — talvez ainda seja um pouco, mas nem se compara com o que vivi no começo da minha carreira. Certa vez, em uma conversa com Dominguinhos, ouvi dele que, em sua época, cantar na noite era coisa de "mulher da vida", o que deve ter desencorajado sabe-se lá quantas jovens talentosas de seguir uma carreira artística. Mulher "direita" tinha que escolher a vida conjugal. "Ainda bem que isso mudou", disse-me ele.

Mudou, mas nem tanto. Quantas vezes ouvi que artista mulher era mau investimento para gravadoras? "Mais uma mulher?"; "Mulher não dá certo." Perdi a conta. Quanto tive que brigar por condições de trabalho que tinham a ver com o fato de eu ser mulher — os tablados esburacados dos palcos, os camarins abertos, tantos detalhes que não faziam diferença para os meninos, mas podiam me expor e até me ferir. Hoje

levo comigo a enorme responsabilidade de inspirar tantas meninas pelo Brasil afora — meninas que, como eu, têm o sonho de se expressar pelo canto e encontram um território mais livre e acolhedor do que eu encontrei quando me lancei. Como resultado do caminho que eu mesma ajudei a abrir, acabei redefinindo meu estilo musical, afastando-me um pouco do sertanejo tradicional e abraçando a canção romântica. Como componho minhas músicas, tinha todas as ferramentas para ampliar meus horizontes.

Como é muito comum com artistas mulheres, fui bastante assediada ao longo da minha carreira. Eram piadinhas e insinuações mais ou menos sutis, dependendo do lugar, do contexto, da posição social do assediador. Situações que eu evitava desconversando, alegando compromissos ou a necessidade de me preparar para o show. Sempre fui — ainda sou — cortês; nunca respondi com grosserias ou comentários cortantes. Eu repetia a saga da minha mãe, que me acompanhou nessa jornada e, mulher linda e empreendedora que era, foi, sim, convidada a muitos "testes do sofá". Recusou sempre — e jamais poderia ter agido diferente. Ela sabe que tem minha admiração e meu amor pela sua coragem e por todos os nãos que disse. Com o tempo, o assédio a mim foi encolhendo, e hoje é raríssimo que aconteça.

Muitos homens me ajudaram a construir meu sucesso. Meu pai, que no início da carreira me encorajou. Marcus Viana, que me pegou pela mão e me colocou nos trilhos do sucesso. Jayme Monjardim, Mariozinho Rocha e Marcel Klemm, que me deram tantas oportunidades (e tanta visibilidade) nas novelas da Rede Globo. E, no entanto, são as mulheres que estão sempre comigo nos momentos que mais preciso. Minha mãe, minha heroína. Cintia. Minhas tias Neuza e Cazilda. Bia, minha melhor amiga. Na chácara, meu refúgio na Grande BH, vivemos em uma espécie de Casa das Sete Mulheres, nome do romance da escritora gaúcha Leticia Wierzchowski que deu origem a uma minissérie linda da Globo, com direção de Jayme Monjardim e trilha de Marcus Viana. Bem, talvez não sejamos

sete, exatamente, mas somos mulheres que se uniram e construíram, juntas, uma rede de proteção, amizade e intimidade. Essas mulheres me cercam de amor e segurança, de risos e pequenos e grandes confortos. Faço o mesmo por elas sempre que precisam. Cuidamos umas das outras, respeitamos espaços e territórios e caminhamos mais fortes pela vida, lado a lado, porque nos unimos.

Na chácara também estão os animais que amo e que são parte fundamental da minha vida.

Floquinho, meu primeiro maltês, fará dez anos em breve. Foi um presente de Marcus Viana. Eu escolhi Floquinho em um canil em Contagem, na Grande BH, depois de ter pesquisado tudo sobre a raça, que era a dos meus sonhos. No canil, porém, havia vários filhotes da mesma idade — cerca de dois meses, quando os criadores fazem o desmame — e de raças diferentes: poodles, yorkshires, lulus-da-pomerânia e malteses. Fiquei dividida e me lembro de ter ligado para Marcus.

"Está difícil escolher", eu disse a ele, encantada com os bichos.

"Fique aí no meio deles que um vai te escolher", ele me aconselhou.

Fiz o que ele tinha dito, observando os filhotes e captando pistas sobre o comportamento de cada um. Floquinho era o mais aventureiro e alegre, em comparação com outros, que eram claramente medrosos, chorões ou apenas tristonhos. Acabei escolhendo aquele bichinho brincalhão, que parecia um floco de neve. Levei-o para o meu carro — o Corsa que tinha comprado de Marcus — e, preparada para o pior (esperava que passasse mal com a viagem), coloquei-o em uma caixa de papelão. No entanto, Floquinho apenas se acomodou e dormiu até chegarmos em casa. Entrou no meu apartamento como se sempre tivesse vivido ali. À noite, imaginei que choraria de saudade do canil. Floquinho nunca chorou; eu é que passei a noite em claro, observando-o dormir.

A chegada do Floquinho coincidiu com o início da minha vida de cantora itinerante. Viajava muito, e ele sentia a minha

falta — a ponto de precisar de medicamentos. É um animalzinho muito especial, sensível, que sabe quando estou triste e, de alguma forma, me acolhe e cuida de mim. Lilica, maltesa branca como Floquinho, chegou há dois anos na intenção de aumentar a família, mas ainda não se rendeu aos encantos de seu "prometido".

Há também meus cavalos, todos da raça manga-larga paulista: Sereno, que veio de Goiás, meu primeiro cavalo depois de adulta, outro sonho realizado; Mali, um tordilho (um tipo de pelagem); Egito, potro campeão em competições; e Amaluna, a única fêmea. Ganhei também um quarto de milha, Índio, que, clandestinamente, cruzou com Amaluna; só descobrimos a gestação quando a égua estava de dez meses. Chuva nasceu — como seu nome anuncia — em uma noite de tempestade. Eu estava em casa quando tive o pressentimento de que Amaluna ia dar à luz, então atravessei a distância entre a sede e as cocheiras sob um temporal. Cheguei lá ensopada, mas em tempo de prestar a primeira ajuda para o parto e avisar o veterinário. Meses depois, quando foi desmamada e apartada da mãe, a potrinha se aproximou de Charlotte, uma maravilhosa vaca da raça senepol que ganhei de presente de meu amigo Almir Sater e que acabou se tornando a mãe adotiva de Chuva.

Comecei minha carreira aos nove anos e hoje, com mais de duas décadas de estrada, posso dizer que vi transformações extraordinárias e imprevisíveis no mundo da música. Aos dez anos, gravei um disco de vinil. Com onze, meu primeiro CD. Assisti à ascensão da dobradinha CD-DVD e agora lanço minhas músicas em plataformas de *streaming*, uma de cada vez, oferecendo ao meu público tempo para saboreá-las antes de apresentar a próxima. Se antes trabalhávamos o conceito de álbum, com unidade de faixas e uma proposta coerente e clara para os fãs, hoje lançamos música em conta-gotas e lutamos

contra a instantaneidade dos sucessos do dia, da semana, às vezes até da hora.

No entanto, quando subo ao palco e canto músicas de dez, doze anos atrás, percebo sempre, de um jeito cada vez mais intenso, o poder, a força, o encantamento da música. Posso me calar; minha banda pode silenciar; e ainda assim o público continuará cantando "Pássaro de fogo", "Jeito de mato", "Sensações", "Traidor", "Beijo bom" e tantas outras canções deste e de outros tempos. Minha aposta é na qualidade das letras e do sentimento que eu expresso, sem vergonha de me expor, de mostrar e de cantar como me sinto. A música me escolheu, é para ela que vivo e é a ela que dedico meus próximos anos de carreira.

Não significa que cantar será minha única senda artística. Em junho de 2018, a convite do diretor Fabrício Mamberti, fiz um pequeno papel em uma novela da Globo, *Deus Salve o Rei*, de Daniel Adjafre e Ricardo Linhares. Não cantei; interpretei. Eu era uma princesa grávida do seu grande amor, um plebeu, a quem foi oferecida a chance de "reparar o erro" casando-se com outro homem, chance que ela rejeitou. Adorei a experiência e me emocionei profundamente ao dizer os breves diálogos da princesa. Precisei chorar em cena, e fiz isso naturalmente, como se minha alma chorasse por aquela história de amor inconclusa. Fui elogiada e recebi cada palavra de estímulo com muita humildade, como um empurrão para não desistir de mais essa possibilidade, mais esse presente que talvez a vida esteja me oferecendo.

E uma reflexão antes de terminar

Trinta e um de agosto de 2018. Coloco o ponto-final nestas memórias três dias depois do meu aniversário, com direito a festa a fantasia e tudo mais. Recebi meus amigos, dancei, me diverti e fui feliz.

Estou muito mais tranquila, mais serena. Acho que amadurecer é isso. Eu me sinto amada e também realizada no trabalho.

Olho o relógio: são 16h17. Estou na chácara onde me refugio sempre que estou em Belo Horizonte, cercada pelas pessoas que amo. É claro que tenho a sensação de que faltaram muitas histórias, mas estou exercitando minha capacidade de não ser tão perfeccionista, porque, do contrário, este livro não sairia. Sabe como é.

No mais, o que espero é que venham novos momentos, novos sorrisos, novas emoções e, assim, canções; novas conquistas, histórias, alegrias. Quem sabe eu não demore para ter uma família, um marido e uma filha apenas, que é o meu desejo.

Mas o futuro a Deus pertence e, neste instante, só tenho a agradecer pelo dom da vida e do som. Pelo discernimento e pela lucidez que tenho. Por minha família linda e por tudo o que passei, de bom e de ruim, porque fizeram de mim a guerreira que sou.

Certa vez, Victor Chaves me disse que minha maior qualidade era a pureza. Hoje tenho convicção de que ele estava certo.

A vida sorriu para mim porque eu sorri para ela.

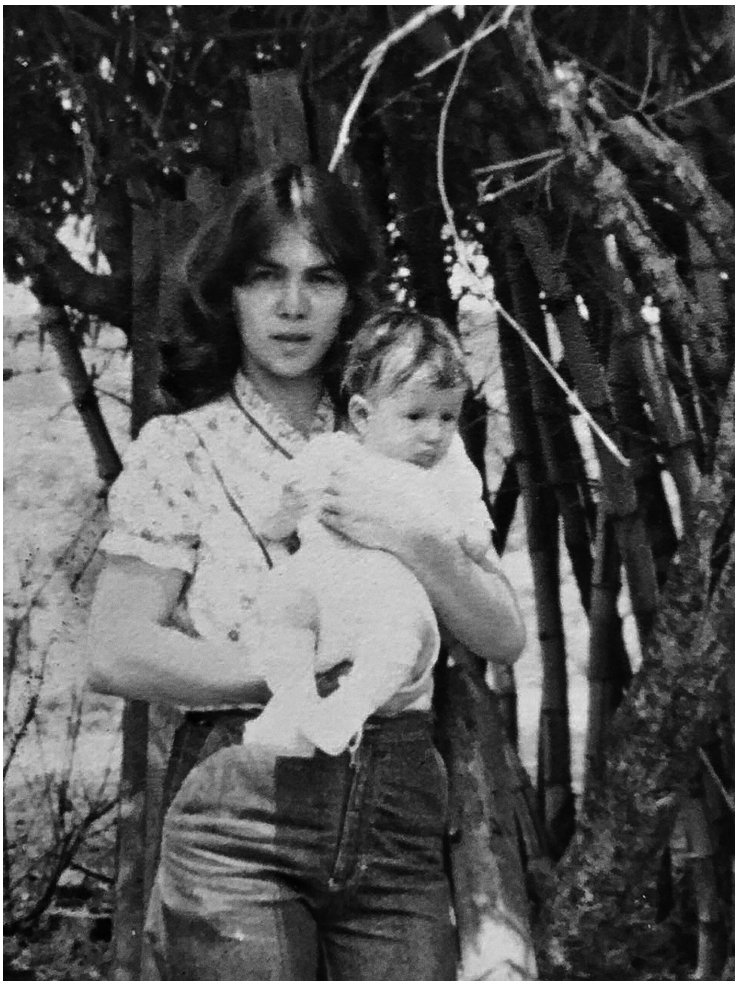
Agora vou me preparar para uma cavalgadinha aqui. Na volta, vou tomar um banho, lanchar, acender minha lareira, pegar minha agulha e as linhas do crochê... Preciso mais do quê? O sossego da minha casa, com minha gente amada, meus dois cães sentadinhos aos meus pés, o calor do fogo para me aquecer e a vida que segue, todo dia um dia, toda noite uma noite.

Este não é um livro de autoajuda, mas não resisto a dizer que vivo cada dia com intensidade e alegria. Tudo está apenas começando.

E que venham os próximos capítulos desta minha vida linda.

Deus nos abençoe!

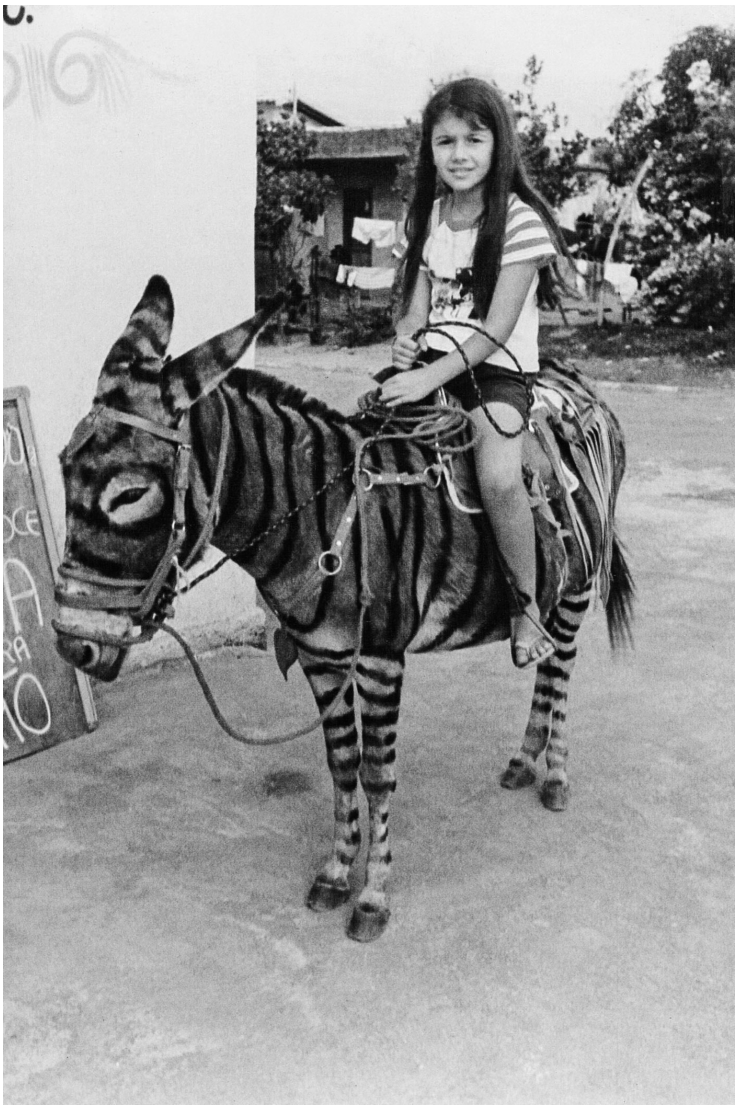
Como é bom viver!



Com a mãe, Dulce, no sítio às margens do rio Cipó, em Sete Lagoas.

Aos dois anos, na casa de parentes em Contagem.

Brincadeiras no sítio com o irmão, Nilmar.



Com seis anos, em Sete Lagoas.

Na formatura do jardim da infância em Sete Lagoas, com roupa costurada pela mãe, Dulce.

O primeiro vinil, que se chamou apenas *Paula Fernandes*.

Apresentando-se em barzinho em Cotia.

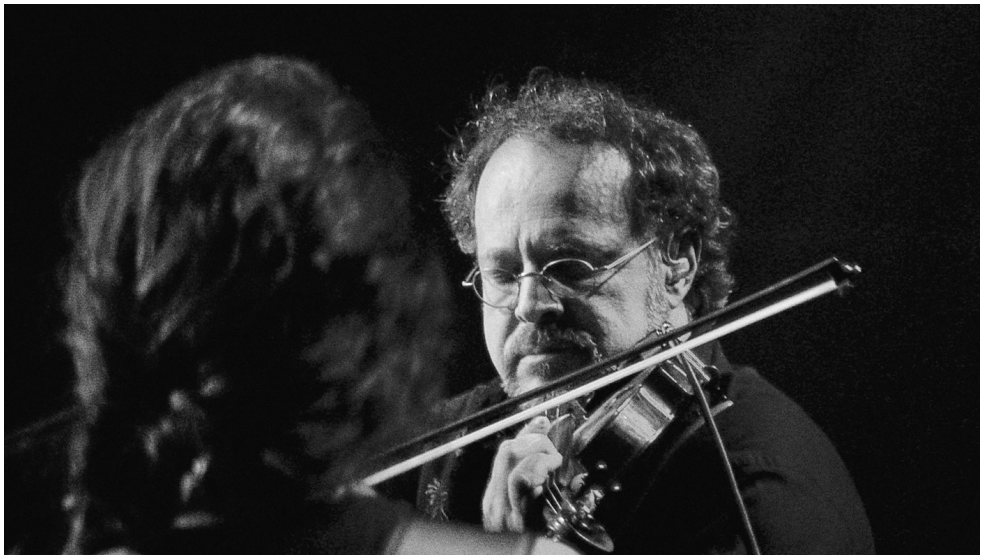
Em foto feita para divulgação do vinil *Paula Fernandes*.

Foto que ilustrou a capa do primeiro CD, *Voarei*, gravado sob o pseudônimo Ana Rayo.

Em Casa Branca, no quarto onde compôs “Meu eu em você”.

Com Daniel Silveira, o diretor artístico da Universal (à dir.) e José Eboli, presidente da gravadora, na assinatura do primeiro contrato.

Na gravação do DVD *Paula Fernandes ao vivo* , com a dupla Victor e Leo.



Com Marcus Viana, no DVD *Paula Fernandes ao vivo*.

Dueto com Almir Sater em “Jeito de mato”, canção que entrou na trilha sonora do remake da novela *Paraíso*, da Globo.

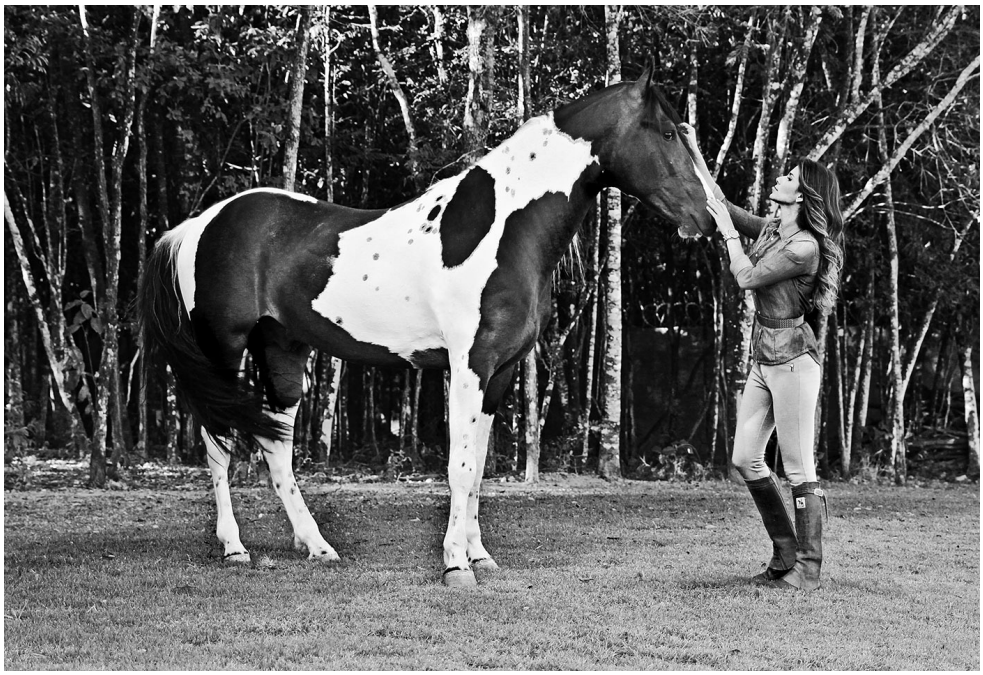
Cantando ao vivo com Roberto Carlos na praia de Copacabana, no show que mudou tudo.

Com Taylor Swift, em 2012, no Rio de Janeiro, interpretando “Long Live”, um grande sucesso da cantora americana.

O encontro com Shania Twain em Las Vegas, em 2013 — um sonho realizado.

Gravação do DVD *Amanhecer ao vivo*, em 2016. O álbum *Amanhecer* levou o Grammy Latino na categoria sertanejo.

Com o manga-larga Sereno no sítio atual da cantora, na Grande Belo Horizonte.



No programa *Tamanho Família*, da Globo, em 2017. A partir da esquerda, Cintia, a prima que se tornou assistente pessoal, Paula, Dulce e Nilmar.

Show da turnê *Amanhecer* em Póvoa do Varzim (Portugal), em 2018.

Com Dulce, em ensaio fotográfico de 2018.

Agradecimentos

PAULA

Numa jornada longa e cheia de desafios, encontrei muitas portas fechadas e entreabertas, que me ensinaram sobre conquista e descoberta. Nessa caminhada, foi uma honra ter ao meu lado pessoas que me apoiaram, se doaram, sonharam junto e investiram sua energia do bem em prol da minha arte, da minha missão e, assim, da minha felicidade.

Agradeço à minha família, aos amigos e aos companheiros de trabalho, sem citar nomes, para não esquecer de ninguém.

Agradeço aos meus fãs — pois ter fãs é como despertar pela manhã e descobrir um lindo dia de sol para brincar e se divertir!

Amor de fã é para sempre. Sei disso porque já são anos e anos de estrada, fazendo shows pelo Brasil e pelo mundo e alimentando sonhos, meus e de tantos que têm tão poucos sonhos; e meus fãs sempre lá, tão fiéis, a me seguir. Eles são a razão do meu cantar!

Quero que saibam que eu é que sou fã deles. Sinto gratidão e amor imensuráveis por aqueles que me acompanham, me cobrem de boas energias e fazem das minhas canções a trilha sonora preferida de suas vidas.

SIBELLE

Agradeço a Yara Azevedo Prandi pelas conversas lúcidas sobre depressão e a Marcus Viana, Daniel Silveira e Eduardo

Araújo pelas lembranças compartilhadas dos momentos com Paula.

Créditos das imagens

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 21: Acervo pessoal
12 e 13: Guto Costa
14: Daniel Silveira
15: AgNews
16: Carolina Vianna
17: Eduardo Levy/ Janeiro Filmes
18, 19 e 20: Lucas Uroz/ Jeito de Mato
22: Matheus Koelho/ Jeito de Mato
23: Marlos Bakker

Nascida em Sete Lagoas, interior de Minas Gerais, PAULA FERNANDES venceu o Grammy Latino de melhor álbum sertanejo de 2016. Teve milhões de CDs e DVDs vendidos no Brasil e no exterior — sozinho, *Paula Fernandes* ao vivo, lançado nesses dois formatos em 2011, superou a marca de 1 milhão de cópias em seis meses. Mora em um sítio na Grande Belo Horizonte.

OficialPaulaFernandes
paulafernandes7
paulafernandes
PaulaFernandesVEVO

SIBELLE PEDRAL é jornalista, com mais de vinte anos de experiência. Trabalhou como repórter da revista *Veja* e redatora- chefe da revista *Claudia*. Desde 2012 coordena projetos editoriais e escreve livros. Vive em São Paulo.

Copyright © 2018 by Paula Fernandes e Sibelle Pedral

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E CADERNO DE FOTOS Joana Figueiredo
FOTO DE CAPA Marlos Bakker
PREPARAÇÃO Silvia Massimini Felix
REVISÃO Luciane Helena Gomide e Marise Leal
ISBN 978-85-545-1292-7

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br
facebook.com/editoraparalela
instagram.com/editoraparalela
twitter.com/editoraparalela

Paula Fernandes
com Sibelle Pedral
Pássaro de fogo
Minha história